



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Thayse Smek Uberna

A vivência intencional do fruidor em OntoArte – aproximações fenomenológicas

**UBERLÂNDIA
2024**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



Thayse Smek Uberna

A vivência intencional do fruidor em OntoArte – aproximações fenomenológicas

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Processos Psicossociais em Saúde e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Tommy Akira Goto
Coorientador: Prof. Dr. Bruno Fleck da Silva

**UBERLÂNDIA
2024**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com dados
informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

U14 2024	Uberna, Thayse Smek, 1994- A vivência intencional do fruidor em OntoArte - aproximações fenomenológicas [recurso eletrônico]: - /Thayse Smek Uberna. - 2024. Orientador: Tommy Akira Goto. Coorientador: Bruno Fleck da Silva. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Psicologia. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.307Inclui bibliografia. Inclui ilustrações. 1. Psicologia. I. Goto, Tommy Akira, 1976-, (Orient.). II. Silva, Bruno Fleck da, 1990-, (Coorient.). III. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Psicologia. IV. Título. CDU: 159.9
-------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos
Ferreira - CRB6/3074



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico/ número 454, PPGPSI				
Data:	Vinte e oito de março de dois mil e vinte e quatro	Hora de início:	09:00	Hora de encerramento:	11:10
Matrícula do Discente:	12122PSI033				
Nome do Discente:	Thayse Smek Uberna				
Título do Trabalho:	A vivência intencional do fruidor em OntoArte: aproximações fenomenológicas				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Fenomenologia, Ontopsicologia e Formação humana.				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Contribuições da Fenomenologia à Psicologia: investigação fenomenológica dos fenômenos psíquicos				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Vitor Chaves de Souza - UFPB; Patrícia Wazlawick - AMF; Tommy Akira Goto, orientador da candidata. Ressalta-se que todos os membros da banca participaram por web conferência, sendo que o Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza participou da cidade de João Pessoa - PB, a Profa. Dra. Patrícia Wazlawick participou do Recanto Maestro - RS, o Prof. Dr. Tommy Akira Goto participou da cidade de Uberlândia - MG e a discente Thayse Smek Uberna participou da cidade Curitiba - PR, conforme a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos, o presidente da mesa, Prof. Dr. Tommy Akira Goto, apresentou a comissão examinadora a candidata, agradeceu a presença do público e concedeu à discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação

interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presenteata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Tommy Akira Goto, Presidente**, em 28/03/2024, às 11:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art.6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vitor Chaves de Souza, Usuário Externo**, em 02/04/2024, às 11:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Patrícia Wazlawick, Usuário Externo**, em 03/04/2024, às 11:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5164426** e o código CRC **F6B5E492**.

Referência: Processo nº 23117.009327/2024-11



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



**A vivência intencional do fruidor em OntoArte – aproximações
fenomenológicas**

Texto para banca de defesa de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: *Processos Psicossociais em Saúde e Educação*.

Orientador: Prof. Dr. Tommy Akira Goto

Coorientador: Prof. Dr. Bruno Fleck da Silva

Banca Examinadora

Uberlândia, 28 de março de 2024

Prof. Dr. Tommy Akira Goto (Orientador)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dr. Bruno Fleck da Silva (Coorientador)

Antonio Meneghetti Faculdade – Recanto Maestro, RS

Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza (Examinador)

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa, PB

Prof. Dra. Patrícia Wazlawick (Examinadora)

Antonio Meneghetti Faculdade – Recanto Maestro, RS

**UBERLÂNDIA
2024**

RESUMO

A presente pesquisa englobou a vivência intencional do fruidor em OntoArte, apresentando as aproximações com a Fenomenologia. No percurso histórico acerca do conceito da intencionalidade ressaltou o início do uso do conceito apresentado pela Escolástica, seguindo das concepções de Avicena e Averróis na Filosofia Medieval, sendo abordada anos mais tarde por Brentano pela concepção psicologista, e então, com a mudança de concepção de ciência, a partir da Crise das ciências europeias, o conceito passa a ser compreendido de outro modo na Fenomenologia de Edmund Husserl, e anos mais tarde a Ontopsicologia também resgata a questão da intencionalidade e Meneghetti apresenta os tipos de intencionalidade. Seguiu-se então, para a compreensão teórica da vivência intencional desenvolvida por Husserl, conhecendo como esta acontece e quais as suas premissas, conectando-a a arte informal. E na sequência buscou-se elucidar a OntoArte como uma Filosofia da arte, então se desenvolveu um percurso histórico de como foi desenvolvida, bem como, ilustrou-se com algumas imagens de obras de arte o que é uma pintura da OntoArte de Meneghetti, desenvolvendo então, questões acerca da estética, da fruição, da metafísica, da percepção corpórea, e do critério organísmico como pontos essenciais para o fruidor realizar uma vivência intencional artística, sendo capaz de colher a sinalética dada pelo artista em sua obra de arte. Para tanto, se teve como objetivo geral: explicitar a relação entre a Psicologia, a Fenomenologia husserliana e a Ontopsicologia, mais especificamente a questão do esclarecimento da vivência psíquica artística descrita na OntoArte. E como objetivos específicos: explicitar a relação da Fenomenologia com a Ontopsicologia, focando a questão da intencionalidade. Analisar, a partir da fenomenologia husserliana, a vivência intencional da arte dada pela relação entre arte informal. Descrever aspectos teóricos da vivência artística proposta pela OntoArte. A questão de pesquisa que pretendeu-se responder foi buscar a questão da vivência intencional no viver estético, presente na OntoArte, no sentido de esclarecer seus enraizamentos psicológicos, permitindo assim, uma compreensão mais clara acerca do tema. Para tanto, foi utilizado como método o teórico-bibliográfico apresentado por Lima e Mioto (2007) com caráter qualitativo. Se teve como base os autores chave: Husserl e Meneghetti utilizando suas obras originais que delinearam a temática central da vivência intencional e da fruição em OntoArte, como contou-se com diferentes expoentes da Fenomenologia, os quais: Bello (2009/2017), Goto (2015), Silva (2012), Serra (2022), Spiegelberg (1963), Torrez (2016), Uzelac (s.d), Xirau (2015), Zilles (2007), Zahavi (2015), e outros. Para o entendimento do conceito de intencionalidade Averróis e Avicena da Filosofia Medieval, e Brentano da Psicologia, e utilizou-se os dicionários de Filosofia e Ontopsicologia para esclarecer com precisão diferentes conceitos. Por fim, pode-se apresentar nas considerações finais que a vivência intencional pode ser uma fruição artística, e que a OntoArte é um meio estético para que a vivência intencional aconteça e constitua a fruição estética, sendo o fruidor o sujeito capaz de colher a sinalética dada pelo artista ao objeto que é resultado da intencionalidade do artista resultando na obra de arte.

PALAVRAS-CHAVE: Consciência de; Filosofia da arte; Estética; Metafísica.

ABSTRACT

This research encompassed the intentional experience of the art beholder in OntoArt, highlighting its connections with Phenomenology. In the historical journey concerning the concept of intentionality, starting from its usage in Scholasticism, followed by the conceptions of Avicenna and Averroes in Medieval Philosophy, then addressed later by Brentano with the psychological conception, and subsequently, with the shift in the conception of science during the Crisis of European Sciences, the concept comes to be understood differently in the Phenomenology of Edmund Husserl, and years later, Ontopsychology also retrieves the question of intentionality, with Meneghetti presenting the types of intentionality. The theoretical understanding of intentional experience developed by Husserl was then pursued, learning how it occurs and what its premises are, connecting it to non-figurative art. Following this, OntoArt was elucidated as a Philosophy of art, thus a historical journey of its development was developed, as well as illustrated with some images of artworks to showcase what an OntoArt painting by Meneghetti is like, then developing questions about aesthetics, fruition, metaphysics, bodily perception, and the organismic criterion as essential points for the art beholder to carry out an intentional artistic experience, being capable of gathering the signaletic given by the artist in their artwork. Therefore, the general objective was to clarify the relationship between Psychology, Husserlian Phenomenology, and Ontopsychology, more specifically the issue of elucidating the artistic psychic experience described in OntoArt. And the specific objectives were: to clarify the relationship between Phenomenology and Ontopsychology, focusing on the issue of intentionality. To analyze, based on Husserlian phenomenology, the intentional experience of art given by the relationship between "non-figurative" art. To describe theoretical aspects of the artistic experience proposed by OntoArt. The research question aimed to address was to seek the question of intentional experience in aesthetic living, present in OntoArt, in order to clarify its psychological roots, thus allowing a clearer understanding of the topic. To this end, the method used was the theoretical-bibliographical one presented by Lima and Mioto (2007) with a qualitative character. It was based on key authors: Husserl and Meneghetti using their original works that outlined the central theme of intentional experience and fruition in OntoArt, as different exponents of Phenomenology were considered, such as Bello (2009/2017), Goto (2015), Silva (2012), Serra (2022), Spiegelberg (1963), Torrez (2016), Uzelac (s.d), Xirau (2015), Zilles (2007), Zahavi (2015), and others. For the understanding of the concept of intentionality, Averroes and Avicenna from Medieval Philosophy, and Brentano from Psychology were used, and Philosophy and Ontopsychology dictionaries were consulted to clarify different concepts accurately. Finally, in the final considerations, it could be presented that intentional experience can be an artistic fruition, and that OntoArt is an aesthetic means for intentional experience to occur and constitute aesthetic fruition, with the beholder being the subject capable of gathering the signaletic given by the artist to the object that results from the artist's intentionality resulting in the artwork.

KEYWORDS: Consciousness; Philosophy of art; Aesthetics; Metaphysics.

Sumário

RESUMO.....	7
AGRADECIMENTOS.....	11
1 INTRODUÇÃO	13
2 PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA	22
ESTUDO I	24
A RELAÇÃO DA FENOMENOLOGIA COM A ONTOPSICOLOGIA, A QUESTÃO DA INTENCIONALIDADE	24
INTRODUÇÃO	25
1 Breves considerações acerca da intencionalidade.....	26
1.1 Premissas históricas iniciais acerca da intencionalidade.....	27
1.2 O conceito de intencionalidade na Fenomenologia de Edmund Husserl	35
1.3 O conceito de intencionalidade na Ontopsicologia.....	40
1.4 Os tipos de intencionalidade na Ontopsicologia	50
2 A contribuição da Fenomenologia pura de Edmund Husserl para a <i>práxis</i> de Antonio Meneghetti na Ontopsicologia	60
Considerações gerais	61
ESTUDO II.....	66
A FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA: A VIVÊNCIA INTENCIONAL E A RELAÇÃO COM A ARTE INFORMAL	66
INTRODUÇÃO	67
2.1 A vivência intencional na Fenomenologia de Husserl	67
2.2 A vivência intencional e a relação com a arte.....	79
Considerações gerais	81
ESTUDO III.....	85
A FRUIÇÃO ESTÉTICA: PERSPECTIVAS NA FENOMENOLOGIA E NA ONTOPSICOLOGIA	85
INTRODUÇÃO	86
3.1 Breve histórico sobre a OntoArte do artista italiano Antonio Meneghetti	87
3.2 Da Ontopsicologia à OntoArte	94
3.3 O fruidor em OntoArte – a fruição do belo do ser.....	100
3.4 A estética na vivência artística do fruidor	106
Considerações gerais	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS.....	129

À vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço por esta grande oportunidade, pelas aprendizagens durante o caminho percorrido, e pelo que significa historicamente este estudo.

Agradeço à vida pelos desafios apresentados, que foram vencidos e que geraram crescimento. O visto não pode ser desvisto, o conhecimento e a capacidade de inteligência são motivadores a seguir em frente.

Agradeço à Profa. Dra. Carmen D'Agostini Spanhol, que, antes mesmo de iniciar este processo de aprendizagem, incentivou-me a arriscar e fazer dar certo, porque nada é por acaso, apenas intencionalidade.

Agradeço ao orientador Prof. Dr. Tommy Akira Goto, que, com paciência e muito amor ao trabalho, aceitou a minha pesquisa, orientou o caminho a ser percorrido e, dessa dedicação, mais um fruto dos estudos e da pesquisa se origina com este trabalho.

Agradeço também ao Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza e à Profa Dra. Patrícia Wazlawick, pelas questões, pelas indicações de leitura, pelos apontamentos e direcionamentos, pois contribuíram de forma valiosa com esta pesquisa.

Agradeço ao Prof. Dr. Bruno Fleck da Silva, pelas indicações e orientações, que, colocadas em prática, deram certo.

Agradeço à diretora Alessandra Maria Vassoler Marques, pela paciência e atenção, por ter me auxiliado de forma valiosa neste período desafiador, fazendo com que fosse possível conciliar o trabalho com os estudos.

Agradeço à Fundação Antonio Meneghetti pela cessão de uso das imagens de obras de arte de Meneghetti, que são valiosas para esta pesquisa, e à Antonio Meneghetti Faculdade pelo incentivo ao estudo.

Por fim, agradeço à minha mãe, aos meus irmãos, aos colegas da graduação em Ontopsicologia, aos colegas *online* do mestrado, às colegas de trabalho da educação infantil, pela companhia e incentivo nesse período de estudos, que, mesmo sendo um processo único e solitário, há sempre as pessoas que de algum modo colaboram.

“Toda a vida se assenta na previsão, na indução” (Husserl, 2012, p. 40).

“Cada um de nós tem o seu Natal, cada um de nós tem o seu Ano Novo, independentemente do sol, da lua, das estrelas, do equador. Existe um Natal do espírito, existe um Natal da própria identidade pessoal. Portanto, o Natal é algo de intrínseco ao modo de ser Em Si ôntico. Existe um Natal exclusivo para cada um de nós, para cada Em Si ôntico” (Meneghetti, 2020, p. 154).

1 INTRODUÇÃO

O matemático e filósofo Edmund Husserl (1859-1938), ao criticar a orientação positivista de ciência para se investigar a subjetividade humana, a partir da Fenomenologia, reconheceu uma série de limitações, principalmente metodológicas, na pesquisa em Filosofia e da Psicologia. Assim, retomando alguns dilemas epistemológicos, as investigações fenomenológicas trouxeram diversas contribuições que possibilitaram grandes avanços não só na Filosofia, mas também em diversas Ciências Humanas, colhidas por outros cientistas que se depararam nas mesmas problemáticas (Goto, 2015). Esse é o caso da Psicologia, que, por exemplo, ao “nascer” como ciência natural, deparou-se com certos problemas metodológicos e epistemológicos ao adotar o modelo da ciência positivista (Husserl, 1954/2012a).

Sobre essa questão, Husserl (1954/2012a), em seus últimos escritos denominados *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*, ao retomar histórico-epistemologicamente o problema do objetivismo fisicalista, pôde, a partir da pesquisa da subjetividade humana, encontrar o que denominou de “mundo-da-vida” (*Lebenswelt*), ou seja, o mundo originário das experiências subjetivas, das experiências pré-científicas, na qual “é permanente em seu valor de ser e é fundamento de valor de todos os projetos cognoscitivos ou das teorias científicas” (Vidor, 2013, p. 29).

O mundo-da-vida é um mundo originário, pré-científico, não teórico, o reino do subjetivo que alicerça originariamente o ser humano em sua trajetória propriamente humana, mas que nenhuma ciência objetiva com seu método pode alcançar. Por isso, conforme afirma Husserl, para se chegar ao mundo-da-vida é:

. . . preciso o estabelecimento da nova direção de interesses, e, com isso, em sua *epoché* rigorosa, ele é um primeiro título intencional, um índice, um fio condutor para a réplica acerca das multiplicidades dos modos de aparição e suas estruturas intencionais. Um novo direcionamento do olhar, no segundo nível de reflexão, conduz ao polo do eu e ao polo do que é próprio à sua identidade (Husserl, 1913/2014, p. 175).

Mediante as análises fenomenológicas da subjetividade, Husserl pôde delinear sua Fenomenologia, mas isso também o levaria a conceber uma verdadeira e autêntica Psicologia, denominada pelo filósofo como “Psicologia fenomenológica”, que, como ciência psicológica fundada fenomenologicamente, é capaz de esclarecer rigorosa e metodologicamente a vivência psíquica humana, subjetiva e em sua evolução espiritual.

Essa fundamentação fenomenológica da Psicologia e em geral das ciências, possibilita, no entendimento de Husserl (1954/2012a), a renovação cultural e científica no estabelecimento de uma nova humanidade, baseada em um ideal personalístico (humanístico), em cujos fins está o próprio ser humano.

Husserl (1954/2012a) apresenta os motivos e as causas que levaram à crise das ciências europeias. O autor descreve que: “a crise de uma ciência não diz nada menos que o seguinte: a sua cientificidade genuína, todo o modo como ela definiu a sua tarefa, e, para isso, formou a sua metodologia, se tornou questionável” (Husserl, 1954/2012a, p. 01).

Essa questão é válida para a Psicologia, Filosofia, Ciências Positivas, da Matemática pura ou das Ciências Exatas e da Natureza. Nesse contexto de “crise da Psicologia” como uma das expressões da crise das ciências, tal como diagnosticou Husserl (1954/2012a), tornou-se urgente a necessidade de uma Psicologia mais humana.

Depressa iremos perceber que a questionabilidade de que a psicologia padece, não só nos nossos dias, mas há séculos – a “crise” que lhe é própria –, tem um significado central para o aparecimento de incompreensibilidades enigmáticas e insolúveis nas ciências modernas, até mesmo das ciências matemáticas e, em ligação com isso, para o surgimento de um tipo de enigmas do mundo que eram estranhos às épocas anteriores. Todos eles remetem para o enigma da subjetividade, e estão, assim, inseparavelmente relacionados com o enigma da temática e do método psicológicos (Husserl, 1954/2012a, p. 03).

No ano de 1972, a Ontopsicologia, é formalizada enquanto ciência. É oriunda de árduos anos de pesquisa e da prática clínica realizada pelo pesquisador/fundador italiano Antonio Meneghetti (1936-2013), que partiu da crise das ciências e do homem irresoluto na condição existencial e antropológica do ser humano. Após anos do percurso científico realizado, “desde o início dos anos 1990, orienta cada vez mais o seu pensamento em sentido

sociológico, destacando a importante relação homem-sociedade e privilegiando – em conformidade com a sua intenção inicial – a psicologia da autorrealização e da criatividade, o homem líder” (Meneghetti, 2010, p. 12), ou seja, cada individuação¹ tem a sua capacidade de ser criativo.

A Ontopsicologia nasceu na reunião de Paris, que aconteceu sem financiamentos públicos, às próprias custas dos psicólogos em 1956 pelos seguintes expoentes: Rogers, May, Maslow, Sutich, que se encontravam em uma crise e afirmaram que precisavam resolver problemas de psicologia avançada e afrontar a chamada “quarta força”.

Para Meneghetti, “o ensaio de Husserl influenciou muito, mas eu não cheguei à solução porque havia estudado Husserl . . . A Ontopsicologia nasce de uma evidência interna à obra clínica bem-sucedida” (Meneghetti, 2010, pp. 111-112). Dessa forma, tem-se a clareza da continuidade dos apontamentos científicos apontados por Husserl em suas diferentes obras, bem como, a contribuição teórica da Fenomenologia para a Ontopsicologia.

E ainda, a Fenomenologia é fundamental seja pela contribuição epistemológica e seja pelo método e pela dialética com a Ciência Ontopsicológica, sendo que no texto: “O nexos ontológico na Fenomenologia das ciências”, presente no Manual de Ontopsicologia (2010), Meneghetti disserta que o “livro a crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental, representa a preparação crítica para poder compreender a Ontopsicologia” (Meneghetti, 2010, p. 499).

Quer dizer, por mais que de forma indireta Meneghetti tenha desenvolvido a Ciência Ontopsicológica, para se compreendê-la, se faz indispensável estudar a obra de Husserl. Todavia, a contribuição da Fenomenologia de Husserl, se dá a partir de diferentes conceitos, sendo um deles o mundo-da-vida, essencial para a compreensão da Ontopsicologia.

A Ontopsicologia já conta com cinquenta anos de atuação em diferentes países e tem como objeto de estudo a atividade psíquica do ser humano, pois “Ontopsicologia significa a psicologia do ser no homem. Isto é, qual é o modo de adaptação e de individuação do ser no tipo de existência homem” (Meneghetti, 2012, p. 31). Logo, essa ciência está “no âmbito das correntes modernas da psicologia contemporânea, inscreve-se no filão da Psicologia

¹ Individuação: Este conceito, para Meneghetti (2015b), “é um sapato, um nariz, etc., ou seja, qualquer coisa que configuramos ou vemos unida em si mesma e diversa e distinta de todo o resto”. E ainda, individuação: a ação das divisões. Além dessas, outra explanação do autor sobre o conceito: “Por “individuação” entendo a configuração individuada de uma ação existencial, no aspecto humano, em evolução” (Meneghetti, 2014).

humanista-existencial, mas pressupõe integralmente a perspicaz pesquisa da psicanálise ortodoxa e os comportamentos da física nuclear em relação aos módulos complementares das vetorialidades subatômicas” (Meneghetti, 2010, p. 19). É resultante de estudos, verificações e constante progresso contínuo, acerca do homem e da psicologia do inconsciente. Ainda, Ontopsicologia é a

coexistência, em um único intento, de dois planos: um fundante crítico-ontológico (filosófico), outro especificamente psicológico. A Ontopsicologia clarifica a posição do homem neste universo: fenômeno no precipitado físico em contínuo diálogo aberto com o próprio intrínseco sentido-destino no horizonte do Ser (Meneghetti, 2010, p. 422).

Quando o ser humano vive o seu projeto de natureza, tem como resultado do escopo a realização do projeto, que como fim, chega à sua autorrealização, a felicidade. Como exemplo, pode-se entender a criatividade e o viver estético manifestado pelo contato direto com o ontológico. Assim, para Meneghetti, a Ontologia é “o estudo, análise, discurso, racionalidade, critério atinente ao real, ao ser e a qualquer fenômeno seu” (Meneghetti, 2012, p. 190), mas também “é a doutrina que estuda os caracteres fundamentais do ser: os que todo ser tem e não pode deixar de ter, adentrando a teoria da substância em Aristóteles” (Abbagnano, 2007, p. 662).

A pessoa precisa continuamente viver para ser, para criar, inventar, operar, inventar modos de exaltação, triunfo e satisfação, pois, para a autorrealização humana, é preciso construir-se diariamente objetivando o crescimento como pessoa, no aqui, agora e assim. Nessa trajetória antropológico-existencial, cuja autorrealização se mostra criativa e estética, e que é possível o sentido último de mim mesmo, abriu-se na Ontopsicologia o movimento artístico intitulado “OntoArte”, que é uma aplicação estética no campo humano, que visa a “qualquer obra artística que pressuponha funcionalidade à realização e sanidade do homem e estética edênica” (Meneghetti, 2020, p. 07).

O viver estético, por exemplo, é o vivenciar a “metafísica da arte”, um ponto alto que muitas pessoas não alcançam por estarem na *doxa* e não no *mundo-da-vida*. Nesse viver estético, revela-se um ponto fundamental da Fenomenologia husserliana, pois, corroborando

essa questão, “o objeto da arte é a estética: a forma de tudo que é o mundo-da-vida” (Meneghetti, 2020, p. 15).

Desse modo, retomando a premissa de Husserl de “que o mundo-da-vida é mundo de todos”, temos na Ontopsicologia a interpretação que todo ser humano é capaz de “fenomenizar” a transcendência. Ou seja, a “substância intencional é recuperada após as diversas subtrações dos fenômenos, das imagens, dos comportamentos etc., isto é, após essas múltiplas purificações se chega à essência. Essência significa ação com ser. É a ação específica daquilo que, de outro modo, se chama alma” (Meneghetti, 2010, p. 502). Na sequência, o autor explica que:

. . . tudo o que os nossos sentidos percebem é fenômeno . . . as nossas operações lógicas ou intelectuais são Fenomenologia, não constituem objetividade pura. Os nossos atos de vontade, as nossas memórias são Fenomenologia. A nossa consciência, a nossa reflexão – como quer que essa seja, interior ou íntima – é Fenomenologia, isso é, através desta não atingimos aquela origem constitutiva do mundo-da-vida (Meneghetti, 2010, p. 502).

Logo, poucos alcançam esse mundo-da-vida, que é o mundo da intuição, da subjetividade de cada um. Então, ao alcançarmos o mundo-da-vida perceberemos as intencionalidades, ou seja, “a causalidade que produz efeitos sem aparições de si mesma, age dentro dos próprios fenômenos, dentro dos próprios efeitos, mas jamais é constatável diretamente” (Meneghetti, 2010, p. 501).

Uma das intencionalidades presentes é a estética, que é uma intencionalidade que permite a criação em ato, promotor da beleza, da ordem, da vontade de vida. Ainda, é adentrando nas “Fenomenologias artísticas” que são expressas as técnicas da arte, como, por exemplo: pintura, gravura, escultura, arquitetura, desenho, a moda, a dança, a música entre outras formas de expressão” (Meneghetti, 2020, p. 32), as quais advêm da escolha. Logo “se escolho aquela arte, pensamento, forma, ideia, intuição e imaginação que dá prazer, dá conforto, sustento a todas as melhores mentes” (Meneghetti, 2020, p. 53). Isso significa que, segundo Meneghetti (2020), a autêntica e verdadeira arte é aquela cujo objeto deve transmitir “autogênese ao fruidor”, ou seja, uma função criativa e espontânea que transcende o estabelecido pelas normas e padrões.

A criatividade é a proposição de novos caminhos, perspectivas, acontecimentos, ou seja, é um agir superior no plano de maturidade comum, que na sua “especificidade ao incidir dessa Fenomenologia do espírito, enquanto a mesma vida, originariamente, nasce por um princípio de arte” (Meneghetti, 2020, p. 55), que se torna história, somatiza e tornar-se existência. Assim, ao adentrar na metafísica da arte, que acontece por meio do signo e de aspectos mais elevados da percepção e da inteligência, podemos, então, “encontrar o sentido último de mim mesmo” (Meneghetti, 2020, p. 59).

Todavia, para buscar o sentido da razão, o projeto que motiva a nossa existência aqui e agora, precisamos reencontrar a primeira intencionalidade, que não está dada na matéria, mas, sim, na qualificação da causa anterior. Logo, essa vida é um desejo do mundo-da-vida. Na arte, encontramos “uma dimensão infinita de formais líricos e de visão intelectual” que tem como objeto de estudo a estética, que é “a forma de tudo que é o mundo-da-vida; o sujeito, o mediador, o instrumento é o homem, como artista e fruidor” (Meneghetti, 2020, p. 15). Nessa perspectiva ontopsicológica acerca da arte e do mundo-da-vida, explana-se:

O mundo-da-vida é um mundo inquietante do qual faz parte seja Deus, seja o homem. Tem uma ordem psíquica e, na sua máxima expressão, é ordem estética, isto é, beleza. É infinito e o homem colhe somente algumas coisas dessa infinita beleza. O mundo-da-vida é um básico de emoções, de cores, de luzes, de lutas, de sombras, de tempo, de espaço, de intencionalidade, mas também de posse interior (Meneghetti, 2020, p. 15).

Nesse sentido, temos pela arte a possibilidade de cada ser se exaltar e saber de modo edênico o mundo-da-vida, tal como descrito por Husserl. Essa área da Ontopsicologia, a OntoArte, deu-se pelo próprio movimento artístico de Meneghetti, aproximadamente nos anos de 1981. A partir de sua vivência estética, pôde partir da crítica objetiva do fenômeno estético e ressignificar o campo da arte com contribuições de aspectos filosóficos, metafísicos e ontológicos. O movimento artístico OntoArte se constitui como a “Arte do Ser”, que visa à explicitação da intencionalidade ontológica humanística, ou seja, a recuperação metafísica da existência, delineando assim “o concreto a uniformizar verdade, beleza e ação na criação contínua” (Meneghetti, 2020).

No estudo, será objetivado que a OntoArte é uma disciplina, uma aplicação da Ciência Ontopsicológica, tendo, assim, como objeto da pesquisa, o Ser, o Em Si, que é o “vivente do mundo-da-vida”, e, dessa forma, pode “ser capaz de participar desse mundo pânico ou panteísta para colher essas mensagens, esses comunicados que são vias do espírito” (Meneghetti, 2020, p. 17).

Diante dessas breves considerações, temos, na Ontopsicologia, a postulação de que a vivência humana, a vivência intencional, o fenômeno-transcendência, o resgate do mundo-da-vida, a criatividade, a metafísica da arte e a ontologia são condições essenciais para retomar o sentido último de mim mesmo e encontrar a autorrealização humana. Para tanto, no desenvolvimento teórico da Ontopsicologia, a Fenomenologia husserliana, desde a compreensão de vivência intencional até o diagnóstico da crise das ciências, está na base teórico-conceitual, principalmente na apropriação da experiência de ser. E, ao abrir-se a possibilidade de uma OntoArte, a partir do mundo-da-vida e como uma das possibilidades de resgatar o próprio ser, desvelam-se as “Fenomenologias artísticas”. Está dado aí o caminho da Fenomenologia à Ontopsicologia.

Desse modo, esta pesquisa tem como problemática buscar a questão da vivência intencional no viver estético, presente na OntoArte, no sentido de esclarecer seus enraizamentos psicológicos, permitindo, assim, uma compreensão mais clara acerca do tema. A partir da explanação temática, a presente pesquisa tem a intenção de explicitar a relação entre a Psicologia, a Fenomenologia husserliana e a Ontopsicologia, mais especificamente, a questão do esclarecimento da vivência psíquica artística descrita na OntoArte.

Assim, para compreender essa questão, propõe-se como objetivos específicos: a) explicitar a relação da Fenomenologia com a Ontopsicologia, focando a questão da intencionalidade; b) analisar, a partir da Fenomenologia husserliana, a vivência intencional da arte dada pela relação entre arte informal e as vivências intencionais; e, por fim, c) descrever aspectos teóricos da vivência artística proposta pela OntoArte.

Desse modo, o presente estudo se justifica em diferentes sentidos. Um sentido é que se tem em vista que a Ontopsicologia possui a atuação de cinquenta anos de pesquisa científica, estudo e trabalho em diferentes áreas de atuação profissional e de aplicação prática. Outro sentido é que a temática da pesquisa: Fenomenologia, Ontopsicologia e formação humana, é a primeira no país a englobar a Ontopsicologia em um programa de mestrado, iniciado em 2021. Dessa forma, essa ciência vem inaugurando novos campos de estudo e,

assim, por se tratar de um estudo sobre a vivência intencional do fruidor de OntoArte, o tema precisa receber maior atenção e ser devidamente explorado. Então, dada a sua relevância científica e o caráter interdisciplinar, neste estudo interliga-se a Psicologia, a Fenomenologia e a Ontopsicologia.

Além disso, no sentido teórico, a interdisciplinaridade entre a Psicologia, a Fenomenologia e a Ontopsicologia, além de ser recente, apresenta as contribuições de Husserl, que dialogam com a teoria científica desenvolvida pela Ontopsicologia. Desse modo, este estudo se justifica por trazer à tona esse diálogo científico, em que os autores se fazem presentes pelo seu legado deixado à humanidade, ou seja, os problemas e contributos evidenciados pelos autores ainda aparecem no contexto atual. Logo, buscar uma melhor compreensão dos seus apontamentos teóricos pode permitir que o conhecimento científico avance, por estar em contínua discussão e buscar respostas para os questionamentos.

Em sentido social, a vivência intencional do fruidor em OntoArte é um tema relevante no campo da Psicologia, pois traz consigo implicações sociais significativas. A OntoArte, enquanto forma de expressão artística que busca explorar a essência do ser, possibilita ao fruidor uma experiência profunda e autêntica de conexão consigo mesmo e com o mundo ao seu redor. Ao analisar a vivência intencional do fruidor nesse contexto, podemos compreender melhor os processos psicológicos envolvidos na fruição artística e como isso influencia a vida do indivíduo.

Além disso, a OntoArte pode servir como uma ferramenta de formação pessoal, proporcionando ao fruidor uma voz e uma maneira única de se relacionar com o mundo, promovendo a inclusão social e a valorização da diversidade e a divulgação da arte como meio de expressão humana. Portanto, essa investigação contribui para uma compreensão mais profunda das complexidades da experiência humana.

Sabe-se que cada expressão artística, seja a pintura, o desenho, a escultura, uma música, uma peça teatral, uma apresentação de dança, tem os seus significados, e que o espectador pode estar num papel de fruidor, ou seja, se há presença, o fruidor pode ter uma autorrevelação, e ainda, num sentido perceptivo positivo, três percepções, quais sejam a “ideia, a emoção e a experiência subjetiva” (Meneghetti, 2020, p. 188). Desse modo, o objeto da OntoArte revela ao fruidor que é capaz de perceber.

Na Plataforma CAPES de Teses e Dissertações (Brasil, 2022), por exemplo, em uma pesquisa em seu banco de dados, ao buscar a palavra “Ontopsicologia”, foram encontradas doze

pesquisas, sendo sete dissertações de mestrado e cinco teses de doutorado. Todavia, somente uma delas aborda a temática deste estudo, a qual intitula-se *Intencionalidade e intersubjetividade. Da psicologia intencional de Husserl a Ontopsicologia*, com a autoria de Denise Bee e tendo sido defendida em 1992, na área da Filosofia. Isso nos mostra que a temática proposta não foi abordada na Psicologia, além de que fazem trinta anos desde que o tema foi discutido e não mais estudado em pesquisas acadêmicas publicadas no Brasil.

Agora, acerca do conceito “intencionalidade em Husserl”, na mesma plataforma, foram encontrados 1.407 trabalhos entre teses e dissertações, de forma geral, em todas as áreas do conhecimento. Quando se refinam os resultados para “ciências sociais aplicadas”, chega-se a 125 estudos (Brasil, 2022).

O termo intencionalidade aparece entre as 50 obras aproximadamente lançadas por Antonio Meneghetti, contudo o autor tem cinco obras que explicitam o termo com mais profundidade, sendo elas: *Monitor de deflexão na psique humana* (2017), *A psicossomática na ótica da Ontopsicologia* (2020), *OntoArte: o Em Si da arte* (2020), *Fisicidade e Ontologia: A relação crítica entre física nuclear e Ontopsicologia* (2015d), *Genoma ôntico* (2013a) e *Dicionário de Ontopsicologia* (2012).

Nessas obras citadas, o conceito é apresentado pelo autor, para aprofundamento do entendimento e compreensão, e nas demais obras o termo é utilizado a fim de explicar alguma questão teórica da Escola Ontopsicológica. Cabe ressaltar, ainda, que o termo “intencionalidade”, tanto na dissertação de Bee (1992) quanto em outras obras de intérpretes, como Vidor (2013, 2014), está associado à Fenomenologia, à intersubjetividade, à subjetividade, à objetividade e aos campos semânticos.

Diante do contexto atualmente exposto, este estudo desempenha um papel fundamental na produção de contribuições científicas e teóricas de grande relevância. Quando Meneghetti apresenta, no *Dicionário de Ontopsicologia* (2012), apenas seis tipos de intencionalidade, mas nas suas obras aparecem outras quatro, verifica-se que há campo para elucidar saberes, como é apresentado pelo autor que o conceito de intencionalidade, ainda é pouco tensionado e abordado.

Além disso, sua importância se estende à esfera social, uma vez que a pesquisa aprofunda e questiona teorias já existentes, a fim de proporcionar uma compreensão mais abrangente e aprimorada de temas complexos e de difícil apreensão. Com uma abordagem sistemática e rigorosa, a partir da pesquisa acadêmica, pode-se analisar suas premissas,

conceitos e aplicações, visando contribuir com uma compreensão sobre a temática. Outrossim, pode contribuir com certos conhecimentos que visam a uma sociedade com mais cultura e ciência, sendo mais humanística; afinal, o ser humano é o centro de tudo.

2 PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA

Esta pesquisa utilizou o método qualitativo à pesquisa teórico-bibliográfica, porque tem como “finalidade colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto” (Markoni e Lakatos, 2008, p. 57).

Esse tipo de pesquisa possibilita meios que definem e resolvem não somente problemas conhecidos para a Fenomenologia e a Ontopsicologia, mas nos permite ir além, avançar e explorar novas áreas nas quais os problemas não foram cristalizados, possibilitando ao pesquisador novas análises e propiciando “o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (Markoni e Lakatos, 2008, p. 57). Serão utilizados os livros como fontes de referência informativa, com o que se busca diretamente.

Seguir-se-ão os procedimentos do processo de condução da temática, partindo do método teórico-bibliográfico. A primeira fase de procedimentos é a caracterização do objeto de estudo, ou seja, as vivências intencionais do fruidor na OntoArte.

Pautado em Lima e Miotto (2007), dar-se-á sequência aos passos essenciais do método bibliográfico a ser utilizado: a) Elaboração do projeto de pesquisa: apresenta-se com a formulação do problema e o plano que visa buscar as questões formuladas; b) Investigação das soluções: diz respeito à coleta da documentação, levantamento da bibliografia e levantamento das informações contidas nessa bibliografia; c) Síntese integradora: é o processo de apreensão do problema, a investigação, a visualização de soluções e a síntese do que foi encontrado, o resultado da busca.

Para realizar a etapa do item “c”, tem-se como base alguns parâmetros, os quais:

Parâmetro temático: as obras relacionadas ao objeto de estudo, ou seja, obras referentes a Fenomenologia de Edmund Husserl, a Ontopsicologia e a OntoArte de Antonio Meneghetti, e artigos e pesquisas científicas que englobem a temática.

Parâmetro linguístico: Serão utilizadas obras traduzidas para a língua portuguesa, escritas em espanhol, italiano e inglês. Foram consultados os livros base dos autores, como as seguintes obras: *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*

(1954/2012a), *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (1913/2014), de Edmund Husserl, e *Manual de Ontopsicologia* (2010, 2022), *OntoArte: o Em Si da arte*, (2020) de Antonio Meneghetti. Outros recursos teóricos a serem utilizados serão dicionários para esclarecimento de conceitos, artigos científicos publicados em revistas, anais de congressos, bem como, dissertação de mestrado.

Parâmetro cronológico: obras de Husserl (1859-1938), esse é o período de vida, o ponto será as obras escritas por ele; obras de Meneghetti (1936-2013), período de vida em que escreveu as obras e as publicou, as quais foram recentemente revisadas; e, então, as pesquisas atuais, publicadas entre 1992 e 2023.

A técnica utilizada será a leitura, que passará por diferentes modos de investigação, os quais: leitura exploratória, para conhecer os materiais que contêm as informações para a pesquisa; leitura seletiva, que delimita quais serão as obras; leitura reflexiva ou crítica, será selecionado o que é pertinente ao tema; e, por fim, a leitura interpretativa, a que se destinará mais tempo, pois é nesse ponto que se relaciona as ideias das obras com o problema, investigando as soluções, os conceitos-base e as considerações relevantes para compreender o objeto do estudo.

Abaixo, seguem as etapas relacionadas ao percurso de pesquisa:

- Listagem do material bibliográfico: classificação do material, fonte da pesquisa, roteiro de leitura e tabela dirigida;
- Levantamento das informações: coleta do material bibliográfico. A priori, livros dos autores principais, seguidos por dissertações e periódicos sobre o tema;
- Análise explicativa das soluções: dados encontrados;
- Síntese integradora das soluções: caracterização do objeto de estudo, leitura das obras selecionadas que não foram utilizadas na conceituação, mas que trazem informações pertinentes à pesquisa.

Esclarece-se, então, o movimento circular da pesquisa bibliográfica que consiste nas seguintes etapas: apreensão dos objetivos, observância das etapas, leitura, questionamentos, interlocução crítica com o material bibliográfico e apreensão das múltiplas questões que envolvem o objeto de estudo. É circular, pois pode ser necessário voltar a alguma etapa

prevista, caso se depare com a falta de algum ponto não suscitado, e a escrita da pesquisa, seguida por revisões de conteúdo e revisão ortográfica.

ESTUDO I

A RELAÇÃO DA FENOMENOLOGIA COM A ONTOPSICOLOGIA, A QUESTÃO DA INTENCIONALIDADE

Resumo: Esta pesquisa contempla um caráter interdisciplinar, pois interliga-se a Psicologia, a Fenomenologia de Edmund Husserl e a Ontopsicologia fundada por Antonio Meneghetti. Tem-se por objetivo explicitar a relação da Fenomenologia com a Ontopsicologia, focando a questão da intencionalidade. Utilizando o método qualitativo à pesquisa teórico-bibliográfica, foram utilizadas as obras referências dos autores, bem como, outros autores que explicitam a temática da intencionalidade fenomenológica que foi resgatada de Aristóteles e da escolástica, por Brentano, até o momento que Husserl resolveu rebater a tese e as argumentações feitas em cima do conceito, desenvolvendo a sua concepção de intencionalidade. Anos mais tarde é desenvolvida a concepção do conceito intencionalidade na ótica da Ciência Ontopsicológica, que apresenta diferentes tipos de intencionalidade, assim chegando à aplicação da intencionalidade na OntoArte. Esta pesquisa apresenta, por fim, a contribuição da Fenomenologia pura de Edmund Husserl para a *práxis* de Antonio Meneghetti na Ontopsicologia. As respostas acerca da temática em questão foram encontradas no referencial teórico, mas não esgotadas, ressalta-se, por esse motivo, que o estudo pode continuar. Para tanto, nas considerações gerais, chega-se à conclusão de que, para Husserl, a intencionalidade é “consciência de...” e, ainda, dá origem à consciência psicológica e, para compreendê-la, é necessário conhecer o mundo-da-vida e a *epoché*. Já para Meneghetti, intencionalidade é “o fim onde a ação faz vetorialidade”, trazendo outra compreensão desse conceito, ilustrando com exemplos práticos e explicando os diferentes tipos de intencionalidade, bem como, acenando outras intencionalidades.

Palavras-chave: *Conhecimento; Psicologia; Consciência; Husserl;*

Abstract: This research encompasses an interdisciplinary character as it connects Psychology, Edmund Husserl's Phenomenology, and Ontopsychology founded by Antonio Meneghetti. The objective is to elucidate the relationship between Phenomenology and Ontopsychology, focusing on the issue of intentionality. Employing a qualitative method through theoretical and bibliographic research, the reference works of the authors were utilized, along with other authors who elaborate on the theme of phenomenological intentionality, which was traced from Aristotle and scholasticism by Brentano until the moment when Husserl decided to counter the thesis and arguments surrounding the concept, developing his own conception of intentionality. Years later, the conception of the intentionality concept is further developed in the perspective of Ontopsychological Science, which presents different types of intentionality, ultimately leading to the application of intentionality in OntoArt. Finally, it presents the contribution of Edmund Husserl's pure phenomenology to Antonio Meneghetti's praxis in

Ontopsychology. Answers regarding the theme in question were found in the theoretical framework but not exhausted, emphasizing that the study can continue. Therefore, in the general considerations, it is concluded that for Husserl, intentionality is the “consciousness of...” and gives rise to psychological consciousness. To understand it, one must know the lifeworld and epoché. Meanwhile, for Meneghetti, intentionality is “the end where action creates vectoriality,” providing another understanding of this concept, illustrating with practical examples, explaining different types of intentionality, and suggesting other intentionality.

Keywords: Knowledge; Psychology; Consciousness; Husserl.

INTRODUÇÃO

Para iniciar as possíveis aproximações acerca da relação da Fenomenologia com a Ontopsicologia, de forma a atingir o objetivo elencado de explicitar a relação da Fenomenologia com a Ontopsicologia, focando a questão da intencionalidade, inicia-se o estudo partindo de Brentano, que foi o mestre de Husserl, para então fazer uma viagem na História partindo de algumas das diferentes concepções do conceito da intencionalidade, para, então, poder aprofundar-se na concepção apresentada por Husserl e, por fim, chegar na concepção apresentada por Meneghetti na Ontopsicologia.

Sabe-se que foi a partir de Franz Clemens Honoratus Hermann Brentano (1838-1917) que Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938) conheceu e aprofundou a concepção de “intencionalidade”, que originalmente se aproximava da concepção de *intentio* dos escolásticos, mas que, em Brentano, foi desenvolvida como “a noção de intencionalidade em relação aos atos psicológicos” (Coelho, 2002).

Mais tarde, ao fundar a Fenomenologia, Husserl manterá a ideia central da intencionalidade, porém fazendo modificações importantes, a partir de uma crítica ao psicologismo, principalmente ao psicologismo brentaniano, elevando a intencionalidade psicológica para o campo transcendental, no qual a consciência constitui o mundo e a si mesmo.

O termo “intencionalidade” vem do latim *intentionalitas*, “Referência de qualquer ato humano a um objeto diferente dele: p. ex., de uma ideia ou representação à coisa pensada ou representada, de um ato de vontade ou de amor à coisa querida ou amada” (Abbagnano, 2007, p. 576). Esse conceito foi reelaborado pela Escolástica de 900 a 1200-1300, que utiliza o conceito de *intentio*. “Distinguindo-a por vezes da espécie inteligível pela sua indiferença à

ausência ou à presença do objeto e pelo fato de abstrair das condições materiais sem as quais esta última não existe na natureza” (Abbagnano, 2007, pp. 576-577), ou seja, a intencionalidade é uma das características do conhecimento humano. É uma forma de identificação entre a ideia e o objeto. Sendo assim, os conceitos mentais compreendem de forma abstrata os objetos materiais, pois são antecedentes. Ainda, cabe trazer a seguinte ressalva

A noção de *intentio* não é importante apenas porque está presente em várias discussões de metafísica e teoria do conhecimento, mas também há uma discussão sobre a verdadeira origem da noção de intencionalidade, ou seja, se já há essa noção na filosofia aristotélica, ainda que de modo obscuro, ou se sua origem é de fato medieval porque exprime um modo de pensamento, que será praticamente abandonado na modernidade. Sem esse conceito tornar-se-iam impossíveis as correntes fenomenológicas do século XX (Nunes, 2022, p. 26).

A Fenomenologia tem, ainda, este grande papel de resgatar a noção de intencionalidade que estava em desuso por anos e, atualmente, é um conceito discutido fortemente nos âmbitos acadêmicos.

1 Breves considerações acerca da intencionalidade

Para tratar da questão da intencionalidade, serão apresentadas as premissas históricas para os diferentes autores que se dedicaram a estudar o tema, e se explanará de forma breve suas elaboradas teorias acerca da questão. Visa-se esclarecer o uso do conceito de intencionalidade que é abordada neste estudo, para tanto,

a intencionalidade nada tem a ver com intenção no sentido de propósito, de orientação prática da vida, de ter ou não a intenção de fazer isto ou aquilo. Significa, simplesmente, . . . toda percepção é percepção de uma coisa percebida; todo pensamento, de uma coisa pensada; todo desejo, de uma coisa desejada; todo amor, de uma coisa estimada, todo *cogito*, de um *cogitum* (Xirau, 2015, p. 157).

Em outras palavras, explica-se o conceito de intencionalidade entendido pela Psicologia, pela Fenomenologia e pela Ontopsicologia. Aqui, a palavra intencionalidade não tem a mesma acepção da palavra utilizada no senso comum e no modo que os dicionários de língua portuguesa apresentam, utilizando-se, assim, para o estudo, as definições de intencionalidade no *Dicionário de Filosofia* (Abbagnano, 2007) e no *Dicionário de Ontopsicologia* (Meneghetti, 2012).

Cabe lembrar que o conceito de intencionalidade foi estudado por diferentes autores, os quais Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), Avicena (980-1037), Averróis (1126-1198), São Tomás de Aquino (1225-1274), Guilherme de Ockham (1285-1347), Franz Brentano (1838-1917), Edmund Husserl (1859-1938), Kazimierz Twardowski, (1866–1938), Martin Heidegger (1889-1976), Max Ferdinand Scheler (1874-1928), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e Antonio Meneghetti (1936-2013). Não serão abordadas todas as concepções dos autores acima mencionados, pois não se visa ao esgotamento temático, e não é o objetivo central deste estudo, contudo alguns destes autores foram estudados a fim de atingir o objetivo elencado.

Para tanto, como Edmund Husserl está na base da idealização da Ciência Ontopsicológica, esse autor será a base central deste estudo, pois “para compreender a objetiva Ontopsicologia, será necessário ter a premissa teórica do pensamento husserliano” (Meneghetti, 2012, p. 503). A Ontopsicologia se pautou em alguns dos conceitos fenomenológicos como *epoché*, mundo-da-vida, intencionalidade, e outros que serão citados ao longo do estudo.

1.1 Premissas históricas iniciais acerca da intencionalidade

Os filósofos escolásticos concebiam a intencionalidade “para indicar o caráter representativo do objeto imanente em relação ao objeto exterior, e portanto, para designar a consciência como luminosa, como tendo um sentido relativamente a esse objeto” (Coelho, 2002). Ainda, os escolásticos da Idade Média caracterizavam o objeto intencional da consciência como “imagens”, como objeto mental, a intencionalidade era um fenômeno psicológico no interior do sujeito (Junior, 2002).

Avicena, nome latinizado de *Ibn Sina* (980-1037), foi um polímata persa comentador de diversas obras de Aristóteles, mas que também produziu suas próprias obras. Além disso,

“o *Livro da alma* foi traduzido para o latim antes que o *De anima* de Aristóteles” (Genz, 2016, p. 432), ou seja, teve-se acesso à sua obra antes de se ter acesso à obra de Aristóteles. Além disso, Avicena desenvolve a ideia de intencionalidade e transmite-a à Escolástica, que teve larga permanência na história da Filosofia, chegando até Brentano, Husserl e Scheler.

Em sua teoria, Avicena usou o termo para explicar a relação entre os objetos e o sujeito. Para tal, “o homem é um ser aberto às coisas; estas por si mesmas tendem também para o ser; um e outras possuem uma intencionalidade metafísica” (Jaime, 1998, p. 390). Dentro desse mecanismo do conhecer, Avicena desenvolveu toda a sistemática das intenções, distinguindo-as entre: intenções sensíveis, inteligíveis e *non sensatas* ou intermediárias, e entre primeiras e segundas intenções e as intenções formais e objetivas.

Para melhor compreensão e entendimento da metafísica aviceniana, a sua teoria da intencionalidade se faz essencial. O autor desenvolve a distinção real entre a essência e a existência. Começa por uma distinção conceitual e parte aplicando a teoria da intencionalidade e realizando uma distinção real. Portanto, mesmo que genericamente,

a intenção pode ser descrita como tudo aquilo que se considera um sensível ou sensação por acidente acompanhado da percepção de uma forma material. Após compreender os sentidos de intenção, cabe investigar o seu estatuto ontológico, ou seja, se existe independente da estimativa, ou se determina na relação entre a faculdade e o existente percebido ou ambos os casos (Sousa, 2014, p. 70).

Avicena afirma que a estimativa “percebe as intenções não sensíveis existentes nos sensíveis particulares” (Avicena, 1959, p. 45), e reitera “ela conserva e percebe as intenções não sensíveis que estão nos sensíveis particulares” (Avicena, 1959, p. 45). Essas citações dão a impressão de indicar que existem de forma independente da percepção que o indivíduo realiza. Pode-se citar um exemplo, quando o cordeiro vê um lobo em seu caminho ou *habitat* e foge, é uma apreensão que o animal no primeiro contato ou impressão que tem ao ver o lobo, sente que a sua sobrevivência ali está em perigo, logo vê o lobo como um “perigo” em seu ambiente.

Portanto, ao perceber, pelos sentidos, a forma do lobo acompanhada das qualidades sensíveis, a estimativa o liga com o perigo e o cordeiro fica em estado de alerta, tendo, como

instinto imediato, a fuga. O que nos faz observar a sua existência independente da intenção e que pode estar vinculada à forma material dos sensíveis particulares.

Agora, explica-se, segundo Avicena “o que são intenções?”. Para o autor, as intenções existem nos objetos sensíveis, como no exemplo do cordeiro. Este é um ponto crucial que distingue a doutrina de Avicena de muitas outras teorias sobre intenção e intencionalidade: a intenção não está no indivíduo que percebe, mas no objeto. Esse exemplo é explicitado de outra forma pelo autor: “a estimação obtém as intenções que estão nos objetos sensíveis” (Avicena, 1959). Avicena também usa a expressão que alguém ou a faculdade de alguém percebe uma intenção no objeto: o cordeiro percebe uma intenção no lobo e reage sobre a sua percepção.

Logo, nota-se que a reação do cordeiro é percebida apenas por um sentido interno, mesmo que estivesse no objeto sensível. Portanto, reconhece-se a existência das intenções independentemente do indivíduo, ou seja, independentemente de o cordeiro ter aparecido no caminho do lobo, o lobo já tinha a intencionalidade de caçar para alimentar-se. No caso do cordeiro que percebe o lobo, o perigo que é apreendido não é um tipo de cor, figura, som, sabor ou uma outra propriedade material do lobo, é percebida a intenção da ação do lobo, que está implícita. Logo, a “intencionalidade é interpretada como a existência mental da forma ou quididade que é percebida pela alma do perceptor” (Lima, 2009, p. 30). Essa citação explica o exemplo trazido sobre o cordeiro e o lobo.

Na sequência histórica dos estudos sobre a intencionalidade, outro autor que teve destaque foi Averróis (*Ibn Rushd*) (1126-1198), que era um polímata e filósofo na tradição islâmica medieval. Averróis rejeita a base metafísica da compreensão de Avicena da intencionalidade. Esse autor sustentou:

a tese de que as intenções, sensíveis, imaginadas ou inteligíveis; que essas formas dos objetos que conhecemos podem existir de algum modo em nossa alma, donde se diz que as formas cognoscíveis possuem dois sujeitos. Um sujeito, o “sujeito da verdade”, é o objeto do qual a cognição faz referência, de onde se extrai a verdade ou falsidade de uma intenção; em outras palavras, a própria coisa fora da mente. O outro sujeito, o “sujeito da existência”, é a faculdade na qual a forma existe enquanto intenção, seja nos sentidos, na imaginação ou no intelecto (Lima, 2009, pp. 29-30).

Averróis sustentava que a percepção das intenções é distinta das sensações humanas e a posicionou nas faculdades cogitativa e na memória. Além disso, “reduziu o número de sentidos internos a quatro: sentido comum, imaginação, cogitação e memória” (Lima, 2009, p. 32). Ainda, sustentou que “a intenção não é apenas uma propriedade não-sensível extraída a partir dos sensíveis, uma intenção é a propriedade que, de fato, permite capturar os individuais” (Lima, 2009, p. 32).

Desse modo, observa-se que, mesmo Avicena e Averróis partindo da obra *De anima*, de Aristóteles, elaboraram a ideia de intencionalidade de forma distinta, e que tensionam a questão, tanto em suas obras, como anos mais tarde Brentano e Husserl continuam a debater o conceito, evidenciando o quão complexo é o conceito da intencionalidade, pois é concebido de forma distinta entre diferentes autores. E ainda, Avicena e Averróis pensavam a intencionalidade pela religiosidade, apresentando o conceito religioso Maná, que é a motivação do mundo interior que movimenta a alma, sendo este um problema teológico.

Para ilustrar esse ponto, pode-se seguir apresentando o conceito na perspectiva de Brentano.

Anos mais tarde, Brentano ordenou-se como clérigo, foi professor de Filosofia e docente nomeado na universidade de *Würzburg*. Em 1873, abandona o sacerdócio e, um ano depois, Brentano publicou o livro *Psicologia do ponto de vista empírico* (*Psychologie von empirischen Standpunkte*), em 1874, desenvolvendo o conceito de intencionalidade, que derivou dos seus estudos, enquanto estava no sacerdócio, e da Filosofia Escolástica. Enquanto professor, tinha grande popularidade entre os estudantes dedicados, entre os quais: Sigmund Freud, Carl Stumpf, Edmund Husserl, Franz Kafka, Rudolf Steiner (Boris, 2011).

Após 1895, Brentano encerrou seu percurso na cátedra e voltou sua atenção para a pesquisa. Em 1911, completou suas teorias com o texto *Sobre a classificação dos fenômenos psíquicos* (*Von der Klassifikation der psychischen Phänomene*), incluído na segunda edição da sua primeira obra lançada. Brentano tinha como preocupação no campo da Psicologia encontrar uma característica que separasse os fenômenos psicológicos dos físicos.

Foi a partir de tal tentativa que ele “desenvolveu sua teoria acerca da intencionalidade como componente determinante dos fenômenos psicológicos” (Boris, 2011). Ainda, pode-se dizer que os fenômenos psicológicos de Brentano “são sempre atos ou processos, pois envolvem as experiências dos sujeitos, bem como seus estados de consciência, o que, então,

viria a se tornar um dos padrões básicos para toda análise fenomenológica a partir da *Psicologia do Ato* de Brentano” (Spiegelberg, 1963).

Conforme McCormick (1981, p. 228), a intencionalidade em Brentano foi influenciada pelos escolásticos da Idade Média, em especial, Tomás de Aquino, na medida em que é do *Aquinate* que Brentano retira a primeira das duas noções que formam seu conceito de intencionalidade. A primeira noção é “a noção de inexistência intencional” e a noção de referência a um conteúdo, visada de um objeto, assim, “objetividade imanente” se figura como a sua segunda noção de intencionalidade, que, também segundo McCormick, está sob influência escolástica. Em Brentano os objetos intencionais eram imanentes à consciência, ou seja, não necessariamente a um objeto real. Posteriormente, novas descrições dos atos psíquicos levaram Brentano a abandonar a tese ontológica que se caracterizava pelo objeto *in-existente* ou imanente, visto que reconhecerá nesta um meio ineficaz para distinguir entre o psíquico e o físico.

Assim, Brentano retomou o conceito dos Escolásticos na obra *Psicologia do ponto de vista empírico*, em que a intencionalidade é entendida como uma característica de todos os atos de consciência; os fenômenos “psíquicos”, ou “mentais”, podem ser separados dos fenômenos “físico” ou “natural”. Afirmava, ainda, que o ato psíquico é intencional, ou seja, tem uma referência interna a um objeto. Também postulou a *in-existência* intencional dos fenômenos psíquicos como conexão do fenômeno psíquico com a consciência. Para melhor ilustração do conceito:

cada fenômeno psíquico é caracterizado pelo que os escolásticos da Idade Média chamavam de a inexistência intencional (ou mental) de um objeto [*intentionale inexistenz eines Gegenstandes*], e que nós chamaríamos, mesmo com expressões não inteiramente inequívocas, de referência a um conteúdo, direção a um objeto (pelo qual não se deve entender uma realidade), ou objetividade imanente. Cada fenômeno psíquico contém em si algo como seu objeto, se bem que nem todos do mesmo modo. Na ideia [*Vorstellung*] há algo ideado; no juízo há algo admitido ou recusado; no amor, amado; no ódio, odiado; no apetite [*Begehren*], apeteído, etc. Esta inexistência intencional é própria exclusivamente dos fenômenos psíquicos. Nenhum fenômeno físico oferece algo semelhante. Com isso podemos definir os fenômenos psíquicos

dizendo que são aqueles fenômenos que contêm em si, intencionalmente, um objeto (Brentano, 1973, p. 82).

Dessa forma, para Brentano, é a partir dos fenômenos psíquicos que a intencionalidade advém, sempre em relação a um objeto imanente, pois a sua “investigação dos caracteres específicos do psíquico (em contraste com o físico), e indicado a intencionalidade como um desses caracteres; assim, a ciência dos “fenômenos psíquicos” tem por toda parte algo em comum com vivências da consciência” (Husserl, 1954/2012a, p. 191), ou seja, o papel da intencionalidade para Brentano é determinar a essência dos atos psíquicos e classificar os fenômenos psíquicos.

A Escola de Brentano associava sua obra filosófica aos modernos desenvolvimentos no campo das ciências, as quais: Psicologia e Linguística. “Os alunos de Brentano foram responsáveis pela fundação não apenas de novos movimentos filosóficos, como a Fenomenologia, mas, também, novas perspectivas de investigação científica” (Smith & Burkhardt, 1991). Brentano criou um sistema filosófico que era uma síntese do aristotelismo, do cartesianismo e do empirismo inglês. Esse sistema foi modificado em diferentes momentos e de diversas formas, muitas vezes alterando os originais, por seus discípulos, entre os quais, Edmund Husserl.

Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938) estudou matemática em Berlim entre 1878 e 1881, na escola de *Weierstrass* e *Kronecker*, tornando-se matemático. A obra *Investigações lógicas*, publicada entre 1900 e 1901, apresenta “a lógica pura enquanto disciplina filosófica” (Husserl, 1954/2012a, p. 1) e disserta sobre a Fenomenologia, a qual é entendida como uma forma peculiar de psicologia descritiva, elaborada a fim de servir de fundamento da teoria do conhecimento.

Brentano foi um mestre de muita importância na vida de Husserl. Segundo Goto (2015), Husserl realizou seu doutorado na Universidade de Viena, onde elaborou a tese *O cálculo das variações*, concluído em 1882. Na sequência, realizou a sua formação militar entre 1883 e 1884, nesse período, estudou Aristóteles, Hegel e Spencer, e, nos anos seguintes, voltou-se totalmente para a Filosofia.

“Os estudos filosóficos foram dirigidos e discutidos, porque se deram sob a orientação de Brentano” (Goto, 2015, p. 38). Durante as aulas, Husserl observou que “a Filosofia é um campo de trabalho sério e que também se pode e se tem de tratar com o espírito da ciência mais

rigorosa” (Romero, 1986, pp. 40-41). Na sequência da sua formação universitária e acadêmica, Husserl fez a sua transição de carreira acadêmica da Matemática para a Filosofia, e depois para a Fenomenologia.

Nos anos seguintes, passou a estudar Filosofia com Brentano, que foi seu professor na Universidade de Viena entre 1884 e 1886. Com o tempo, desenvolveram uma relação discípulo-mestre e deram continuidade para uma relação pessoal e profissional. Dessa forma, Brentano contribuiu com os estudos de Husserl na Filosofia e na Psicologia, assim o matemático/filósofo pôde ir além e, dada a sua dedicação aos estudos, pôde criticar o mestre, como ilustrado acima, tendo em vista a continuidade do conhecimento.

Husserl, além de exemplificar a concepção brentaniana acerca da intencionalidade, assinala criticamente a compreensão de Brentano acerca da intencionalidade na seguinte citação:

. . . se Brentano tivesse alcançado o verdadeiro sentido da tarefa, ou seja, o de pesquisar a vida da consciência como intencional e, com efeito, antes de tudo mais, uma vez que estava em causa a fundamentação da psicologia como ciência objetiva sobre o solo do mundo pré-dado. Assim, só formalmente definiu como tarefa uma psicologia da intencionalidade, e não teve para a mesma nenhum ponto de aplicação (Husserl, 1954/2012a, p. 191).

Desse modo, Husserl esclarece a sua concepção do conceito de intencionalidade, pois se apropria da intencionalidade psicológica, logo, “no sentido mais restrito da palavra, é “inconsciente”, mas que se pode, no entanto, mostrar ser covivenciada e, mesmo, de diversas maneiras cofuncional, modos que têm as suas próprias modalidades de validade e as suas próprias maneiras de transformá-las” (Husserl, 1954/2012a, p. 191).

Mas, tendo se apropriado desse conceito, Husserl faz uma aguda crítica ao positivismo e naturalismo em sua manifestação psicologista, e isso representa um passo:

. . . para o retorno à concepção natural do mundo e à possibilidade de recuperar suas estruturas ontológicas. Da análise das proposições lógicas já resultou, evidentemente, que as ideias não decorrem nem dependem essencialmente da experiência. Ao lado dos

objetos que nos são empiricamente dados, existem de alguma forma, objetos de uma classe distinta, estruturas a priori da realidade (Xirau, 2015, p. 53).

É a partir da superação desse psicologismo, evidenciado na noção de intencionalidade de Brentano, além da mesma naturalização no pensamento lógico, que Husserl chegou na fundação da Fenomenologia. Para se ter o entendimento do que é a Fenomenologia de Husserl, vamos partir da sua concepção. Em Abbagnano (2007), Fenomenologia é a “descrição daquilo que aparece ou ciência que tem como objetivo ou projeto essa descrição”. O autor ainda aponta sobre o atual papel e situação da Fenomenologia:

A única noção hoje viva de F. é a anunciada por Husserl em “Investigações Lógicas” (1900-1901, II, pp. 3 ss.), correlativa ao significado de fenômeno e depois desenvolvida por ele mesmo nas obras seguintes. O próprio Husserl preocupou-se em eliminar a confusão entre Psicologia e Fenomenologia. Esclareceu que psicologia é a ciência de dados de fato; os fenômenos que ela considera são acontecimentos reais que, juntamente com os sujeitos a que pertencem, inserem-se no mundo spatiotemporal. A F. (que ele chama de “pura” ou “transcendental”) é uma ciência de essências (portanto, “eidética”) e não de dados de fato, possibilitada apenas pela redução eidética, cuja tarefa é expurgar os fenômenos psicológicos de suas características reais ou empíricas e levá-los para o plano da generalidade essencial (Abbagnano, 2007, p. 437).

A Fenomenologia transcendental de Husserl revela que “é possível conhecer o objeto através da descrição dos modos com os quais ele se manifesta à consciência (fenômenos), de onde o nome Fenomenologia” (Carotenuto, 2009, p. 239). Nesse sentido, para Husserl, a Fenomenologia é uma Filosofia que não se propõe a explicar as coisas teoricamente. É exatamente o inverso de uma teoria explicativa, pois assume a atitude especulativa de maneira radical e renuncia a qualquer teoria hipotética, o que lhe permite ser estritamente teórica. Pautado em um método filosófico, a Fenomenologia consiste em descrever os fenômenos rigorosamente, ou seja, por meio de um método (fenomenológico), tais como aparecem para a consciência.

Ressalta-se aqui a sua compreensão de consciência intencional, que toda consciência é consciência de algo, porém sem os traços do psicologismo e do naturalismo. Dessa forma, a partir da analítica intencional, Husserl busca encontrar a essência desses fenômenos, tais como aparecem para a consciência, concebendo assim, a Fenomenologia como a doutrina universal das essências.

No início da Fenomenologia, exposta em sua obra inaugural *Investigações Lógicas – Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento* (1901/2012b), Husserl entregou-se à grande tarefa de realizar uma análise da Psicologia descritiva dos atos² que constituem os objetos matemáticos, “adotando o método da análise”, o que implicava em uma nova concepção da subjetividade. Todavia, foi partindo da crítica ao psicologismo, das críticas ao mestre Brentano, que Husserl pôde se apropriar do conceito de intencionalidade para aprofundar o conhecimento acerca desse conceito e, ainda, fundar a Fenomenologia.

1.2 O conceito de intencionalidade na Fenomenologia de Edmund Husserl

Husserl, em seus escritos, *Investigações Lógicas – Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento* (1901-2012b) e *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental* (1954-2012a), expõe conceitos-chave que fundamentam a Fenomenologia. Essas obras apresentam uma análise aprofundada das estruturas lógicas da experiência e investigam a crise enfrentada pelas ciências europeias, propondo a Fenomenologia Transcendental como uma abordagem filosófica para superar essa crise.

O termo “Fenomenologia” foi descrito pela primeira vez nas *Investigações Lógicas – Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento*, em 1901, para substituir a expressão “Psicologia Descritiva”, que Husserl usava no início de seus escritos (Zilles, 2007). Seguindo de certa maneira a ideia de Brentano, para Husserl, a consciência funda sentido como compreensão de algo que é (sentido do ser), através da intencionalidade, ou seja, através de sua orientação intencional para encher o vazio. O conceito de intencionalidade da consciência é fundamental e constitutivo na Fenomenologia de Husserl, pois apresenta os *cogitata do cogito*, os objetos da consciência, “a intencionalidade constitui

² Segundo Husserl, o ato não deve ser entendido como uma atividade ou como um fazer do eu ou da consciência (*Bethätigung*), mas como um vivido intencional. Cf. Quinta Investigação Lógica, §13.

síntese ou unidade, uma constituição ativa e passiva. Esse conceito de síntese distingue-se do tradicional, pois não se limita à síntese no juízo” (Zilles, 2007).

A Fenomenologia é uma corrente filosófica desenvolvida no século XX, que apresenta um modo de pensar radical sobre toda a questão do conhecimento, configurando uma crítica ao objetivismo, naturalismo, idealismo, empirismo e, principalmente, ao positivismo. Quando tematizou o mundo-da-vida enquanto subjetividade mediadora da compreensão do ser-já-dado do mundo, Husserl pôde criticar o método das ciências naturais e demonstrar a precedência e interferência da subjetividade vivida, em relação ao conhecimento chamado de “objetivo”.

Desse modo, o filósofo evidencia um contraste entre o mundo-da-vida e o mundo da ciência. Esse mundo explicado pela ciência “reside, no fato de que este é uma subtração lógico-teórica, a subtração de algo principalmente não perceptível, principalmente não experienciável no seu ser-si-mesmo próprio” (Husserl, 2012a, p. 104). Em contrapartida, o mundo-da-vida é destacado pela sua efetividade da experienciabilidade e, ainda, “o mundo-da-vida é um domínio de evidências originárias. . . Cada dado evidente se pauta no modo da intuição, e se é experienciado pela percepção de como é . . . Cada indução leva a uma indução intuitiva” (Husserl, 1954/2012a, p. 104).

Ao iniciar suas análises da consciência cognoscitiva, Husserl desenvolveu o método da redução fenomenológica, que é um conceito fundamental na Fenomenologia, pois tem o sentido de tematizar a consciência pura. A “subjetividade pura ou consciência pura é o domínio apodítico que a Fenomenologia buscou, como fonte de certeza para embasar e dar fundamento ao conhecimento científico” (Bee, 1992, p. 87).

O primeiro procedimento do método fenomenológico é a *epoché*, que consiste em “suspender” os juízos prévios, as experiências passadas, todo conhecimento racional já construído e os preconceitos naturalísticos que estão na reflexão consciente. A partir desse passo, o qual consiste em suspender todo o conteúdo do conhecimento que está na consciência, Husserl chegou a “*epoché* radical” e, com isso, identificou o campo da subjetividade pura. Prossegue-se, então, para a redução eidética, termo usado para o procedimento metódico que leva à visão da essência.

O objetivo da redução eidética é a compreensão do *a priori* como *eidós* (essência). O pressuposto é que a já existente oposição entre sujeito e objeto é superada, para voltar-se à análise dos dados constituintes na consciência que é “consciência de...”, pondo-se o mundo

com seus objetos ao eu (consciência). A consciência é intencionalidade e significa: dirige-se para, visa alguma coisa.

O modo de fazer ciência proposto por Husserl traz uma nova cientificidade, que se operacionaliza pelo retorno à consciência intencional e intersubjetiva. A “objetividade só é obtida pela intersubjetividade, em que a subjetividade transcendental se identifica à ‘razão absoluta’, e há o nível de consciência” (Bee, 1992, p. 92). Na prática de refletir ou pensar, o cientista usa como pressuposto as suas “vivências subjetivas irrefletidas, as quais determinam o modo de pensar consciente” (Bee, 1992, p. 92).

Uma das questões centrais analisadas por Husserl na Fenomenologia é a intencionalidade da consciência. Esse conceito foi de fundamental importância na crítica ao psicologismo e ao positivismo, como já citado anteriormente, e tendo em vista sua proposta de uma volta às próprias coisas e, ainda, uma das principais problemáticas da Fenomenologia. Para o autor, a intencionalidade da consciência consiste no conceito de perceber propriamente dito, que é notar algo; estou voltado para o objeto, por exemplo, para o papel, eu o apreendo como este que é aqui e agora. A consciência sempre visa um objeto (Husserl, 1954/2012a).

Tem-se visto que Husserl “criticou o conceito de intencionalidade apresentado por Brentano” (Torrez, 2016, p. 69) pelo fato de a sua análise depreender-se do psicologismo de do autor e de sua influência aristotélico-escolástica. Mesmo assim, nas palavras de Husserl, apresenta-se o mérito que dá a Brentano e aponta também a sua crítica ao mestre:

Reconhecer o extraordinário mérito de Brentano por ter dado início, no seu ensaio de reforma da Psicologia, a uma investigação dos caracteres específicos do psíquico (em contraste com o físico), e indicado a intencionalidade como um desses caracteres; assim, a ciência dos “fenômenos psíquicos” tem por toda parte algo em comum com vivências da consciência. Lamentavelmente, ele permaneceu no essencial preso aos preconceitos da tradição naturalística, que ainda não estão superados quando os dados mentais, em lugar de serem apreendidos como sensitivos (seja do “sentido” externo ou interno), são apreendidos como dados de uma espécie singular de intencionalidade (Husserl, 1954/2012a, p. 189).

Desse modo, pode-se compreender sua consideração à descoberta de seu mestre. Para Husserl, Brentano foi exato em sua teoria acerca da intencionalidade e, por retomar o conceito, que não estava sendo estudado, teve seu êxito, mas por se manter na ciência positivista³, no modo ortodoxo, não avançou e deixou seu estudo limitado. Então, diferentemente de Brentano, para Husserl, o fenômeno da intencionalidade revela-se como a essência de qualquer experiência ou vivência, assim como a essência das reflexões metodologicamente fenomenológicas que realizam a manifestação da intencionalidade de qualquer vivência.

“A palavra intencionalidade não significa outra coisa senão essa característica geral da consciência de ser consciência de alguma coisa, de implicar, na sua qualidade de *cogito*, o seu *cogitatum* em si mesmo” (Husserl, 2012). A intencionalidade é ter a consciência sempre em relação a algo, a alguma coisa. Por isso, é entendida por Husserl simultaneamente como o fenômeno fundamental que abrange o “tema principal da Fenomenologia e como o método através do qual esta se processa” (Martín, 2007, p. 193).

Desse modo, a terminologia de intencionalidade de Brentano é alterada por Husserl, sendo modificada a compreensão da intencionalidade de uma propriedade que define a consciência, ou seja, tem “uma função mais profunda” (Xirau, 2015, p. 158). A intencionalidade não é uma propriedade da consciência ou uma característica que vem da sua existência; a intencionalidade é a própria consciência, a consciência intencional; “é a essência e a definição mesma da subjetividade” (Xirau, 2015, p. 159).

Então, compreende-se intencionalidade, sendo que “a consciência está em contato imediato com o mundo, e o mundo se reduz ao ser que existe para a subjetividade na plenitude concreta da vida. A vida da consciência é a vida na presença do ser” (Xirau, 2015, p. 159). É a partir da consciência intencional que se permite que as coisas (fenômenos) existam diante dessa. Afinal, a intencionalidade é a “consciência de...” (Husserl, 1954/2012a, p. 189), de algo, de alguma coisa, em seu “sentido mais lato, ainda a pesquisar em toda a sua amplitude e nos seus modos” (Husserl, 1954/2012a, p. 189).

Cabe destacar que foi a *epoché*, mesmo que inicialmente não tão bem formalizada, que levou a Husserl a intencionalidade, isso significa que:

³ Ciência positivista, ou Positivismo, é o modelo das ciências experimentais que se caracteriza pelo objetivo de unificar a ciência dotando-a de uma metodologia universal única.

A intencionalidade é o que possibilita a *epoché*, pois a partir do momento que a consciência é consciência de algo ou que visa algo, na verdade houve uma modificação do olhar. A atitude natural – e nossa crença sobre ela – continua suspensa, fora de circuito, porém modificada. O fato de percebermos um objeto, direcionando nosso olhar, não meramente físico, como sublinha Husserl, nos permite visar este mesmo objeto enquanto tal (Pires, 2012, p. 297).

Afinal, quando nos referimos a *epoché*, sabe-se que essa consiste em três fases ou momentos contínuos. No primeiro momento, acontece a redução fenomenológica, em que “se coloca entre parênteses ou suspende-se o hábito de considerar que o conhecimento científico vigente seja idêntico ao mundo diante de nós” (Vidor, 2013, p. 33). No segundo momento, “aparece a necessidade de acesso à consciência pura. Pela ‘*epoché*’, suspendem-se os juízos de valores conscientes, de atos conscientes para examinar a ‘*cogitatio*’ (a ação cogitativa da consciência) e verificar o modo de ser da própria consciência” (Vidor, 2013, p. 34).

A consciência tem como modo de ser “tender ou intencionar alguma coisa que não é ela, mas que é produto dela: “o *cogitatum*” (Vidor, 2013, p. 34). O terceiro momento consiste num “exame feito sobre o próprio eu histórico como sujeito da consciência” (Vidor, 2013, p. 35). Desse modo, alcança-se o mundo-da-vida pela “psicologia que é a ciência que tem como tema a subjetividade universal” (Husserl, 1954/2012a, p. 229).

Retomando, no segundo momento da *epoché*, ao acessar a consciência pura, acessa-se o Eu, se este Eu está desviado de si mesmo, seja por alguma causa psíquica, seja por hábitos infantis, seja por um distanciamento do real, não acessará o mundo-da-vida, pois está alienado de si mesmo, por isso, para purificar a consciência, é importante a psicoterapia, que é “serviço de autenticação do ser humano. É o trabalho de reintegração ou conscientização à ordem original da natureza. A cura deriva de uma variação comportamental obtida por decisões adequadas ao sujeito” (Vidor, 2013, p. 35).

Agora, quando o sujeito se encontra com a consciência pura, tem o “eu puro” husserliano que visa o objeto, o intenciona, por meio de uma pluralidade de atos (pensar, perceber, recordar, entre outros), em que a essência da psique se define como ato que correlaciona pensar o pensado, amar e amado, como exemplos. Desse modo, Husserl desenvolve a sua consideração fenomenológica fundamental acerca da consciência psíquica,

quando o sujeito segue uma orientação psicológica, de olhar naturalmente para os vividos, como exemplo, cita a alegria, que é um estado de vivência do homem.

A orientação fenomenológica dá possibilidade de essência, que reflete e põe fora as suas transcendências e se volta para a sua consciência pura absoluta, começa a perceber os seus vividos, como o sentimento de alegria, que é um dado fenomenológico. E, se nesse processo o sentimento de alegria perde a forma intencional, que se é concebível, passa a se simplificar na consciência pura, perdendo a sua significação natural, não a tendo mais.

1.3 O conceito de intencionalidade na Ontopsicologia

A Ontopsicologia tem um percurso histórico iniciado a partir de 1970, na Itália, pelo acadêmico professor Antonio Meneghetti (1936-2013). Antes de ser professor acadêmico, foi um estudioso franciscano conventual em Roma. A Ontopsicologia veio à tona no trabalho por ele desenvolvido como professor convidado entre os anos de 1970 e 1973, junto à Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino, em Roma. Ministrava as aulas de Filosofia e, das lições que fez nesta universidade, nasceu o primeiro texto, *Formalização teórica à Ciência Ontopsicológica: Ontopsicologia do homem*⁴ (Meneghetti, 2010, p. 99). Após esses anos como professor acadêmico, dedicou-se à prática clínica pelo período de dez anos.

Dada a partida inicial, a Ontopsicologia foi elaborada empiricamente, inclusive durante os dez anos de prática e evidência clínica, realizada por Meneghetti. No intento de seus objetivos, Meneghetti (2010) inaugurou em Roma, no dia 15 de novembro de 1972, o centro de terapia ontopsicológica autônomo. Esse centro promovia cursos com diferentes durações, sendo três anos o tempo máximo de duração, que ofertava a formação em psicoterapia ontopsicológica. Desse período, foram obtidos diferentes resultados positivos no campo da cura, e as descobertas científicas Em Si ôntico, Campo Semântico e Monitor de Deflexão.

A partir de 1973, são organizadas as Convenções de Ontopsicologia, que tinham “o escopo de expor os resultados clínicos, que sucessivamente são formalizados através de

⁴ A sua primeira edição foi publicada em 1971, como coletânea de apostilas para uso dos estudantes universitários. Anos depois, foi publicado pela Psicologia *Editrice*, na Itália, em 1989 e em 1992. Atualmente, esse texto compõe a obra *Filosofia ontopsicológica* (Meneghetti, 2015c).

publicações” (Meneghetti, 2010, p. 100). Desse modo, a ciência foi se estruturando e sendo construída ao longo dos anos⁵.

Em destaque, Meneghetti (2010) chegou à Ontopsicologia após anos de estudo aprofundado e da prática clínica. A solução não partiu de Husserl, mas esse cientista influenciou e muito na teoria ontopsicológica, com parte das problemáticas apontadas por ele na obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*, e algumas conferências realizadas em Viena e Praga em 1935.

A problemática apontada por Husserl afirmava que o “escopo natural dado à humanidade europeia pela filosofia grega havia sido perdido” (Meneghetti, 2010, p. 96), desse modo, “havia sido delineada uma crise interna a elas [as ciências modernas], que depois representaria uma crise para a própria humanidade” (Meneghetti, 2010, p. 96). Ou seja, havia sido perdido o interesse pelo conhecimento real do próprio mundo e da própria natureza, então, a Ontopsicologia partiu da questão “O homem pode saber o ser que é?” (Petry, 2013), que problematiza a natureza do homem. Enquanto definição formal, Ontopsicologia pode ser entendida como uma ciência epistêmica, com critério interdisciplinar, que afronta o problema crítico do conhecimento e da causalidade física. Enquanto palavra, “Ontopsicologia” deriva

do grego “όντος”, genitivo do particípio presente do verbo “εἶμι” (ser), “λόγος” (estudo), “ψυχή” (alma) – significa estudo dos comportamentos psíquicos em primeira atualidade, incluída a compreensão do ser; estudar psicologia segundo as coordenadas do real ou intencionalidade da ação-vida, ou ação-ser. Trata-se de partir do real fato antropológico e não da cultura ou das suas reflexões (Meneghetti, 2012, p. 193).

Como parte do conhecimento ontológico, a Ontopsicologia pode ser aplicada em diversos setores do saber humano (Meneghetti, 2015) e está intimamente relacionada ao percurso acadêmico e científico que Meneghetti realizou. Segundo Petry (2013), Antonio Meneghetti concluiu a sua formação acadêmica com quatro doutorados acadêmicos, sendo eles em Filosofia, Teologia, Ciências Sociais, e um título de *Grand Doktor Nauk* em Psicologia, formações essas que lhe permitiram construir um grande arcabouço teórico. Pôde

⁵ De forma breve, foram apresentados os pontos essenciais do nascimento da Ontopsicologia, para maiores aprofundamentos históricos, consultar *Background histórico à ciência ontopsicológica* (Meneghetti, 2010, 2022).

partir do ponto de chegada de vários grandes pensadores da história da humanidade para desenvolver a nova ciência, ou a quarta força da psicologia⁶, segundo o

prefácio da segunda edição do seu escrito *Introdução à psicologia do ser*, Maslow afirma que a Psicologia humanista era apenas um momento de transição. “Um prólogo a uma quarta psicologia ainda mais elevada, transpessoal, transumana, centrada mais no cosmo que nas necessidades e no interesse humano”, uma força que devia ir além dos conceitos de humanidade, identidade e autorrealização. Além disso, acrescentava Maslow, o existencialismo podia constituir um ulterior impulso rumo ao desenvolvimento de outro ramo da psicologia: “a psicologia do *self* completamente desenvolvido e autêntico, e dos seus modos de ser. Sutich sugeriu o nome de Ontopsicologia” (Meneghetti, 2010, p. 98).

Foi na reunião de 1956 em Paris, que Anthony Sutich (1907-1976) sugeriu o nome da Ontopsicologia⁷. Nesse período Meneghetti, não conhecia Sutich e, para o autor, “era simples que, se fizesse uma lógica sobre a psique, que essa lógica deveria ter o nexo com o ser” (Meneghetti, 2015, p. 41). Como apresentado acima, a Ontopsicologia começou a ser formalizada anos depois da criação do nome da ciência, sendo desenvolvida a partir de 1970.

Segundo Meneghetti (2010), essa reunião de 1956 em Paris aconteceu 20 anos depois das conferências de Husserl, em que alguns expoentes, como Carl R. Rogers (1902-1987), Rollo May (1909-1994), Abraham Maslow (1908-1970) Anthony Sutich (1907-1976) e outros, reuniram-se de forma privada e sem financiamento institucional. Esses psicólogos expoentes compunham a chamada “terceira força”, ou psicologia existencial humanista.

Nessa história da Psicologia, por mais que a ciência tenha chegado à “terceira força”,

o problema aberto por Husserl ainda não havia sido resolvido. A psicologia continuava incapaz de resolver tanto o sintoma patológico, quanto o problema existencial. Além disso, ainda não havia sido enfrentado o problema da realização existencial no

⁶ Na história da Psicologia, entende-se por “primeira força” a corrente psicanalítica, por “segunda força” a corrente behaviorista, e a “terceira força” é constituída pela corrente existencial humanista. Cada força apresenta as suas definições de diferentes visões do homem (Meneghetti, 2010, p. 97). Para aprofundamentos sobre o assunto consultar Meneghetti (2015c).

⁷ Maslow, A. *Introdução a psicologia do ser*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1980.

processo de compreensão e atuação do próprio potencial. De tal modo, a psicologia da época não podia oferecer nenhuma solução. O que a tornava insuficiente para resolver o problema humano era, principalmente, a falta de conhecimento sobre a causalidade psíquica que posteriormente articula o sintoma, e a conexão da psicologia com o mundo ou realidade da natureza, o mundo-da-vida (Meneghetti, 2010, p. 98).

A Ontopsicologia uniu a Ontologia e a Psicologia. A Ontopsicologia “é leitura do Ser na existência, o objeto e o escopo dessa ciência, uma vez que se certifica o fato de uma Fenomenologia existencial qualquer, é a realização do Eu psicológico ou fenomenológico no real numênico do Em Si ôntico (Meneghetti, 2017, p. 16).

O método da Ontopsicologia é o “bilógico, processo racional indutivo-dedutivo, com novidade dos princípios complementares do Campo Semântico, Em Si ôntico e Monitor de Deflexão” (Meneghetti, 2010, p. 131). O termo “bilógico” assume dois significados, o primeiro no método indutivo-dedutivo, que são dois sistemas de conhecimento, em que o indutivo, “a partir de alguns casos conhecidos chega-se a formular uma lei, um projeto geral. Do igual de diversos particulares chega-se a uma unidade de causa” (Meneghetti, 2010, p. 132). E, no dedutivo, “parte-se de elementos já demonstrados e, caso se encontre um fenômeno igual àqueles precedentemente estudados, deduz-se que ele responda às mesmas leis” (Meneghetti, 2010, p. 132).

O segundo significado apresentado é a lógica “científica” e a lógica “paranormal”. A lógica científica “é tudo aquilo que, em qualquer contexto histórico, já é acreditado e estabelecido por uma universidade, por uma cultura, etc.” (Meneghetti, 2010, p. 132). A lógica do paranormal está relacionada “a tudo o que não é reconhecido pela ciência tradicional” (Meneghetti, 2010, p. 132), mas não está atrelada com magia, nem ritos religiosos, a lógica paranormal se refere como exemplo, a intuição, a interpretação de sonhos, estudos pela Ciência Ontopsicológica. Assim, “o método ontopsicológico é constante indução bilógica com verificação da funcionalidade subjetiva” (Meneghetti, 2010, p. 132).

Ainda, no método bilógico, “o ontopsicólogo, para conhecer o homem, usa a intuição e o raciocínio indutivo-dedutivo, une o conhecimento do campo semântico à lógica da razão. Não se trata de excluir a razão, mas de acrescentar o critério organísmico” (Meneghetti, 2010, p. 133).

Seguindo adiante, o objeto de estudo dessa ciência “é a atividade psíquica inerente à Fenomenologia humana, ou seja, estuda a experiência psicológica humana, individua as causas que a constituem e os elementos que podem resolvê-la” (Meneghetti, 2010, p. 131). Por atividade psíquica, compreende-se “uma forma que presencia e especifica a ação. A dificuldade específica é que se manifesta parte de modo consciente, parte de modo inconsciente” (Meneghetti, 2012, p. 28). E ainda,

É a ação-base das modalidades do pensamento e da motivação do existir homem, até a exteriorização somática (o corpo é palavra, o psíquico é sentido). “Realidade” psíquica (inconsciente, pulsões, associações, transposições oníricas, alucinações, visões, etc.) deve ser entendida com a mesma concretude com a qual um físico concebe a matéria. É um mundo subjetivo operável como: a) intencionalidade em antecipação a qualquer Fenomenologia; b) pensamento ou ato já formalizado; c) razão ou vontade consciente; d) via fantasiosa, artística, onírica. A atividade psíquica é sempre invisível. Mesmo o pensamento e a consciência são fenomenologias e não se pode ver a causa em si. Quando pensamos já refletimos: a nossa consciência lê em fenomenologia (Meneghetti, 2012, p. 26).

Logo, a atividade psíquica refere-se à forma de funcionamento da mente humana. É o conjunto de processos mentais que ocorre dentro de nós, envolvendo os fenômenos como: pensamentos, emoções, memórias, percepções e outras atividades relacionadas à nossa cognição e experiência subjetiva. Podemos entender a atividade psíquica como um fluxo contínuo de eventos mentais que ocorrem em nossa mente.

A Ontopsicologia “é a ciência que indaga como as coisas são e não como aparecem, para individuar a práxis de eficiência para o homem histórico. Portanto, é ontologia segundo o critério (ou medida) funcional para o homem” (Meneghetti, 2010, p. 32). Nesse sentido, a Ontopsicologia retoma a realidade de modo elementar, faz um processo de ontologia drástica e científica para a essência do homem existencial. No entanto, “não faz parte da ontologia convencional, ou seja, não é uma projeção deste tipo de Filosofia à Psicologia” (Meneghetti, 2010, p. 33), mas a demonstração da Ontopsicologia está na *práxis*. Em seu exercício e desenvolvimento, a Ontopsicologia parte da clínica do homem aqui e agora. Recomeça,

desde o início, toda a pesquisa e avança à medida que encontra a verificação da natureza, isto é, encontra o escopo pelo qual a pesquisa iniciou.

O fim contínuo da Ontopsicologia é “reportar a lógica do Eu, da consciência, a lógica racional e voluntária à lógica do Em Si ôntico; portanto, reportar as formas, as estruturas conscientes ao projeto primário, original do Em Si ôntico, para que coincidam. Nisso se obtém a realização” (Meneghetti, 2010, p. 134). É chegando a esse fim que o projeto se torna encarnação histórica, e “a ecceidade, a concretude da encarnação histórica é tão bela e realizada que cria o pleroma: entra-se no simples do mundo-da-vida” (Meneghetti, 2010, p. 135).

Além disso, a Ontopsicologia possui diferentes aplicações em área de intervenção humanista profissionais, as quais: Psicossomática, Pedagogia, Psicologia do líder, OntoArte, Estética, Ética, Direito e Metafísica existencial. E tem como instrumentos de intervenção: a Psicoterapia individual e de grupo, a Consultoria de autenticação, a Consultoria empresarial, a Imagogia, a Cinelogia, a Psicotea, a Melolística, o Melodance, a Hidromúsica solar, o Residence e o Isomaster⁸.

Dentre as três descobertas da Ontopsicologia: Campo Semântico, Em Si ôntico e Monitor de Deflexão, a descoberta mais importante é a do Em Si ôntico. Mas, a primeira descoberta foi a do Campo Semântico. A partir da descoberta do Em Si ôntico, foi possível chegar à descoberta do Monitor de deflexão (Meneghetti, 2010, pp. 120-124).

In Sé ontico, é a expressão original na língua italiana para Em Si ôntico. O conceito de Em Si ôntico, precisado por Meneghetti, “é a única forma que verbaliza a experiência da evidência de existir: um “em si” que é e que se especifica indiviso e distinto como Eu” (Meneghetti, 2015b, p. 233); é o projeto-base originário da natureza.

O critério que a Ontopsicologia descobriu “é o critério-base da vida na estrutura antropológica (o princípio segundo o qual o ser faz o homem)” (Meneghetti, 2015c, p. 245). “O Em Si ôntico é o critério elementar, aquele iso que dá o iso a todos os comportamentos psicorgânicos. ‘i’so’, do grego, significa ‘igual’” (Meneghetti, 2015b, p. 226). E ôntico, “do grego Όντος genitivo do particípio presente do verbo εἰμί = ser. Participado pelo ser em si.

⁸ Para maiores aprofundamentos sobre cada aplicação e instrumentos de intervenção consultar a obra: Meneghetti, A. (2022) *Manual de Ontopsicologia*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica editora universitária.

O que constitui o princípio para qualquer possibilidade ou fato de existir. Atualidade da causa primeira de um processo. O princípio pelo qual é, ou não é” (Meneghetti, 2012, p. 188).

O Em Si ôntico “é a radicalidade da atividade psíquica, o projeto de natureza que constitui o ser humano” (Meneghetti, 2010, p. 135) e, ainda, “princípio formal e inteligente que faz autóctise histórica. . . É o elementar formal da unidade de ação homem. . . é o núcleo energético pensante, o princípio formal que estrutura o orgânico psicobiológico do indivíduo humano” (Meneghetti, 2012, p. 84).

Além disso, o “Em Si ôntico é o critério elementar de natureza que intenciona o projeto humano baseado na constante H ou intencionalidade primeira da natureza relacionada ao homem” (Meneghetti, 2014, p. 14). Também é compreendido como o “projeto elementar específico da unidade de ação homem. É a unidade de medida, é a intencionalidade de natureza, que no homem se especifica como vetorialidade psíquica e da qual dependem todas as efetualidades” (Meneghetti, 2017, p. 17).

Para compreender com mais profundidade o que é o “Em Si ôntico”, é importante conhecer as quinze características⁹, que são: inseico, holístico-dinâmico, utilitarista-funcional, virtual, econômico-hierárquico, vencedor, alegre, criativo, espiritual ou transcendente, agente no interior de um universo semântico, mediânico entre o ser e a existência histórica, histórico, estético, volitivo-intencional e santo (Meneghetti, 2012, pp. 87-92).

Apresenta-se então a primeira descoberta da Ontopsicologia, a qual foi o “Campo Semântico”, que tem como definição “a comunicação-base pela qual a vida interage com as próprias individuações” (Meneghetti, 2017, p. 17). Logo os conceitos de campo e semântico, na Escola Ontopsicológica, não têm o mesmo significado da linguística. Segue o esclarecimento de cada conceito abaixo. Para Meneghetti:

“Campo” é um contexto hipotético ou definido por três coordenadas: espaço, tempo e individuação ou específica unidade de ação. É um espaço hipotético convencional, referente a vetorialidades dinâmicas, segundo centros-força resultantes. Então, deve ser entendido como relação que se concausa através de dois pontos-força ou mais, em

⁹ Para maiores aprofundamentos acerca das 15 características do Em Si ôntico, indica-se a leitura do livro: Meneghetti, A. (2015b) *O Em Si do homem*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora universitária.

um circunscrito hipotético (duas pessoas, um grupo, uma família etc.), ou seja, é uma formalidade gestáltica.

“Semântico” é entendido como a virtualidade, a capacidade de pôr em ato efeitos segundo a informação exclusiva do intencionante vetorial, isto é, ato com efeito segundo o primeiro significante. Faz signo, é significância, específica ação e presencia-se. É a força que faz o próprio lugar, ou o próprio corpo (Meneghetti, 2010, p. 183).

Desse modo, “campo semântico é um transdutor informático sem deslocamento de energia: Transmite uma informação, uma imagem, um código que, quando chega, estrutura em emoção qualquer coisa vivente, ou organizada em vida, comportando uma variante psicoemotiva orgânica” (Meneghetti, 2010, p. 183).

Por fim, a descoberta “Monitor de Deflexão” é compreendida por “. . . engenho psicodélico deformador das projeções do real à imagem. . . é um programa acumulado no interior das células cerebrais que age com interferência especular; antecipando e defletindo a percepção egoceptiva com base em uma imagem dominante impressa durante o momento de aprendizagem da vida: a infância. Sucessivamente, o monitor renova continuamente essas imagens, por meio dos sonhos, dos estereótipos, das instituições, da cultura selecionada” (Meneghetti, 2012, p. 176).

Nesse contexto, a Ontopsicologia visa responder ao problema inaugurado por Husserl, além de se consolidar como uma ciência epistêmica interdisciplinar. A resposta ao problema da crise das ciências do ser humano apresentado por Husserl não foi respondida pela Psicologia, ao contrário, a Psicologia acabou por ser mais uma ciência em crise e, nesse sentido, “não apresentou nenhuma solução” (Meneghetti, 2010, p. 98).

Afinal, o que tornava a Psicologia “insuficiente para resolver o problema humano era, principalmente, a falta de conhecimento sobre a causalidade psíquica que posteriormente articula o sintoma, e a conexão da psicologia com o [...] mundo-da-vida” (Meneghetti, 2010, p. 98). Para tanto, a Ontopsicologia não responde ao problema com uma saída epistemológica, tal como Husserl concebe, mas com uma saída ontológico-existencial (antropológico-psicológico), abrangendo toda a vida psíquica do humano.

Meneghetti apresenta que, a partir do “Em Si ôntico”, é possível resgatar o aspecto transcendental, metafísico do homem, pois essa descoberta e o método ontopsicológico evidenciam não apenas que “existe um critério ontológico-existencial e ético no humano,

mas que é possível identificá-lo e construir a própria vida e as devidas ciências, partindo da objetividade da subjetividade humana” (Vidor, 2014). Isso porque a Ontopsicologia tem:

. . . a proposta de uma psicologia baseada nos processos da intencionalidade psíquica, identificáveis por aquelas projeções especulares que não são mais que representações não deformadas por induções do monitor de deflexão ou por estereótipos culturais. O vetor, ou direção, ou forma no interior da ação; é como a ação se interioriza em um estado e o transforma. É uma novidade que entra e formaliza um quântico para um escopo específico” (Meneghetti, 2012, pp. 140-141).

Depois de apresentar a Ciência Ontopsicológica, seu método, critério e as três descobertas científicas, dar-se-á sequência à questão da intencionalidade. Foi a partir da distinção do uso do conceito de intencionalidade que se pode compreender o termo na Ciência Ontopsicológica. Então, essa ciência baseia a sua prática e teoria na compreensão acerca do conceito da intencionalidade. Parte de um ponto essencial para se compreender a causa, e a originalidade dos fenômenos, para tanto:

. . . a intencionalidade é a causalidade que produz efeitos sem aparições de si mesma, age dentro dos próprios fenômenos, dentro dos próprios efeitos, mas jamais é constatável diretamente. Essa substância intencional é recuperada após as diversas subtrações dos fenômenos, das imagens, dos comportamentos etc., isto é, após essas múltiplas purificações se chega à essência (Meneghetti, 2010, p. 502).

Logo, a intencionalidade não é medida, pois não se apresenta como os fenômenos aparecem e são mais claros e distintos. Para chegar à intencionalidade de cada vontade é preciso ter uma clareza do que realmente é. A intencionalidade é de caráter subjetivo e inerente a cada ser humano, ou seja, acontece do mesmo modo em todos os humanos, porém se revela e é direcionada de forma única em cada sujeito, é irrepetível, pois está de acordo com cada “Em Si ôntico”.

Quando Meneghetti (2019, p. 162) afirma que “somente colhendo a intencionalidade no interior daquele fato, eu posso ser o gestor, o cientista capaz de variar as efetualidades do campo. Vendo onde a energia está se movendo, eu sei onde está indo, portanto posso modificar

a direção, e dessa mudar todos os efeitos”, sabe-se que cada coisa tem um caminho a seguir, e a energia formaliza as coisas, logo é subjetiva e pode variar com a ação. Não se analisa a intencionalidade como um objeto físico, pois não é palpável, está na energia e, também, não é um pensamento claro, diretivo, mas é uma “forma constituinte no interior de cada individuação” (Meneghetti, 2019, p. 162).

Contudo, a intencionalidade direciona, é a causa de tudo, e se evidencia nos resultados, logo, se tem um resultado de sucesso, é um tipo de intencionalidade, se tem um resultado de fracasso, de perda, é outra intencionalidade. O critério é se tem utilitarismo-funcional, ou seja, se ganhou ou perdeu? O resultado está coerente com as minhas ações? A partir da intencionalidade, as ações apresentam coerência de vontade?

Ainda, a partir do processo de subtração dos fenômenos psíquicos, ou seja, se compreende e suspende cada pensamento, cada comportamento, cada ação, após as purificações dos fenômenos, se chega à essência, a intencionalidade daquele indivíduo.

A intencionalidade, na Fenomenologia, deriva do latim *intentio*, já na Ontopsicologia, tem a sua origem etimológica no latim *id quod et quo intendit, intus actionis*, que significa:

. . . o que faz e pelo que se faz o dentro da ação. Aquele dentro onde o ser age. O fim onde a ação faz vetorialidade ou direção (= escopo). Estrutura formal que vincula a modalidade da ação. A direção na qual a ação se homologa e se configura de *per si* no interior de um contexto. Qualquer modo energético mundano se origina e se concretiza a partir da tipicidade da intencionalidade. Ainda que a sua essência seja intrinsecamente numênica é sempre identificável por meio de suas diretas projeções que constituem as representações síncronas ou imagens especulares. Exatamente estas últimas configuram o quê e como a ação está agindo em mim (Meneghetti, 2012, p. 140).

Afinal, não existe uma definição precisa para o termo intencionalidade, e sim aproximações teóricas. O autor apresenta outra explicação acerca do seu entendimento de intencionalidade, o qual: “o objeto não existe, dá-se somente o sujeito e os seus modos. Ou seja, quando amo uma pessoa e vou em direção a um outro que é objeto do meu desejo, mas em direção a algo que é forma do meu íntimo” (Meneghetti, 2017, p. 157). Logo, o que aparece no externo, o objeto, este não é real, pode ser considerado uma aparição de algo que não é

diferente de mim, sujeito que observo e intenciono, porque é sempre o sujeito que vai, que age, que sente, que ama, que cai, que sofre, que sente medo e subjetivamente experimenta aqui e agora.

A intencionalidade “é algo que tende a. É uma tensão a, mas que não tem objeto: sou eu que vou” (Meneghetti, 2017, p. 158). Desse modo, segundo o autor, a única realidade é psíquica, e quanto mais se vai adiante no conhecimento íntimo das coisas, mais se chega às efetividades da intencionalidade. E, nesse caso, “o objeto é somente um arremessado ou precipitado do Eu para o Eu” (Meneghetti, 2017, p. 158), ou seja, o objeto está fora, está no nível do Eu.

Parte-se do pressuposto de que cada indivíduo advém de uma realidade, seja cultural, social, econômica, mesmo estando todos em um mesmo mundo-da-vida, e que cada indivíduo pensa, age conforme esse contexto em que vive e habita; logo, cada um tem diferentes ideias, pensamentos, atitudes, emoções e ações. Para cada fenômeno psíquico desses citados, existe, *a priori*, uma atividade psíquica que direciona, que permite as passagens técnicas por meio das imagens.

As imagens ilustram como a vida está acontecendo naquele ser humano e mostram as diretivas, se está em uma norma de saúde, bem-estar, ou se está direcionando a vida de modo errôneo e equivocado, a partir das ações corriqueiras do dia a dia, que são constantemente escolhidas, decididas, selecionadas e realizadas pelo eu.

Essas passagens são diretivas, são informações e precisam, às vezes, de interpretação, realizada por um psicoterapeuta que utiliza do método da Ontopsicologia da interpretação dos símbolos oníricos. Os primeiros teóricos que descreveram a sua tese acerca da intencionalidade demonstraram somente uma perspectiva e compreensão epistemológica desse conceito, porém a Ontopsicologia buscou compreendê-lo antropológico-psicologicamente, reconhecendo, assim, a existência de diferentes tipos de intencionalidade, tendo em vista a importância desse conceito para a compreensão de quem é o homem e de que modo obtém saúde ou patologia.

1.4 Os tipos de intencionalidade na Ontopsicologia

Partindo do pressuposto de que cada ser humano tem um modo próprio de existir, tocar, ver, entender, saber, tem seu modo de viver saudável ou não. Nessa experiência com a vida terrestre, existe um elemento primordial, uma simples estrutura, que, sem ela, nada se é. Existe um dado primordial ao homem: o ser, que é o ente, é verdadeiro, logo não é constituído pelos sentidos, nem pela matéria, nem pelo sujeito, simplesmente é. Caso não seja, se opera na negação, por isso o ser é e o não ser não é.

Então, existe uma intencionalidade ôntica (ou do Ser) no ser humano que “é onde o Ser se intenciona. Pode-se experimentá-la apenas por meio da exclusiva mediação do Em Si no seu ato primeiro de ser ou não ser” (Meneghetti, 2012, p. 141). Logo, nessa intencionalidade, se o Ser intenciona a vida naquele ser humano, ele passa a ser, se “é”, pode-se considerar esse o primeiro ato, o “é” se refere a existência do ser, o ser é.

Ainda, sabe-se que cada ser humano possui uma alma, um espírito e, a partir dessa premissa, “o espírito seria como a intencionalidade ôntica que, do simples age igual no múltiplo e, portanto, a unidade de ação das múltiplas individuações” (Meneghetti, 2020, p. 153). Desse modo, é a partir do indivíduo que tudo se fenomeniza e se começa as relações, as ações e os resultados.

A segunda intencionalidade é a de natureza. Todo ser humano tem uma constituinte formal, ou seja, o modo que o especifica e o distingue das outras vidas existentes no planeta, (animais, anjos, plantas...) é o que o especifica como tal no planeta Terra. Essa constituinte do humano é a “constante H”, que é “a lei preexistente no interior do nosso psicorgânico: é uma predisposição química, biológica, formal; a inexorável ordem apriorica e categórica de qualquer ser humano” (Meneghetti, 2012, p. 141), isto é, a constante H torna o homem distinto, específico, individua-o como uma unidade psíquica de ação no mundo-da-vida, permite que o ser humano se relacione, com as outras vidas existentes, pois possui uma forma de inteligência, um modo de interagir e se relacionar com o universo.

A terceira intencionalidade é a do Eu (Eu lógico-histórico) ou intencionalidade subjetiva. O Eu lógico-histórico, na Ontopsicologia, é compreendido de forma diferente da Psicologia convencional, pois explica-se que aqui o Eu não deve ser entendido apenas como forma consciente, porque, na zona do Eu, existem, também, os mecanismos de defesa e vastas zonas do inconsciente. Logo, o Eu lógico-histórico “é a capacidade de mediar o real externo segundo a exigência individual do íntimo” (Meneghetti, 2012, p. 108), ou seja, é a parte

lógica e consciente das operações humanas, sejam as voluntárias, as responsáveis, as reflexivas, as inteligentes, as racionais, as mnemônicas, entre outras.

É uma estrutura que faz a mediação do real introverso ao real extroverso, e é o ponto onde acontece a tomada de consciência, de responsabilidade, de voluntarismo e de racionalidade, portanto, a intencionalidade do Eu lógico-histórico “é a decisonalidade consciente com a qual se formam os atos de vontade; incide apenas sobre a história do sujeito. A coincidência entre intencionalidade de natureza e intencionalidade do Eu lógico-histórico dá o nascimento do Eu” (Meneghetti, 2012, p. 141).

Se o indivíduo está na intencionalidade de natureza, constituída pela “constante H”, e esta faz a coincidência, está de acordo, com a história que a pessoa está vivendo, há consonância do seu real introverso e extroverso, o que tem como resultado, segundo conceitua Meneghetti (2012), o nascimento do “Eu”, pois há congruidade, sempre se está em mudança e a consciência sempre muda, pode-se tornar tudo claro e viver o real ou regredir e viver inconsciente de si mesmo. Diante disso, o ser humano muitas vezes está numa atitude de constante regressão, e de não estar em sua autorrealização pessoal, ou seja, em sua matriz reflexa. A matriz reflexa foi concebida após a descoberta científica do “Monitor de Deflexão”.

Sendo assim, diferentemente do Monitor de Deflexão, a matriz reflexa tem a matriz como “molde primário que formaliza, e estrutura milhões de exemplares, em qualquer matéria, igual ao protótipo do qual a matriz é a coincidência, a evidência” (Meneghetti, 1996, s/p) e é “reflexa exatamente no sentido de reflexo, do verbo refletir, como o espelho, como a água, como a luz” (Meneghetti, 1996, s/p). Em seu dia a dia, o ser humano, com seu modo de percepção, não vê a imagem que formaliza, mas o reflexo da realidade.

O reflexo é, portanto, “uma matriz que a nós chega por passagem reflexiva, passagem, transmissão, transmissão de memória, de imagem, de reflexo, através do módulo familiar – módulo é um segmento de uma forma, é um perfilado de uma particular forma” (Meneghetti, 1996, s/p). Logo, pode ser repetido em infinitos lugares, porque é sempre igual. Portanto, a matriz reflexa é “uma prótese psicoexistencial, chama-se prótese aquele aparelho que faz o dentista quando tem cômodo os dentes” (Meneghetti, 1996, s/p).

Dessa forma, passa-se para a quarta intencionalidade que, segundo Meneghetti (2012), é a do complexo, essa “é a intencionalidade baseada na matriz reflexa, da qual o complexo é a estrutura resultante” (Meneghetti, 2012, p. 141). Meneghetti retoma a ideia de complexo

apresentada por Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra e psicoterapeuta suíço fundador da psicologia analítica, que compreendeu o complexo como neutro, nem positivo e nem negativo, tudo depende da forma que se está individuando e especificando a obra do Eu, logo, é importante individuá-lo e formalizá-lo para atuação de uma história individuada eficiente.

Então, conforme foi definido, o complexo é uma “fixação somatopsíquica de energia, autônoma do Eu consciente e agente à atividade lógica deste” (Meneghetti, 2012, p. 51), está em relação a “qualquer tipologia de atividade psíquica não coligada com a vontade do Eu. Assume a própria modalidade pulsional em relação a três elementos: 1) repressão de um instinto biológico; 2) simbologia da cultura ambiental; 3) devir do real” (Meneghetti, 2012, p. 51). Isso no indivíduo se determina pelos estereótipos, ou seja, por modelos ditos como ideais, mas que garantem somente a continuidade da estrutura, não trazendo criatividade e nem novidade de desenvolvimento para a vida, somente repetição.

Dando continuidade, tem-se a quinta intencionalidade, que é a socioambiental. Para Meneghetti (2012), “é a coação dos outros consorciados em muitos, distintos e opostos ao indivíduo” e, ainda, pode-se encontrar como “intencionalidade do ambiente sociocoletivo: é tudo aquilo que se define: família, sociologia, estereótipos morais, dialéticas ambientais que fazem ideologia, escola, moda, economia sistêmica, política partidária, diferença de raças, de classes etc.” (Meneghetti, 2019, p. 173).

Essa intencionalidade diz respeito ao ambiente em que o ser humano vive e a todas as relações que estabelece, bem como, com as normas impostas aos hábitos sociais. O ambiente também age e interfere nas ações que o indivíduo executa, pois não pode fazer o que quer, mas diferentemente pode fazer de acordo com as normas que se tem definidas pela política do país, pela economia que gera e movimenta a pobreza e a riqueza, pelo modo de se vestir socialmente imposto, pelas ideologias, ou seja, por aquilo que se acredita ser a verdade vigente do momento.

Apresenta-se um exemplo para esta intencionalidade, o modo como se é educado, e como se educa as crianças, também, são resultados de toda uma estrutura social, um sistema, com normas padrões e leis, que direcionam o modo de viver das pessoas, acontecer de um modo e não de outro. Para entender com mais clareza essa questão, é só observar que cada país, cada cidade e região, determina o modo do estilo de vida do ser humano, e que cada povo tem as suas crenças, os seus hábitos e tradições, a sua cultura, seja pelo modo de se vestir, pela linguagem, os modos de comportamento aceitos e os que não são aceitos.

Chega-se, então, à sexta intencionalidade, entendida como a personológica, que, conforme entende Meneghetti (2012), é a intencionalidade “do homem superior, satisfeita a intencionalidade de natureza e absolvidos os deveres de maturidade, está em condições de fazer-se correspondência ôntica: ele torna-se percurso preferencial da vida e a sua intencionalidade subjetiva se faz criação em ato” (Meneghetti, 2012, p. 142).

Essa intencionalidade é suscitada no indivíduo com um percurso de vida, vivido, e experienciado, ou seja, refere-se ao ser humano que já construiu sua carreira estudantil e profissional, que construiu família ou não, que de certo modo já é maduro, que alcançou uma vida adulta e não infantil, que atingiu uma condição de plenitude da vida, e passa a fazer criatividade, a agir de acordo com a intencionalidade da natureza.

Desse modo, “cada coisa faz parte da criação já em ato e tudo é intencionalidade de natureza. Sucessivamente, entram as intencionalidades individuadas ou subjetivas, as intencionalidades do complexo, do Eu histórico, as intencionalidades do ambiente circunstante” (Meneghetti, 2020, p. 122). Pontua-se que, além da intencionalidade psíquica do ser humano, também está em ação a intencionalidade do ambiente, a qual é mais elucidada, a partir da descoberta científica do campo semântico.

Nessa perspectiva, a intencionalidade atua como identidade operativa, seja de uma pessoa, de um ambiente/contexto determinado ou de uma situação, podendo ser conhecidos e acolhidos pela inteligência agente da situação, segundo o método ontopsicológico. Como é compreendido, o conceito de intencionalidade = intencional: *intus*, ou seja, o que age dentro; tem-se então a capacidade de arquitetar e produzir as referências de transporte ou processos de transformação (Meneghetti, 2013, p. 169), uma “mente que está agindo dentro da ação” (Meneghetti, 2013, p. 224). Dessa forma, compreende-se que a vida é intencional, e que é ela que faz o ser humano agir, mudar, se transformar e que, antes de tudo acontecer no real externo, já há uma vetorialidade agindo dentro.

Foram descritas acima as seis intencionalidades expostas no dicionário de Ontopsicologia (Meneghetti, 2012, pp. 140-142) e outros livros do mesmo autor, mas no estudo do conceito nas diferentes obras de A. Meneghetti, encontram-se outras quatro intencionalidades, as quais são: “intencionalidade psíquica” (2013a), (2017) e (2019), “intencionalidade antropológica” (2018b), “intencionalidade estética” (2020) e a “intencionalidade da vida” (2020), que serão apresentadas a seguir, conforme a cronologia de publicação das obras.

A “intencionalidade psíquica” segundo Meneghetti (2017), é o feixe das vetoriais organísmicas, o feixe magnético no qual se devem circunscrever todas as funções da natureza. Alma, da homônima etimologia grega de sopra, significa o movente, o que sopra, entende-se por *psíquica* algo apriorístico, prioritário; é uma causa entre as diferentes fenomenologias, porque a intencionalidade psíquica é aquela que advém da alma, do espírito, do Em Si ôntico, de cada individuação.

Partindo do pressuposto de que o corpo humano é uma máquina viva, pensa-se o corpo vivo como um ponto essencial, ou seja, a vida e ação para esse corpo. Mesmo tendo isso como evidência, não se tem uma resposta objetiva e nem “cognição alguma a respeito do porquê o coração pulsa, os sacos pulmonares têm o seu movimento, o olho vê, etc. Pode-se reproduzir, em laboratório, o ser humano em todos os seus aspectos, mas sem o Em Si intencional do humano, não caminharia e não pensaria, seria um corpo estático” (Meneghetti, 2013, p. 152), tudo funciona a partir da atividade psíquica.

Desse modo, existe um elemento que dá vida, que permite ao corpo mover-se. Esse elemento é invisível, mas é o que dá a força, a pulsão movente e, ainda, dá uma identidade a cada ente, que o identifica como único e exclusivo, mas que “não se revela objetivamente: é uma onda fantasma, uma espécie de agente universal, mediante o qual é possível o indivíduo vivente” (Meneghetti, 2013, p. 152), a onda fantasma é aquela que existe mas não se vê, é onipresente.

O autor define “onda fantasma”, pois enquanto “existem alguns eventos, ou efeitos, que não podem ser circunscritos à causalidade dos pontos-força evidentes: a onda fantasma deve ser explicada com causalidade não visível e não objetivável, mas presente, enquanto constituinte de precisos efeitos” (Meneghetti, 2013, p. 152). É a onda que está presente na vida humana, mas não se vê concretamente, não se objetifica, e que traz resultados e efeitos na vida prática, objetual do ser humano.

Para avançarmos na compreensão do conceito de intencionalidade, Meneghetti traz uma comparação, que é apresentada a seguir:

. . . a intencionalidade psíquica pode ser comparada ao Eu e ao modo em que ele é capaz de entrar dentro dos próprios pensamentos: o Eu é capaz de entrar dentro de um pensamento, esquecê-lo, depois passar a um outro, ou seja, cada pensamento é um pequeno universo em si no interior de uma individual caixa craniana. Não se sabe onde

está o Eu ou o que é. O pensamento é o seu exposto, porém o Eu não é nenhum pensamento. Onde você é você, não é nenhum pensamento de você. O Eu é o operador, mas você não o vê. Se você quer compreendê-lo, deve analisar os seus pensamentos (Meneghetti, 2013, pp. 154-155).

Partindo dessa apresentação, observa-se teoricamente como a intencionalidade psíquica atua na mente e na vida do ser humano, mesmo sem saber exatamente onde está na mente humana. Quando se refere “ao ponto que se localiza”, ao mesmo tempo, pode indicar afetar alguma parte específica do corpo. Ao atuar na mente e se fenomenizar, a intencionalidade psíquica pode ser compreendida ao observar como se movem os pensamentos.

Para essa observação mais específica, recorre-se ao método da psicoterapia ontopsicológica. Esse método terapêutico utiliza, além do diálogo, diferentes instrumentos de análise e diagnose, os quais foram apresentados anteriormente neste texto. O método ontopsicológico, em sua análise, parte da intuição conduzida através da leitura das seis linguagens diagnósticas, as quais: anamnese linguística e biografia histórica, análise do sintoma ou problema, fisiognômica-cinésico-proxêmica, sonho, campo semântico e resultado.

Ainda, o método é bilógico “com as quais faz uma diagnose completa (indução); sucessivamente demonstra fenomenicamente a intuição (dedução)” (Meneghetti, 2010, p. 133) esclarece que “os termos indutivo e dedutivo não são usados segundo a concepção kantiana. São medidas de formalização logística, não existem na realidade; na natureza não há uma distinção precisa” (Meneghetti, 2010, p. 133).

Diante disso, para se chegar à real intencionalidade de cada ser humano, a descoberta científica do campo semântico pode ser um instrumento a ser utilizado, afinal a intencionalidade psíquica se especifica pelo campo semântico. Também, revela-se pelas imagens. As imagens no ser humano advêm dos sonhos, dos pensamentos, das ideias, do desenho, da pintura, da escultura, do modo de se vestir e se expressar com o mundo externo, logo, a partir desse pode-se “sempre compreender cada intencionalidade latente” (Meneghetti, 2013, p. 237).

Afinal, é por meio das imagens que o inconsciente se torna fenomênico e aparece na consciência, apresentando a origem das causas que o constituem. Como afirma Meneghetti,

“a intencionalidade é a causalidade que produz efeitos sem aparições de si mesma, age dentro dos próprios fenômenos, dentro dos próprios efeitos, mas jamais é constatável diretamente” (Meneghetti, 2010, p. 501).

Na prática cotidiana da vida do ser humano, pode-se buscar o aperfeiçoamento de si mesmo e da sua progressividade funcional, porque, segundo (Meneghetti, 2020),

. . . uma vez aperfeiçoada na própria função como resposta adequada à intencionalidade de natureza e à intencionalidade personológica. . . trata-se de dar duas respostas: uma à intencionalidade de natureza, isto é, a correspondência a uma lei onde se é mais ou menos igual; sucessivamente, existe uma resposta à intencionalidade personológica que faz variante novidade, não repetibilidade de Eu (Meneghetti, 2020, p. 87).

Como explicitado, há o lado do ser humano em atuar a criatividade e a novidade de tornar-se pessoa, construindo a sua própria identidade. Afinal, a intencionalidade personológica se constitui a partir da ação histórica, que “é qualquer mover-se do sujeito na sua individualidade existencial; é a arte de ser a si mesmos no aqui e agora” (Meneghetti, 2020, p. 84).

Com essa prerrogativa, elucida-se que o ser humano tem uma base na qual se é igual e, a partir dessa “igualdade que nos faz semelhantes, exerce-se a dialética dos superiores, isto é, daqueles que, durante o arco existencial, sabem ‘jogar’ melhor. Portanto, não se satisfaz apenas a economia do desenho da intencionalidade de natureza, mas se começa a dar uma resposta superior” (Meneghetti, 2020, p. 87). Essa resposta superior se refere aos resultados e aos modos de vida que cada ser humano colhe e vive de forma distinta dos outros.

Por fim, tem-se, então, que a intencionalidade, apesar de ter uma origem na psique no ser humano, fenomeniza-se em diferentes modos e “termina na manifestação” (Meneghetti, 2015a, p. 222), ou seja, é nos resultados e nos fenômenos que aparece, nesse sentido, a “intencionalidade não é mais do que causalidade psíquica, ou melhor, potência de causalidade psíquica” (Meneghetti, 2020, p. 169).

Com isso, sabe-se que é a partir da causa que se verifica os resultados, seja pela doença, pela psicossomática, pelo sucesso, pela felicidade, pela autorrealização, ou seja, é pela causalidade, seja esta positiva ou negativa, que se colhe os efeitos, e é no corpo que aparece,

pois, o corpo é a casa da alma. Além do corpo, também se colhe resultados na empresa, no trabalho, nas relações pessoais, no dia a dia, tudo o que é relacionado ao ser humano tem uma causa primeira, e as fenomenologias, os resultados.

Agora, apresenta-se a “intencionalidade antropológica”, que é referente à constante H, que é a “constante do homem”, ou seja, a “constituente formal de toda a Fenomenologia humana enquanto atividade em desenvolvimento ordenado, que especifica o humano enquanto tal no sistema cósmico” (Meneghetti, 2018b, p. 65). Para tanto, a natureza humana tem uma ordem própria, que revela que “o homem sadio é uma proporção intencional, a constante H é uma proporção intencional” (Meneghetti, 2018b, p. 70), logo, tem-se, como definição de constante H, “uma fórmula dos modos de acontecimento da vida. Vida é a força primígena que determina qualquer possível acontecimento histórico em semovência” (Meneghetti, 2018b, p. 71).

Além disso, a constante H é “um módulo de construir e de sintetizar o potencial da vida” (Meneghetti, 2018b, p. 71). É um módulo que possui uma propriedade que distingue o homem dos outros modos de vida. A constante do homem é diversa da constante da flor, da constante árvore, da constante dos animais, ou seja, a constante H torna o homem diverso dos outros modos de vida existentes.

Ainda, “a constante H é o ponto de referência e tolerância proporcional de todas as relações no interior do organísmico. É a direção fenomênica da intencionalidade de natureza” (Meneghetti, 2018b, p. 98), ou seja, a intencionalidade de natureza do ser humano tem como fenômeno a constante H. Agora, de modo claro, Meneghetti apresenta três pontos acerca da constante H, que é um critério da Ontopsicologia, para discriminar “o positivo ou negativo do universo inerente à dialética homem” (Meneghetti, 2018b, p. 99).

O primeiro ponto: “a constante H é a forma que especifica a energia elementar ou existencial do Em Si ôntico humano”. O segundo ponto é: “o critério objetivo da funcionalidade humana e dos valores referentes a ela”. E, como terceiro ponto é: “valor prioritário elementar deduzido da intrínseca forma que individua e especifica o humano enquanto tal e o distingue de todas as outras formas ou modos de existir” (Meneghetti, 2018b, p. 99).

Outra consideração importante para esclarecimento teórico é a diferença entre constante H e o Em Si ôntico. A constante H “é a forma geral de qualquer Em Si ôntico

humano”; e Em Si ôntico é “o princípio-critério de cada humano individuado” (Meneghetti, 2018b, p. 100).

Para compreender esta intencionalidade, existe uma capacidade essencial para o pesquisador, que consiste em colher a causa antes de chegar na atividade psíquica, sobretudo quando se transforma em intencionalidade. Entende-se “intencionalidade” como se formaliza as coisas na consciência, como exemplo: se tem um copo na mão e já está quebrado, mas vocês veem que o copo está inteiro, mas se diz quebrado, na causa, a intencionalidade já o quebrou. Tudo depende de como se formaliza o mundo ao seu redor “antes que se exerça o executivo emotivo e o exposto prático” (Meneghetti, 2018b, p. 68). Portanto, a intencionalidade está na causa, parte da atividade psíquica, logo como pensamos as coisas, se tornam realidade.

A intencionalidade estética é a que se relaciona com a arte. “Entende-se aquilo que era a vontade da vida ao fazer a beleza do mundo, qual era o escopo da realização das infinitas coisas que vemos do mundo-da-vida” (Meneghetti, 2020, p. 25), ou seja, a intenção de fazer o belo. Quando Meneghetti se refere ao mundo-da-vida, parte da concepção husserliana, na qual mundo-da-vida é o mundo “efetivamente intuível, efetivamente experienciado e experienciável (Husserl, 1954/2012a, p. 40).

Além disso, pode-se identificar também a “intencionalidade da vida”, nesta, “o homem é uma palavra do ser”, ser compreendido pela ontologia, dessa maneira, segue a definição acerca da intencionalidade da vida:

. . . como em uma palavra se define a intencionalidade do pensante: o sentido primeiro da palavra é infinito, vasto e eterno, mas quando está ligado na palavra, quando se configura em uma forma, permanece dependente e consequente daquela forma. Uma vez que se faz ecceica no formal humanista, a vida age a si mesma e o mundo, coerentemente, a esta tipologia (Meneghetti, 2020, pp. 36-37).

Para tanto, entende-se que a palavra produz a forma e, a partir dessa, pode-se visualizar o objeto, assim, tem-se a vida que no ser humano se manifesta, ou seja, é o Em Si ôntico que se presencia e é realizado pelo Eu lógico-histórico. A partir das ações, da realização no aqui e agora, coloca-se na prática existencial a intencionalidade da vida, pois cada individuação dentro de si tem uma presença eterna, um núcleo que o faz único, e este ponto não é fenômeno,

não é o corpo, não é macho, não é fêmea, não tem nacionalidade, nem cor e não possui nenhuma língua, pois esses são pontos que delimitam o indivíduo, é uma presença de qualquer ato que pode acontecer. Desse núcleo, se é íntimo a qualquer acontecimento, se está no mundo-da-vida. Essa presença pode ser entendida como um potencial a ser realizado, ou seja, não é um dado já pré-constituído, constrói-se assim, “Verificando-se todas as coordenadas que – no jogo existencial – dão convergência àquele núcleo, o homem está em condições de evidenciar esta íntima intencionalidade da vida” (Meneghetti, 2020, pp. 36-37).

Então, cada projeto oferece um potencial de realização histórica em sua vida, agora, tendo em vista que cada homem é posto pela causalidade da natureza e já possui uma forma, desse modo, só é preciso que cada sujeito encontre o seu exclusivo modo de viver. É pelo devir que cada vida encontra seu modo de acontecer e se construir historicamente, então existe um lado do ser humano que já é pré-constituído, já tem forma, e outro que precisa se construir, tornar-se.

2 A contribuição da Fenomenologia pura de Edmund Husserl para a *práxis* de Antonio Meneghetti na Ontopsicologia

Apresentando um exemplo da experiência de Meneghetti acerca do uso do método da Fenomenologia pura, apresentado por E. Husserl, a presente citação foi transcrita pelo próprio autor, na sua obra *O monitor de deflexão na psique humana* (2017):

. . . se uma pessoa me fala, sei tudo aquilo que está me dizendo em tudo aquilo que significa, mas não é real. Eu sinto a intenção além dos seus fenômenos, ali é real, isto é, faço transcendência contínua, faço contínua Fenomenologia pura. Isso significa ver todos os fenômenos e colher o último primeiro que jamais é fenômeno. Sempre tenho em foco o agente (Meneghetti, 2017, p. 161).

A causa primeira é a atividade psíquica, a intencionalidade que dá origem a causa de tudo, pois os resultados são somente os efeitos, os fenômenos são a parte final de um processo anterior. Quando em Ontopsicologia o autor usa o termo intencionalidade psíquica, se tem a compreensão: “como uma fase ainda mais subjetiva do que a subjetividade pura de Husserl, porque tal intencionalidade corresponde à forma do *nous* ou mente que é anterior à

intencionalidade dos complexos” (Meneghetti, 2017, p. 71). Ou seja, a intencionalidade psíquica está antes da ação do complexo do sujeito, está no mundo-da-vida.

“Essa primeira intencionalidade nada tem a ver com adaptações e finalidades históricas” (Vidor, 2013, p. 102). A partir dessa explicação, nota-se que cada intencionalidade é distinta, por isso, é subdividida inicialmente em seis e ilustrada em outras conforme foi apresentado neste estudo. Na averiguação, a partir de uma compreensão crítica da Fenomenologia husserliana, pode-se partir do velho conceito *accidens* da Escolástica. Acidente é uma projeção, um modo de acontecer, um conjunto de fenômenos, de fatos que, porém, nada têm a ver com a *substância*.

No final, a substância é um formal psíquico, uma realidade intencional, é aquilo que está sob tudo o que se vê. Então, para “encontrar a substância, deve-se antes superar todas as suas aparências e todas as suas fenomenologias. É preciso fazer contínua *epoché*. Desse modo tem-se a substância operativa de intencionalidade” (Meneghetti, 2010, p. 501). É a partir desse processo, da *epoché*, que Husserl contribuiu para chegar ao conhecimento da subjetividade e alcançar a intencionalidade psíquica.

Meneghetti (2017) afirma que “o único pensador ocidental próximo ao meu pensamento é E. Husserl”. Essa aproximação se dá pela descrição do ser humano em crise de si mesmo, pela apresentação da crise das ciências europeias, da compreensão sobre a intencionalidade, do ponto de partida aberto pela Fenomenologia, entre outros pontos em comum encontrados tanto na obra de Husserl, como na obra de Meneghetti.

Considerações gerais

A questão da intencionalidade é tensionada por diferentes autores, em momentos históricos diferentes e com concepções de ciência também diversos, e cada uma apresenta a sua concepção acerca do conceito, logo, a forma apresentada pela Psicologia é diferente da concepção fenomenológica, que se distingue também da Ontopsicologia.

Esse conceito é fundamental para se compreender o emblema que o ser humano é, tendo em vista que a intencionalidade é um conceito muito maior do que a simples compreensão que se tem do conceito, “de que se tem a intenção de algo”; quando a intencionalidade aparece no pensamento, já é fenômeno, pois a intencionalidade se dá antes, tudo o que acontece depois, seja a ideia, a imaginação, o pensamento, as palavras ditas, é resultado fenomenológico. A

intencionalidade é passar a perceber, é o desejo, a estima de algo, é aquilo que se intencionou, mas não a partir dos fenômenos, e sim a partir da consciência.

Ainda, o estudo desse conceito não foi estudado somente pela Psicologia, mas também contribuiu fortemente com a Fenomenologia de Edmund Husserl e a Ontopsicologia desenvolvida por Antonio Meneghetti, sendo esses autores os principais a fundamentarem o estudo realizado. Mas, para chegarmos à compreensão defendida pelos autores, fez-se necessário construir a linha histórica dos autores que também contribuíram para o entendimento da intencionalidade.

Logo, Avicena, Averróis e Brentano foram estudados a fim de se apresentar de forma mais aprofundada a compreensão e a perspectiva que havia sido construída acerca do conceito antes de Husserl e Meneghetti apresentarem a sua perspectiva. Então Husserl refutou a teoria de Brentano, e Meneghetti desenvolveu a própria teoria partindo dos estudos dos escolásticos da Idade Média, prosseguindo para os autores predecessores, e então formulou a sua perspectiva acerca do tema.

Não cabia, no objetivo da pesquisa realizada, aprofundar-se nas concepções de São Tomás de Aquino (1225-1274), Guilherme de Ockham (1285-1347), Kazimierz Twardowski, (1866-1938), Martin Heidegger (1889-1976), Max Ferdinand Scheler (1874-1928) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). Ficando, desse modo, a indicação para um próximo estudo que envolva a compreensão do conceito de intencionalidade para os diferentes autores que abordaram o tema em seus estudos teóricos, ou ainda, o estudo de um desses autores em relação à compreensão da intencionalidade por Husserl e Meneghetti.

A contribuição de Avicena para a questão da intencionalidade foi que o autor utilizou o conceito para explicar a relação entre os objetos e o sujeito e, ainda, desenvolveu toda a sistemática das intenções, distinguindo-as entre: intenções sensíveis, inteligíveis e *non sensatas* ou intermediárias, e entre primeiras e segundas intenções, e as intenções formais e objetivas. Logo, a intenção pode ser descrita como tudo aquilo que se considera um sensível ou sensação acompanhado da percepção do objeto. O ponto que diferencia a teoria de Avicena sobre a intencionalidade é que a intenção não está no indivíduo que percebe, mas no objeto, ou seja, o sujeito percebe que aquele objeto porta uma intencionalidade.

Já Averróis refutou a teoria de Avicena acerca da intencionalidade, apresentando que a intenção não é uma sensação, mas uma percepção que permite chegar ao ponto individual, e

ainda, reduziu o conceito à compreensão de que cabe somente a quatro sentidos internos, os quais: sentido comum, imaginação, cogitação e memória.

Anos mais tarde, o conceito foi retomado por Brentano, que apresentou que a intencionalidade é o fator determinante dos fenômenos psicológicos. Para esclarecer, o entendimento de fenômenos psicológicos é que são sempre atos ou processos, que envolvem as experiências dos sujeitos e os estados de consciência envolvendo um objeto, e que são distintos dos fenômenos físicos. Ainda, afirmava que o ato psíquico era intencional.

Para Brentano, a intencionalidade tinha duas noções, a primeira era a noção de referência a um conteúdo, visada de um objeto, e a segunda era os objetos intencionais que estavam na consciência, ou seja, não era um objeto físico. Anos depois considerou esta segunda noção ineficaz, pois não tinha claro o que era o objeto psíquico do objeto físico.

Mas, o discípulo de Brentano, Husserl, refutou a teoria do mestre, pois, para ele, essa teoria da psicologia da intencionalidade não tinha nenhum ponto de aplicação. Logo, para Husserl, a intencionalidade, em seu sentido mais restrito, sugere o inconsciente, pois possui seus modos próprios de validade e de transformação. Para compreender a concepção de Husserl sobre a intencionalidade, é importante despir-se da concepção psicologista apresentada por Brentano, o que significa que precisa conceber o conceito num todo, e não em uma parte isolada. Desse modo, foi modificada historicamente a teoria do conhecimento, que vai influenciar diretamente no modo que a Fenomenologia constrói a concepção de intencionalidade.

Para tanto, Husserl desenvolveu a Fenomenologia, que não se deteve em explicar as coisas teoricamente, mas consistiu em descrever os fenômenos rigorosamente, ou seja, por meio de um método (fenomenológico), tais como aparecem para a consciência, pois a Fenomenologia foi entendida como a doutrina universal das essências.

A intencionalidade da consciência foi um conceito de fundamental importância na crítica ao psicologismo e ao positivismo. Foi, ainda, uma das principais problemáticas da Fenomenologia pois apresentou a proposta de uma volta às próprias coisas. Para Husserl, a intencionalidade é o objeto da consciência, pois constitui síntese ou unidade, uma constituição ativa e passiva e não se limita à síntese no juízo.

A intencionalidade da consciência consiste no ato de perceber propriamente dito, que é notar algo, é estar voltado para o objeto, pois a consciência sempre visa um objeto e, ainda, a intencionalidade é a própria consciência, é a essência da subjetividade. Desse modo, foi possível evidenciar a importância da intencionalidade para o desenvolvimento da

Fenomenologia, bem como para a continuidade das questões científicas que envolvem a teoria do conhecimento.

O rompimento proposto por Husserl do método científico realizado de forma ampla até então precisou ser fortemente teorizado e defendido para que, nos anos subsequentes, compreenda-se a ciência não na concepção positivista, que ainda influencia fortemente os ambientes acadêmicos, mas na concepção apresentada pela Fenomenologia.

Afinal, Husserl influenciou fortemente a concepção científica adotada por Meneghetti, no desenvolvimento da Ontopsicologia, já há 50 anos, que é uma ciência epistêmica interdisciplinar, e que desenvolveu um método científico, que é constituído pela indução, dedução e a intuição, e fundamentado na lógica científica e na lógica paranormal, e, além do uso da razão, somou-se a percepção organísmica.

Evidenciou-se que a crise das ciências apresentada por Husserl não foi respondida pela Psicologia, mas que nela esteve presente fortemente. A Ontopsicologia defendeu que a crise das ciências pode ser resolvida não de forma epistemológica, mas a partir de aspectos ontológico-existencial (antropológico-psicológica), assim, abrangendo toda a vida psíquica do humano.

Essa ciência também abordou o conceito da intencionalidade como ponto central para a compreensão de diferentes aspectos desenvolvidos nela. Para tanto, foi possível evidenciar que o conceito de intencionalidade é apresentado no dicionário de Ontopsicologia com seis tipos, os quais: ôntica (ou do Ser), de natureza, a do Eu (Eu lógico-histórico), do complexo, a socioambiental e a personológica, mas, nos livros de Ontopsicologia que apresentam diferentes discussões teóricas e práticas, foi encontrado a intencionalidade psíquica, a intencionalidade da vida, a intencionalidade estética e intencionalidade antropológica, que, por algum motivo, não foram descritos no dicionário.

Logo, supõe-se que foi uma escolha teórica de Meneghetti não incluir esses quatro conceitos, pois o primeiro dicionário foi lançado em 1987 juntamente com a obra da Psicossomática. Já a obra *genoma ôntico* foi lançada em 1997, anos após, e é a obra que apresenta a intencionalidade psíquica, ou seja, pode-se presumir que o autor desenvolveu o conceito depois e não voltou a retomar a forma que descreveu o conceito anteriormente.

Sabe-se que nem sempre em vida há tempo do autor relançar a obra com revisões e acréscimos, e que, a cada fase, o pesquisador amplia e modifica a sua perspectiva acerca da teoria elaborada. Como exemplo disso, sabe-se que textos escritos por Meneghetti que

antecederam as descobertas científicas. Em *Si ôntico*, *Campo Semântico* e *Monitor de deflexão* eram escritos de forma diferente dos livros que foram publicados a partir da evidência dessas descobertas, pois se passou, então, a compreender a vida de outra perspectiva.

Para essa questão, caberia a sugestão de uma pesquisa teórica que apresentasse o percurso que Meneghetti realizou ao desenvolver a Ontopsicologia e que ilustra como foi realizando a sistematização da ciência, ou seja, não um excuro teórico biográfico que já existe, mas um estudo que torne possível verificar as concepções de antes e as explicações póstumas às descobertas, pois em cada obra de Meneghetti se encontra diferentes formas escritas que explicam o mesmo ponto. Por exemplo, sobre o *Em Si ôntico*, o autor o descreve de diferentes formas, explicando conforme o público, se jovens, empresários, psicoterapeutas, entre outros, mas qual em forma debruçou-se a explicar em primeiro lugar? Presume-se que foi a científica, e, depois, como uma função social, explicou com outras palavras a mesma questão.

Assim, mesmo a ciência tendo um diálogo específico entre os autores, para uma real contribuição social, de forma que se aplique e se avance em diferentes áreas do conhecimento, a escrita científica por vezes necessita ser “didatizada”, a fim de que seja compreendida por pessoas em níveis diferentes de estudo, pois sabe-se que a compreensão de Husserl e Meneghetti é complexa e só é compreendida por mentes capazes e dispostas a construir um percurso de estudo sério para chegarem ao que realmente diz a Fenomenologia. E na Ontopsicologia, para que possa ser compreendida, há um fator a mais, é necessário possuir um estilo de vida coerente e realizar as mudanças de vida necessárias para a própria autorrealização. Outra pesquisa que se pode sugerir é construir um excuro histórico e teórico do desenvolvimento das ciências até a Ontopsicologia, que é compreendida como a ciência preliminar a outras ciências. Logo, neste estudo se entenderia, a partir dos fatos evidenciados, o porquê desta afirmação.

ESTUDO II

A FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA: A VIVÊNCIA INTENCIONAL E A RELAÇÃO COM A ARTE INFORMAL

Resumo: A Fenomenologia de Husserl oferece uma abordagem única para a compreensão da consciência, da percepção, da intersubjetividade e da relação entre sujeito e objeto. Em sua teoria, apresenta as vivências intencionais ou psíquicas. A vivência é um fato da consciência, que tem um fluxo e o olhar reflexivo que não foi defletido, consegue apreender que tem uma essência própria, que pode ser captada pela intuição, e o seu conteúdo pode ser considerado em sua característica intrínseca. O que é vivenciado, no sentido fenomenológico, é o ato de ver, ouvir, imaginar, cheirar, querer ou não querer, e não o objeto visto, ouvido, imaginado, etc. Já intencional se entende por intencionalidade, se tem consciência de algo. A *epoché*, que consiste na suspensão dos juízos, permite ver o real da situação, a coisa em si, e não o universo imaginário da mente, e está atrelada à consciência. Em toda relação de consciência, há o ato do eu ou do objeto; de um lado está a consciência e do outro a coisa consciente, a consciência pode ser entendida como o eu. O eu refere-se ao objeto através do ou no ato, tendo, assim, de um lado, a representação do eu e, do outro, a respectiva representação, desejo, juízo sobre a coisa em pauta, “o eu se refere intencionalmente, em cada ato, a um objeto”. O objeto em que se estudou a relação do sujeito foi a arte informal, que, conseqüentemente, encontra-se em terra de ninguém: está entre o real [*das Reale*] e o possível (mas não realizado [*das Unverwirklichte*]), exercendo a função que conduz do possível ao real. Este estudo pretendeu responder ao seguinte objetivo: analisar, a partir da Fenomenologia husserliana, a vivência intencional da arte dada pela relação da fruição com a arte informal.

Palavras-chave: Vivências intencionais; *Epoché*; Objeto intencional; Consciência.

Abstract: Husserlian phenomenology offers a unique approach to understanding consciousness, perception, intersubjectivity, and the relationship between subject and object. In his theory, intentional or psychic experiences are presented as facts of consciousness that have a flow and a reflective gaze that, when not deflected, can grasp their own essence, which can be apprehended through intuition. The content of these experiences can be considered in its intrinsic characteristic. In the phenomenological sense, what is experienced is the act of seeing, hearing, imagining, smelling, wanting, or not wanting, rather than the seen, heard, or imagined object, etc. Intentional refers to intentionality, being conscious of something. The *epoché*, which involves the suspension of judgments, allows one to see the reality of the situation, the thing itself, and not the imaginary universe of the mind; it is linked to consciousness. In every consciousness relationship, there is the act of the self or the object; on one side is consciousness, and on the other is the conscious thing. Consciousness can be understood as the self. The self refers intentionally, in each act, to an object. The studied object in the subject-object relationship was "non-figurative" art, which consequently finds itself in no man's land: it is between the real [*das Reale*] and the possible (but unrealized [*das Unverwirklichte*]), serving the function that leads from the possible to the real. This study aimed to answer the following objective: to analyze, from the perspective of Husserlian phenomenology, the intentional experience of art given by the relationship with "non-figurative" art.

Keywords: Intentional experiences; *Epoché*; Intentional object; Consciousness.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que, na Fenomenologia husserliana, as vivências intencionais são uma temática fundamental, pois parte-se da compreensão de que toda consciência é consciência de algo, e que sempre tem uma direção. As vivências intencionais também são chamadas de psíquicas, como exemplo: sabe-se que a árvore, a cachoeira, a montanha são reais e existem, mas o unicórnio, o anjo, a fada são entes da razão e do pensamento e existem somente nesse mundo psíquico, mas na realidade nunca ninguém os viu, desse modo, a vivência psíquica independe de qualquer operação de pensamento.

A partir da *epoché*, abre-se precisamente a forma de olhar, a perspectiva, pois se deixa de lado os juízos pré-concebidos e passa-se a perceber, a ver de outra perspectiva, pois se abriu para a nova questão a ser vivenciada. Desse modo, isso ocorre não só para as intenções que decorrem na pura vida intencional, mas também para o que ela em si mesma intenciona, ou seja, sempre se visa algo e, assim, sempre se tem consciência de algo.

A consciência é direcionada para algo no qual não se atentara antes e, ainda, cada vivência intencional é exclusiva em cada sujeito, pois cada consciência diz respeito a cada sujeito, ao seu mundo interior, a sua subjetividade. Diante dessa questão da vivência intencional, este estudo pretendeu explorar, a partir da Fenomenologia, a vivência intencional da arte dada pela relação entre arte informal. Os passos que se seguiram foram os seguintes: primeiramente, apresentou-se brevemente a Fenomenologia de Husserl, seguindo da acepção e da análise da consciência, pois a consciência é essencial para que se colha a vivência, para então, explicitar mais abertamente a questão da vivência intencional, apresentando o que se entende por vivência, sendo esta sinônimo de experiência e, ainda, diferenciando o que é a vivência do que não é. Na sequência, abordou-se também sobre o objeto intencional, a *epoché* na vivência intencional e, por fim, as contribuições de Husserl acerca da arte informal.

2.1 A vivência intencional na Fenomenologia de Husserl

A Fenomenologia é uma Filosofia e método que se desenvolveu a partir dos estudos e reflexões do filósofo Edmund Husserl. Essa abordagem filosófica busca compreender a essência das experiências humanas através da análise direta da consciência, colocando a

experiência subjetiva como ponto de partida para a compreensão do mundo e de si mesmo. O “fenômeno” que é o objeto da Fenomenologia é aquilo que faz aparecer. Em outras palavras, o fenômeno não é o objeto da vivência como o branco da porta, por exemplo, mas o ato de percepção visual que faz com que o objeto da vivência (neste caso, o branco da porta) apareça.

Husserl propôs um método rigoroso de investigação dos fenômenos, que busca suspender os preconceitos e pressupostos prévios para uma apreensão mais autêntica do fenômeno, que denominou de *epoché*. Ao explorar a subjetividade em sua complexidade e riqueza, a Fenomenologia oferece uma abordagem única para a compreensão da consciência, da percepção, da intersubjetividade e da relação entre sujeito e objeto.

Segundo Husserl (1954/2012a), não é uma tarefa simples para a Filosofia e a Psicologia alcançar um tema “por meio de uma abstração contrária, a ser efetuada simplesmente sobre todo o meramente corpóreo” (Husserl, 1954/2012a, p. 195). O caminho a ser percorrido para se compreender os fenômenos deve partir primeiro pela *epoché*, ou seja, da suspensão de todos os juízos iniciais sobre o assunto, para ultrapassar aspectos de incompreensão.

Na análise da consciência, Husserl evidenciou a intencionalidade como uma propriedade fundamental da consciência. A consciência encontra-se em estado correlacional, sendo sempre consciência de algum objeto, e os objetos só têm sentido para uma consciência. Assim, toda a subjetividade é constituída de consciência, ao mesmo tempo que cada pessoa tem a sua consciência psíquica, pois “as vivências psíquicas são distintas porque as realidades psíquicas dos indivíduos psíquicos são diferentes, e não porque os objetos são diferentes” (Nunes, 2022, p. 28). Ainda, “a *cogitatio* modificada é igualmente, a sua maneira, consciência, e consciência do mesmo algo que a consciência correspondente não modificada” (Husserl, 1954/2012a, p. 89), ou seja, uma vez que se tem a consciência de algo, está intencionalmente se referindo a este algo; mesmo se foi modificada, a intenção primeira permanece.

Segundo Husserl (2012), o que foi vivenciado pela experiência passa a ser consciência de algo, pois as vivências ampliam o repertório de conhecimento do sujeito, para exemplificar esta questão, na ficção de um determinado tipo de centauro, se tem a percepção de que o centauro seja real, mas na realidade esse animal não existe, está na imaginação, e o que se sabe do centauro é o que se leu sobre o animal; se pedíssemos que o sujeito fizesse um desenho desse centauro, retrataria o que imaginou a partir da descrição que leu, podendo fazer um

desenho desconexo do centauro, pois não teve uma vivência com o centauro para ter outra referência.

Assim, na própria essência do que foi vivido, há a consciência sobre algo, e cada vez que se vivencia aquela situação há o “direcionamento do olhar atento para algo no qual não se atentara antes” (Husserl, 2012, p. 89). Em cada vivência, aprofunda-se as camadas das percepções, das vivências, do que se vê, do que se percebe.

A palavra “vivência”, na Fenomenologia, difere do modo como essa palavra é usada no senso comum, por isso, Husserl distinguiu o sentido popular do sentido fenomenológico de vivência. Segue a explicação apresentada pelo fenomenólogo:

Se alguém diz: “vivenciei as guerras de 1866 e 1870” aquilo a que nesse sentido, se chama “vivenciado” é uma complexão de acontecimentos externos, e o vivenciar consiste, aqui, em percepções, ajuizamentos e outros atos, nos quais estes acontecimentos se tornam uma aparição objetiva e, frequentemente, objetos de um certo ato de posição referido ao eu empírico. A consciência que os vivencia, no sentido fenomenológico para nós determinante, não tem naturalmente em si estes acontecimentos, tal como as coisas que deles fazem parte, enquanto suas “vivências psíquicas”, enquanto seus elementos reais integrantes ou conteúdos. O que ela encontra em si, o que nela está realmente disponível, são os atos correspondentes do perceber, do julgar etc., juntamente com o seu material de sensação sempre mutante, o seu teor de apreensão, os seus caracteres posicionais etc. E, assim, também o vivenciar significa, aqui, qualquer coisa completamente diferente do que significava no caso precedente. Vivenciar os acontecimentos externos significa: ter certos atos de percepção, de cognição (seja como for que se determinem), e outros semelhantes, dirigidos para estes acontecimentos. Esse “ter” oferece-nos desde o início um exemplo para o tipo totalmente diferente de vivenciar que está em questão no sentido fenomenológico (Husserl, 1913/2012b, pp. 299-300).

Para tanto, no sentido popular, dir-se-ia que vivenciou as guerras de 1866 e 1870, ou seja, diz-se que o vivenciado, no sentido do experienciado, é o objeto, já no sentido fenomenológico, acontece ao contrário, não se diz que vivenciou a guerra, pois a guerra é o objeto, e o objeto não pode ser vivenciado, o objeto está na vivência. Logo,

fenomenologicamente, o que se vivenciou foi o medo da guerra, a violência da guerra, o som dos tiros, o barulho do local, etc.

O que se vivencia são as nossas próprias percepções, os próprios sentimentos, as paixões, mas não o fato: o fato é percebido, não experienciado. Se a guerra fosse vivenciada, o objeto seria dissolvido na vivência, e cada um teria a sua guerra, e então se cairia no psicologismo, que confunde o objeto com o sujeito e suas partes integrantes.

Assim, a vivência é intencional, não é uma simples experiência, mas “para viver puramente as vivências intencionais é necessário a *epoché*. Para ainda, libertar o olhar do que decorre na pura vida intencional, e no conteúdo e ela mesma põe o objeto em validade” (Husserl, 1901/2012b, p. 195). Agora, seguimos para a descrição do conceito de vivência, que segundo Husserl:

. . . são vivências ou conteúdos de consciência as percepções, as representações da fantasia e as representações de imagem, os atos do pensamento conceitual, as suposições e dúvidas, as alegrias e as dores, as esperanças e os temores, os desejos e as volições, e coisas semelhantes, tal como têm lugar na nossa consciência. E, com essas vivências na sua totalidade e plenitude concreta, as partes e momentos abstratos que as compõem são também vividos, as partes e os momentos abstratos são conteúdos de consciência reais. Naturalmente, de pouco importa se as partes em questão são, por si mesmas, articuladas de algum modo, se elas são delimitadas por atos que lhes estejam referidos, e, especialmente, se elas são, por si mesmas, objetos de percepções “internas”, que as captem na sua existência de consciência, e se, de um modo geral, elas o podem ser ou não (Husserl, 1901/2012b, p. 379).

Assim, a vivência é consciência, que tem um fluxo e o olhar reflexivo que não foi defletido, consegue apreender que tem uma essência própria, que pode ser captada pela intuição, e o seu conteúdo pode ser considerado em sua característica intrínseca. Sobre a consciência na Fenomenologia, há dois níveis de consciência: a de primeiro grau, que acontece nos atos perceptivos com ênfase nos processos corpóreos e psicológicos; e o segundo grau é produzido nos atos reflexivos com ênfase nos processos psicológicos e espirituais.

Para exemplificar, entre um cão e um gato que se veem e se tocam, observa-se que possuem a consciência do primeiro grau, pois são capazes de sentir, mas não possuem a

consciência do segundo grau, pois esse grau “pertence ao homem o qual tem a capacidade de se dar conta do que está vivendo, ou seja ele sabe que sabe, sente que sente, sabe que está vivendo” (Bello, 2017, p. 33).

O que é vivenciado, no sentido fenomenológico, é o ato de ver, ouvir, imaginar, cheirar, querer ou não querer, e não o objeto visto, ouvido, imaginado, etc. Quando imagino um anjo, o anjo imaginado é o conteúdo objetivo da minha vivência, e não o conteúdo mereológico. Se fosse o conteúdo mereológico, ao imaginar um anjo, tornar-se-ia possível ser o anjo, o que seria absurdo e inimaginável. Essa é uma tese fundamental, pois se disséssemos que o vivenciado é o objeto, estaríamos na concepção psicologista.

Desse modo, a consciência é essencial para que se colha a vivência, e só se faz possível pela existência do indivíduo, que se dá na correlação do sujeito com o objeto. Para o exame dessa questão, dependemos de um olhar, mas não qualquer olhar, é necessário o “olhar reflexivo”, pois é este que possui a essência única, e que se capta pela intuição. E o conteúdo desta vivência é algo próprio, tem significado, tem importância, e é independente da relação com outras coisas, precisa puramente do fruidor e do objeto.

Agora, sobre o conceito *intencional*, para Husserl, “a palavra *intencional* pode ser aplicada, de acordo com a sua formação, tanto à significação quanto ao objeto da *intentio*. Unidade intencional não significa, por conseguinte, necessariamente a unidade intencionada, a do objeto” (Husserl, 1901/2012b, p. 81). O mesmo termo não foi definido no *Dicionário de Filosofia* de Abbagnano, (2007). Como foi explicado por Husserl, o conceito se refere ao “objeto da *intentio*”, sendo que *intentio* é a intencionalidade, logo “intencionalidade é o referir-se ou o reportar-se do ato de conhecer a outra coisa a alguma coisa que não é o próprio ato de consciência” (Abbagnano, 2007, p. 577).

Ainda, a “intencionalidade, enquanto propriedade fundamental da minha vida psíquica, designa uma peculiaridade que me pertence realmente a mim enquanto homem e também a cada homem quanto à sua realidade psíquica” (Husserl, 1954/2012a, p. 31), para tanto, o conceito de intenção, também auxilia na compreensão do conceito:

(*lat. Intentio; in. Intention; fr. Intention; ai. Gesinnung; it. Intenzioné*). Propriamente, a intencionalidade no domínio prático, ou seja, a referência de uma atividade prática (desejo, aspiração, vontade) ao seu próprio objeto. Nesse significado, a intencionalidade do ato moral pode ser reconhecida por qualquer doutrina moral . . .

Por outro lado, a moral teológica tende a insistir no valor da intenção. Abelardo dizia: “Deus não toma em consideração as coisas feitas, mas o espírito com que são feitas, e o mérito e o valor de quem age não consiste na ação, mas na I.” (*Scito te ipsum*, 3) (Abbagnano, 2007, p. 587).

Husserl apresenta que a intenção constitui o caráter descritivo genérico do “ato”, a unidade de gênero descritivo “intenção”, “caráter de ato”, e possui diferenças específicas, ou seja, há diversos tipos e subtipos essencialmente diferentes de intenção. “Tanto mais que é impossível reduzir toda e qualquer diferença entre os atos a diferenças entre as representações e os juízos aí envolvidos, recorrendo simplesmente a elementos que não pertencem ao gênero intenção” (Husserl, 1901/2012b, p. 316). Portanto, a vivência intencional se refere àquela vivência experienciada pelo indivíduo que, a partir do seu mundo subjetivo, é capaz de viver as “relações intencionais-reais com objetos mundanos reais” (Husserl, 1901/2012b, p. 197).

Agora a maior dificuldade está na delimitação do “objeto intencional enquanto tal” (Husserl, 1954/2012a, p. 195), pois a *epoché* “liberta precisamente o olhar, não só para as intenções que decorrem na pura vida intencional ‘as vivências intencionais’, mas também para o que ela em si mesma, no seu próprio conteúdo-*quale*, põe em cada caso em validade e modalidades de ser, e para a maneira como o faz” (Husserl, 1954/2012a, p. 195), ou seja, passa-se a ver o real da situação, a coisa em si, e não o universo imaginário da mente, está atrelada à consciência. Nesse sentido, não temos apenas um objeto qualquer como dado ou meramente representado, mas:

. . . uma árvore, pode-se dizer simplesmente que arde, uma árvore percebida “enquanto tal” não pode arder; é a saber, um contrassenso asserir isto acerca dessa árvore; porque, então, se pretende que um componente de uma pura percepção, que só é pensável como momento essencialmente próprio de um eu-sujeito, faça algo que só tem sentido para um corpo feito de madeira: arder (Husserl, 1954/2012a, p. 195).

Para tanto, o sujeito que percebe a árvore lhe atribui uma percepção sentida por ele, e não pela árvore, dessa forma nota-se a distinção do observador para o objeto percebido, logo, essa vivência intencional apresenta uma descrição do sujeito equívoca em relação ao objeto, pois lhe atribui uma característica que não pertence a árvore, mas ao sujeito. Portanto só é

possível dar-se conta disso por meio da *epoché*, que clarifica a experiência do eu-sujeito ser própria, transcendental e imanente. O que está contido na consciência do sujeito permite encontrar os “objetos intencionais”, e ainda ficará nessa vivência numa maneira essencial, sem semelhança com nenhum outro, porque o que está contido no sujeito permite encontrar os “objetos intencionais”.

Estes “objetos intencionais” “não são partes reais da intenção, mas são nela visados, é a cada vez visado o seu sentido, e isto em modalidades que só têm sentido para coisas tais como o ‘sentido’. Sobre o que é visado nos intuitos, o que é consciente nas vivências conscientes, o que é intencionado nas intenções” (Husserl, 1954/2012a, p. 196). Não é o simples falar que importa nessa situação de vivência, mas qual é o sentido dessa vivência? É, em primeiro, lugar estar consciente, estar presente, construindo uma vivência viva no agora, e não estar preso ao passado, na matriz ou na imaginação, é estar presente aqui e agora vivenciando aquele objeto.

Sobre essa questão, em David Hume, por exemplo, temos a ideia sobre as impressões das percepções de árvores, de pedras, entre outros objetos, uma questão que se faz presente até hoje na psicologia. A análise efetivamente intencional, como desenvolveu Husserl, segue em outra direção, pois a pesquisa fenomenológico-descritiva tem como tema a síntese intencional.

Sabe-se que, na vida extrapsicológica, “é hábito estar-se voltado ora para agir e o sofrer pessoais, ora para o seu ‘sentido’ para isso, onde se ‘tem o sentido’); e na esfera das ciências, temos em determinadas restrições de interesses a temática da explicitação de sentido” (Husserl, 1954/2012a, p. 196). Ainda, segundo o filósofo, quando não se visa o sentido, obtém-se somente “problemas puramente psicológicos”, quando há coerência universal, há sentido. Caso contrário, com outras palavras se explica, “só aquele que vive na *epoché* universal e através dela tem o horizonte universal da pura ‘vida interior’, da vida intencional como produtora e detentora de sentido, tem também a efetiva e genuína problemática da intencionalidade, absolutamente encerrada em si” (Husserl, 1954/2012a, p. 196), ou seja, a intencionalidade está na vida interior.

Como apresenta Husserl (1901/2012a), em toda consciência há o ato do eu ou do objeto; de um lado está a consciência e do outro a coisa consciente, a consciência pode ser entendida como o eu. O eu refere-se ao objeto através do ou no ato, logo pode-se asserir que há um eu puro como centro de referência. Tendo, assim, de um lado a representação do eu e,

do outro, a respectiva representação, desejo, juízo sobre a coisa em pauta, “o eu se refere intencionalmente, em cada ato, a um objeto” (Husserl, 1954/2012b, p. 324).

Para a presente concepção de eu, Husserl a define como “unidade da consciência”, como respectivo “feixe” das vivências ou, segundo uma concepção empírica mais real e natural, como a unidade coisal contínua que se constitui intencionalmente na unidade de consciência como sendo o sujeito pessoal das vivências” (Husserl, 1954/2012b, p. 324), possuindo este eu os seus modos de “estados psíquicos”, que podem consumir a intenção, estando presente na vivência sempre com uma ou outra intenção, ou seja, o eu tem uma intenção, e o objeto é intencional em sua representação.

A consciência do eu é uma vivência intencional, pois o eu se refere por meio do ato, se atenta e se julga a partir dele, “a relação com o eu é qualquer coisa que pertence à consistência essencial da própria vivência intencional” (Husserl, 1954/2012b, p. 324), por isso, é importante evitar as más interpretações.

Cabe lembrar que Brentano utilizava o termo “fenômeno psíquico”, porém Husserl escolheu evitar essas terminologias psicologistas para explicar o modo que explorou a consciência em suas investigações; em suas análises, são “vivências intencionais”.

A título de esclarecimento do que é o fenômeno psíquico na concepção de Brentano, é tudo o que pode ser oferecido por toda representação (*Vorstellung*) mediante sensação (*Empfindung*) ou fantasia (*Phantasie*). Por representação, Brentano concebia o ato de representar e não o que é representado.

Dessa maneira, pode-se citar como exemplos de fenômenos psíquicos: a sensação de frio e quente, o ouvir um som, a visão de um objeto, os pensamentos, sejam de memória, conceitos, ideias, juízos, lembranças de experiências vividas, expectativas, tarefas a serem feitas, etc.; incluem-se também as emoções: alegria, amor, tensão, tristeza, medo, esperança, covardia, nojo, surpresa, raiva, ansiedade, inveja, vitória, entre outras existentes (Pires, 2019, p. 35).

Diferentemente, para Husserl, “o adjetivo determinativo intencional nomeia o caráter essencial comum da classe de vivências a delimitar, a propriedade da intenção, que se refere a algo objetivo segundo o modo da representação ou segundo algum outro modo análogo” (Husserl, 1901/2012b, p. 325). O ato se refere aos hábitos linguísticos próprios ou os alheios. Isso significa que a intenção está no sentido “do atentar especialmente para algo, do prestar atenção. Contudo, nem sempre o objeto intencional é algo que se repara, algo observado”

(Husserl, 1901/2012b, p. 325). Por mais que esteja vivenciando diferentes momentos do modo simultâneo, existe o ponto em que nos detemos, não se percebe todos os objetos na mesma vivência.

Logo, a intenção tem um sentido correlativo com o termo atentar, ou seja, a intenção pode ser atenção, pois observa-se que é necessário focar em algo, direcionar a observação, a própria ação. Agora, “a expressão intenção representa a propriedade dos atos com base na imagem do ‘ter em vista’, e está muito bem-adaptada aos múltiplos atos que podem ser designados, sem dificuldade e de um modo teórico ou prático” (Husserl, 1901/2012b, p. 325). Como já explicitado, a intenção é um visar algo, direcionar a atenção para algo. Nesse ponto, se fizermos uma distinção do conceito de intenção para um lado mais estrito, compreende-se:

. . . em imagem, à ação de ter em vista algo corresponde, como correlato, a ação do alcançar (do apontar e do atingir o alvo). Precisamente do mesmo modo, correspondem a certos atos, enquanto “intenções” (por exemplo, intenções judicativas, desejanças), outros atos enquanto “alcance” ou “preenchimento” (Husserl, 1901/2012b, p. 326).

A imagem está nos primeiros atos intencionais, antes de cada ação. Para tanto, o termo “ato”, que é citado neste estudo, não advém do seu sentido original e literal “*actus*, a ideia de atividade deve permanecer absolutamente excluída” (Husserl, 1901/2012b, p. 326), porque ato está no sentido de ser definido como vivência intencional, e não como atividade psíquica. Cada vivência intencional é única e se refere exclusivamente a cada relação estabelecida, pois “‘apreendemos’ os mesmos conteúdos de sensação uma vez de uma maneira e, outra vez, de outra” (Husserl, 1901/2012b, p. 327). Cada vivência apresenta que há um objeto a ser percebido, mas que o conteúdo vivenciado não presume que seja a mesma coisa que o objeto percebido.

Agora, explica-se que “a apercepção é o excedente, que reside na própria vivência, no seu conteúdo descritivo, em contraposição à existência bruta da sensação; ela é o caráter de ato que, por assim dizer, anima a sensação, e segundo a sua essência, faz com que percebamos este ou aquele objeto” (Husserl, 1901/2012b, p. 330). Logo, as sensações são percebidas durante as vivências intencionais com atenção, não se nota tudo, mas se sente um objeto e não o outro, vê-se uma determinada árvore, distingue-se entre diferentes sons, escuta-se um tinir, entre diferentes flores e seus aromas, escolhe-se uma para sentir a sua fragrância.

Assim, “as sensações, e do mesmo modo, os atos que as ‘apreendem’ ou ‘apercebem’ são aqui vivenciados, mas não aparecem objetivamente; eles não são vistos, ouvidos ou ‘percebidos’ com um ‘sentido’ qualquer. Por outro lado, os objetos aparecem, são percebidos, mas não são vivenciados” (Husserl, 1901/2012b, p. 331). Desse modo, o filósofo chama a atenção de que, em essência, existem diferentes “modos da consciência”, os quais são:

. . . da referência intencional ao elemento objetivo; o caráter da intenção é especificamente diferente no caso da percepção, da presentificação simplesmente “reprodutiva”, da representação imagética, no sentido corrente da apreensão de estátuas, pinturas etc., e, de novo, no caso de representação signitativa e da representação no sentido da Lógica pura (Husserl, 1901/2012b, p. 331).

Cada modo citado por Husserl representa uma intenção diferente, por isso há diversos modos. Podemos distinguir as intenções, pois vemos os casos singulares, ou seja, de modo imediato se capta cada uma, em sua singularidade. Nisso, vivencia-se ainda a “consciência de identidade”, ou seja, pode-se captar a identidade do fenômeno. Na base da consciência, “diferentes conteúdos de sensação nos são dados, mas que eles são apreendidos, apercibidos” (Husserl, 2012, p. 329) e, nessa situação, a intenção em “unidade com a sensação apreendida, constitui o ato concreto completo de percepção” (Husserl, 1901/2012b, p. 329).

Agora em relação aos conteúdos, podemos dizer que são “uma vivência realmente constituinte da consciência: a própria consciência é a compleição das vivências. Mas o mundo não é jamais uma vivência do ser pensante. Vivência é visar ao mundo, o próprio mundo é o objeto intencionado” (Husserl, 1901/2012b, p. 332); ou seja, o mundo é a intenção da vivência, porque “o mundo não é jamais uma vivência do ser (Husserl, 2012, p. 332). Ainda, “vivência é visar o mundo” (Husserl, 1901/2012b, p. 332). O mundo é um objeto intencionado pela consciência.

Na análise de Husserl (1901/2012b), existem vivências intencionais e não intencionais, para tanto, na disputa teórica acerca dos “fenômenos psíquicos” (enquanto domínio da Psicologia), persistia a discussão de “como a intencionalidade parecia manifesta no que diz respeito aos sentimentos restantes, era possível uma dúvida dupla: ou se duvidava que também estes fossem atos do sentimento, isto é, se a relação intencional se lhes acoplava de um modo

impróprio” (Husserl, 1901/2012b, p. 333). Desse modo, os sentimentos e as emoções também fariam parte de uma vivência intencional?

Quando algo nos agrada ou nos desagrada, por exemplo, temos um ato, que se está em relação a um objeto. “Esta mesma relação acontece quando nos sentimos atraídos por algo, quando nos deleitamos com algo, quando sentimos prazer, e também podemos falar pelo inverso, sentir o desagrado, o desprazer, a dor, a repulsão em relação a qualquer coisa” (Husserl, 1901/2012b, p. 333).

Essa relação “não acontece de maneira somente associativa, mas acontece por dirigir-se ao objeto representado, e se não houvesse essa direção não poderiam existir de forma completa” (Husserl, 1901/2012b, p. 334). Cada vivência provoca uma relação intencional com determinado objeto, e há relação de interconexão, podendo ser identificável fenomenologicamente.

Cada relação intencional não se confunde na associação (Husserl, 1901/2012b, p. 335). Explica-se que o agrado só existe em relação com algo agradável, são expressões correlativas, assim como a relação de causa e efeito: pai e filho, ambos não são pensados sem relação com o outro e, ainda, o desejo só existe porque há o desejado, a aprovação ou o assentimento em espera de uma resposta de aprovação ou assentimento, todos são exemplos de “intenções, autênticos atos no nosso sentido” (Husserl, 1901/2012b, p. 335). E, como resultado dessas intenções, “o objeto excita nosso prazer, excita o nosso desejo, o prazer suscitado, a dúvida, o assentimento, são respectivas causações da relação intencional” (Husserl, 1901/2012b, p. 336).

A intencionalidade não pode ser considerada uma relação causal, pois o objeto intencional está na relação somente como objeto intencional e não de outro modo. O prazer suscitado ao visualizar uma imagem de centauros e outra ser uma paisagem é o mesmo prazer provocado, ou seja, a causação é ainda diferente quando se vê uma paisagem, o seu modo de aparição, as cores e formas que compõem essa imagem são fonte, fundamento ou causa do prazer. O sentir prazer a essa paisagem não é entendida como realidade física ou um efeito físico, mas pertence à consciência de ato, pois assim desperta tais sentimentos (Husserl, 1901/2012b, p. 336).

Assim, atos são intenções. Existem atos com conteúdo real e atos com conteúdo intencional. “Por conteúdo real fenomenológico de um ato, entendemos a totalidade conjunta das suas partes, sejam elas concretas ou abstratas, em outras palavras, a totalidade conjunta

das vivências parciais de que ele é realmente construído” (Husserl, 1901/2012b, p. 341). Enquanto o conteúdo intencional diz respeito ao objeto intencional, como exemplo, se representamos uma casa, é essa casa precisamente, a casa intencionada não pode ser várias casas, pois já existe uma casa pensada. “O objeto intencional difere completamente do conteúdo real. Quando o objeto intencionado é sempre o mesmo, mas em cada situação a intenção é diferente, pois se visa o objeto de outro modo” (Husserl, 1901/2012b, p. 344).

Cada ato se constrói de acordo com a intencionalidade primária e ajuda a constituir o objeto no modo como é intencionado. Quando se aborda o sentido do “conteúdo intencional”, o ideal é compreender que precisa ser de forma precisa o “objeto intencional do ato respectivo” (Husserl, 1901/2012b, p. 345). Ainda, quando se fala de objeto intencional, não significa que este existe somente fisicamente, afinal, existe apenas na “*intentio* (portanto, como elemento integrante real desta), ou existe aí uma sombra qualquer do objeto; mas quer dizer antes o seguinte: a intenção, o visar também o visado” (Husserl, 1901/2012b p. 365). Então, para compreender melhor os objetos intencionais, sabe-se que

. . . não são partes reais da intenção, mas são nelas visados, é a cada vez visado o seu sentido, e isto em modalidades que só têm sentido para coisas tais como o “sentido”. Sobre o que é visado nos intuitos, o que é consciente nas vivências conscientes, o que é intencionado nas intenções – simples palavras, . . . não se pode meramente falar, mas, muito pelo contrário, têm de ser metodicamente tema de trabalho psicológico (Husserl, 1954/2012a, p. 196).

Todavia, somente “na *epoché* universal e através dela se alcança o horizonte da pura “vida interior” ou “vida intencional”, que produz e gera sentidos, alcança a efetiva e genuína problemática da intencionalidade, que encerra em si mesma” (Husserl, 1954/2012a, p. 196). A *epoché* “é o meio para tornar tematizável e experienciável na sua pureza essencial própria os sujeitos que são experienciados e que se experienciam a si mesmos na vida natural do mundo como estando em relações intencionais-reais com os objetos mundanos reais” (Husserl, 1954/2012a, p. 197). Desse modo, pode-se dizer que a *epoché* é um ato essencial para se chegar à vivência intencional, e se chega à transformação que o autor chama de “redução fenomenológico-psicológica”.

2.2 A vivência intencional e a relação com a arte

Finalizadas as considerações fenomenológicas sobre a vivência intencional na Fenomenologia de Husserl, refletiremos, em seguida, sobre a relação da arte, buscar-se-á as possíveis implicações e colaborações das considerações fenomenológicas para a arte.

Husserl não tem uma extensa obra sobre estética e arte, porém, a partir de algumas discussões teóricas de intérpretes sobre o tema no século XX, temos algumas observações de grande relevância sobre a arte. De acordo com a concepção de Uzelac, acerca da arte em Husserl, esta:

. . . se move entre dois extremos: de um lado, encontram-se o mundo dado e o tempo dado, que para nós são determinantes e constituem nosso mundo real, nosso ambiente [*Umgebung*], enquanto, do outro lado, está o ‘mundo das narrativas’, um mundo possível, um tempo possível com suas próprias leis (Hua, XXIII, 540); representante do primeiro modo é a arte figurativa, enquanto a arte puramente fantástica – a música, a fantasia lúdica – representa o outro modo. A arte, conseqüentemente, encontra-se em terra de ninguém: está entre o real [*das Reale*] e o possível (mas não realizado [*das Unverwirklichte*]), exercendo a função metamorfoseante que conduz do possível ao real (Uzelac, 2023, p. 18).

Para tanto, focalizaremos na arte informal, em especial as expressões artísticas concebidas como pintura, deixando de lado os outros tipos de expressão, como o desenho, a escultura, a música, o teatro, a dança, a poesia. De início, como expõe Uzelac (2023), não se investiga o artista, mas busca-se compreender a sua obra de arte. A investigação está no objeto, pois esses objetos ideais são designados por Husserl como o “mundo do *a priori*, enquanto esses objetos ideais constituem o objeto [*Objekt*] de uma experiência particular, ‘categórica’, ou seja, o possível objeto de uma descrição que repousa sobre uma percepção” (Uzelac, 2023, p. 18).

Ainda, para Uzelac, (2023), toda a discussão acerca da obra de arte como objeto tem como objetivo buscar a essência, o verdadeiro ser daquela obra, porque a obra de arte não é um objeto comum, um objeto para utilizar, mas, acima de tudo, “constitui o terreno no qual as qualidades reais, pela vontade do artista, são transformadas em imaginárias, ou seja, a obra de arte é o lugar primordial da verdade” (Uzelac, 2023, p. 19).

Agora, para a vivência intencional, o sujeito intenciona o objeto, para tanto, nas vivências objetivadas:

. . . como, por exemplo, aquelas que caracterizam o artista no momento em que nasce uma obra de arte, ou as vivências do observador no momento em que aquele objeto toma forma de objeto estético; nessa ocasião, pensa-se em uma observação interna que é contraposta à observação do que é externo (à percepção). É fácil concluir que à percepção se opõe a apresentação [*Vergegenwärtigung*], ou seja, o que flutua diante de nossos olhos na fantasia (Hua, XXIII, 3) (Uzelac, 2023, p. 19).

O que cada fruidor percebe sobre determinada obra de arte diz respeito somente à vivência intencional por ele vivida e intencionada, afinal, como sujeito, é único, e a intencionalidade objetivada naquela vivência diz respeito àquela particular vivência, tendo ainda em vista que a sua percepção diz respeito a ele naquele momento, e a obra tem o significado para o fruidor segundo como este apreende a obra. Assim, só é possível realizar a análise fenomenológica a partir de cada vivência da consciência enquanto atos intencionais. Esse exame acontece partindo da *epoché*, ou seja, suspendendo todo e qualquer juízo, que de certo modo tenha se mantido indistinto enquanto acontece a análise transcendental.

Para ser possível pensar numa experiência fenomenológica, é importante considerar que há proposições. Desse modo, a análise corresponde a uma análise das diferentes intencionalidades da consciência. “Os atos intencionais estão diretamente vinculados às vivências conscientes, por isso, a experiência é, equivalente ao que Husserl chamou de vivência intencional da consciência” (Lindenmeyer, 2021, p. 203), pode-se então compreender que a vivência intencional também é uma experiência.

Na vivência intencional que o fruidor observa, vivencia, quando olha a imagem está absorto na figuratividade daquela imagem e, assim, a consciência dessa figuratividade gera outras relações e efeitos, que não são somente originados pelo sujeito da imagem, mas ressalta-se que a imagem opera esteticamente com diferentes efeitos, como a cor. Por possuir expressão, acaba tendo força de impacto, e nisso, para chegar ao mundo daquele sujeito, coloca-se em jogo a fantasia e a imaginação.

Husserl trabalhou nessa temática entre 1904 e 1905, nos escritos reunidos sob o título *Phantasie und Bildbewußtsein* [Fantasia e consciência de imagem], publicado em 1980 como o

primeiro texto do volume XXIII da *Husserliana*, que compila notas de trabalho concernentes ao tema das presentificações intuitivas do período entre 1898 e 1924. “É de extrema importância o fato de Husserl buscar seus exemplos principalmente nas artes visuais, e ao fazer isso, destaca constantemente que sem imagens não haveria nenhuma arte visual” (Uzelac, 2023, p. 23).

No entanto, segundo Uzelac (2023), pode-se reconhecer que, para alcançar a essência da arte, tudo o que compõe a imagem, seja a parte sem tinta, seja a parte com tinta, vai além dessas partes que podem ser descritas pelo fruidor, e o que de fato interessa na imagem é o seu significado e o que se percebe.

Buscando esclarecer os conceitos de fantasia e percepção na concepção da Fenomenologia de Husserl, um ponto considerado fundamental é a contribuição acerca da fantasia, que não se caracteriza como uma forma de consciência de imagem, como Husserl descreveu anteriormente. Logo, a fantasia se dá pela intuição direta e originária de seus objetos como exemplo, a percepção. Mas a fantasia não é a percepção, pois os objetos estão ausentes na fantasia, estão somente na consciência e não na realidade, já na percepção, os objetos estão presentes.

Podendo explicar a diferença da fantasia, com as imagens físicas, sejam elas a fotografia, a pintura, a escultura entre outras, a fantasia está no aspecto das “imagens mentais”, existem somente e exclusivamente para aquele sujeito, pois não possuem suporte físico. Ainda, a fantasia não é um modo imediato de referência ao objeto, ou seja, não se dá a partir da visualização do mundo externo.

Desse modo, entende-se que, em suas obras, Husserl ampliou a compreensão de fantasia, e o ponto fundamental desse conceito é compreendê-lo durante a vivência intencional que, ao observar e fruir determinada obra de arte, pode-se vir as imagens do tipo fantasia. Além disso, a percepção é aquilo que o sujeito percebe com seu corpo, dois pontos distintos para entender a relação dada na vivência intencional da arte, pois aparecem outros pontos além da intencionalidade do sujeito para com o objeto.

Considerações gerais

Este estudo buscou analisar, a partir da Fenomenologia husserliana, a vivência intencional da arte dada pela relação entre arte informal. Sabe-se que, na teoria estudada, não foi encontrado nenhum texto de Husserl que se dirigisse exatamente à temática em questão,

então foi possível chegar em algumas aproximações partindo dos conceitos de vivência, de intencionalidade, de *epoché*, de objeto intencional, de consciência e de fantasia, para compreender, mesmo que de forma breve, a arte informal na perspectiva da Fenomenologia.

A Fenomenologia de Husserl oferece uma abordagem única para a compreensão da consciência, da percepção, da intersubjetividade e da relação entre sujeito e objeto. Desse modo, compreende-se a sua contribuição relevante para a ciência, tendo em vista que supera o psicologismo, assim, podemos compreender os conceitos apresentados com a perspectiva a partir do mundo-da-vida.

Em sua teoria, Husserl apresenta as vivências intencionais ou psíquicas. A vivência é um fato da consciência, que tem um fluxo e o olhar reflexivo que não foi defletido, consegue apreender que tem uma essência própria, que pode ser captada pela intuição, e o seu conteúdo pode ser considerado em sua característica intrínseca.

O que é vivenciado, no sentido fenomenológico, é o ato de ver, ouvir, imaginar, cheirar, querer ou não querer, e não o objeto visto, ouvido, imaginado, etc. Já intencional se entende por intencionalidade, se tem consciência de algo. Assim, numa vivência intencional em que o sujeito se depara com uma obra de arte informal, ele pode, a partir de suas experiências anteriores, criar a sua relação particular com aquela obra, e dessa vivência ampliar seu modo de ver o mundo, pois a cor na obra expressa e intenciona algo que para aquele sujeito vai ter um determinado modo, para outro sujeito, outra vivência acontecerá, pois a intencionalidade de cada sujeito é única e, mesmo sendo uma única obra de arte na vivência, a vivência intencional que ocorre é diferente para cada indivíduo.

A questão da vivência intencional é uma contribuição da Fenomenologia, pois não foi desenvolvida anteriormente por algum outro autor, do mesmo modo que a *epoché*, o mundo-da-vida, e outros conceitos foram desenvolvidos exclusivamente por esta corrente filosófica. A vivência intencional deriva da intencionalidade, pois sempre o sujeito está em relação com o objeto, desse modo, intenciona, visa algo, tendo consciência deste algo, e ainda se ressalta a questão e a importância da subjetividade de cada sujeito, sendo este um aspecto único, irrepetível que condiz com a essência de cada ser. Cabe, então, ressaltar a importância da subjetividade para a compreensão da vivência intencional, que só pode ser aqui elencada pelo caminho que Husserl escolheu fazer na ciência, desmembrando-se do positivismo.

A compreensão de fenômeno é entendida na perspectiva que, a partir da consciência e do inconsciente, as coisas se originam e são fenômenos, ou seja, a imaginação, o pensamento,

as ideias são fenômenos, derivam de, mas não a consciência em si e nem o inconsciente. Logo, o fenômeno da vivência intencional se dá pela intencionalidade e se formaliza na relação sujeito e objeto.

Pode-se identificar que vivência é sinônimo de experiência, mas Husserl escolheu pela aceção da palavra utilizar vivência em vez de utilizar experiência, pois se não seria experiência intencional, contudo os pesquisadores do tema em questão ressaltaram essa questão de sinonímia entre conceitos diferentes, mas que convergem na mesma aplicação prática.

Pode-se aferir que a vivência intencional garante ao sujeito uma aproximação ao mundo-da-vida, pois no exemplo trazido acerca do centauro, o sujeito só saberá explicar com veracidade em suas palavras sobre o que é um centauro verdadeiro se passar por uma vivência intencional com o centauro, caso contrário, o centauro permanecerá nos fenômenos dos pensamentos, da imaginação, das ideias, e não estará no sujeito em seu rol de vivências intencionais, mesmo entendendo que não se racionaliza as vivências.

A vivência é um aspecto inerente ao ser humano, que lhe dá passagem para uma compreensão mais profunda de quem se é, pois permite aprofundar as camadas das percepções, das vivências, do que se vê, do que se percebe, e passar a ver cada vez mais o que não se via, pode-se perceber que permite aprofundar-se na realidade do mundo-da-vida, que é diferente da percepção a partir da matriz.

Os estudos de Husserl não podem ser estudados com uma bagagem teórica comum, de massa, pois, a partir dos conceitos apresentados em dicionários comuns, não se chega à real compreensão que o autor apresenta em suas obras que fundamentam a Fenomenologia, por isso, é essencial ter uma bagagem acadêmica para compreender esta teoria, mas ressalva-se que levará anos para uma compreensão profunda, que não será esgotada, pois ainda há várias obras de Husserl que não foram traduzidas para a língua portuguesa, que ainda levarão anos para serem estudadas nos ambientes acadêmicos.

Cabe ainda ressaltar que a vivência é exclusiva de caráter interno à consciência, não está fora do sujeito. Desse modo, a contribuição que Husserl traz acerca da consciência é fundamental para dar lugar a vivência. A partir da consciência, sabe-se que se sabe algo, que se pensa, que se pode pensar sobre o que se pensa, saber o que está sentindo, pois dar-se conta do que se vive, questionar-se, é o ponto chave que diferencia os seres humanos dos animais.

Para compreender com mais profundidade a intencionalidade que continua aparecendo na questão da vivência, chegou-se à compreensão de que não é o ato da consciência, ou seja,

não se tem consciência das intencionalidades, mas é um referir-se a um reportar-se. Husserl apresentou que há diferentes tipos de intenção, mas não foi possível chegar a esses tipos citados por Husserl, pois isso requer um aprofundamento que leva tempo de estudo das obras para poder compreender o que é realmente, tendo em vista que o autor elucidou diferentes aspectos que não são intenção, como as representações e os juízos.

Pode ocorrer, nas vivências intencionais do sujeito, não saber aferir o real significado da vivência, pois pode atribuir percepções suas como sendo as do objeto que está em relação, dando abertura para concepções equívocas, não focando no ponto essencial, que é unívoco.

A vivência intencional só se dá no sujeito consciente de onde se está, do que percebe, do que sente, do que toca nele, afinal só terá a clareza do que vivencia se tem a consciência de. Não se questionou a concepção de eu e eu puro apresentada por Husserl para apresentar a vivência intencional, cabendo essa questão a um novo estudo. Mas ressalva-se que se o eu tem uma intenção, e o objeto é intencional em sua representação, é importante ter uma clareza dessa concepção, para compreendê-la num sentido mais amplo.

Toda vez que o sujeito está numa vivência intencional, passa a perceber determinado objeto com outro ponto de percepção, que antes não tenha dado atenção. Numa vivência não cabe a percepção total de diferentes objetos ao mesmo tempo, ou seja, a vivência intencional se dá a partir de um sujeito e de um objeto, mais que isso, pode-se considerar uma não vivência intencional.

Como exemplo, se há um grupo de pessoas numa galeria de arte, e cada uma está voltada para um obra de arte, cada sujeito está em relação a um objeto e pode ser uma vivência intencional. Cada qual está em sua individualidade, mas caso comecem a falar, a ir e vir, a intrometer-se na vivência do outro, perdeu-se a essência do momento e foi outra relação que se deu, mas não a da vivência intencional, revelando desse modo, a importância da delimitação do que é uma real e efetiva vivência intencional compreendida pela Fenomenologia.

O conceito de *epoché* é compreendido como um ato essencial para se chegar à vivência intencional, e se chega à transformação concebida como a “redução fenomenológico-psicológica”. Desse modo, evidencia-se a complexidade da questão, pois, para a vivência intencional acontecer do modo que foi concebida, faz-se necessário realizar a *epoché* em suas três etapas, com profundidade e seriedade, senão, não se chega.

Apresentada toda a questão que envolve o sujeito na vivência intencional, chega-se então às questões que envolvem o objeto deste estudo, a obra de arte, em específico, as obras

de OntoArte. Mas, para chegar à OntoArte, apresenta-se antes algumas premissas bases da arte informal, afinal, toda a discussão acerca da obra de arte como objeto tem como objetivo buscar a essência, o verdadeiro ser daquela obra, porque a obra de arte não é compreendida como um objeto comum, mesmo tendo sido utilizada pela massa, ou seja, aqui não se compreende a arte da massa como o real objeto de arte, pois, acima de tudo, a obra de arte dá terreno para as qualidades reais, a vontade do artista é transformada em fonte para a imaginação, ou seja, a obra de arte é o lugar primordial da verdade.

Caberia, neste ponto, a realização de um estudo sobre como a verdadeira arte deixou de acontecer, para que surgisse a arte de massa e sobre as consequências disso, não para o mercado de arte, mas para se chegar ao verdadeiro que a arte é capaz de ilustrar.

ESTUDO III

A FRUIÇÃO ESTÉTICA: PERSPECTIVAS NA FENOMENOLOGIA E NA ONTOPSICOLOGIA

Resumo: Seguindo as questões tensionadas acerca de que a vivência intencional pode ser uma fruição artística, apresenta-se, de forma sintética, considerações teóricas sobre a vivência intencional e a fruição em OntoArte, aprofundando no sentido histórico, no sentido conceitual e o que é o tema em questão, ressalta-se o viés da estética, pois, na arte pura, o belo é o ponto central, tendo em vista a contribuição da Filosofia da OntoArte. Esse percurso foi realizado para responder ao objetivo de descrever aspectos teóricos da vivência artística proposta pela OntoArte e analisar, a partir da Fenomenologia husserliana, a vivência intencional da arte dada pela relação entre arte informal e as vivências intencionais. Assim, foram esclarecidos pontos teóricos acerca da percepção, da hiletica, da síntese passiva, da *epoché*, dos atos, e vivências, a fim de conhecer as aproximações da Fenomenologia, construindo, dessa forma, uma perspectiva mais ampla, pois entende-se o que não é uma vivência intencional, como compreende-se também que ato, vivência intencional/artística/estética e experiência estética são sinônimos, e que ambos podem ser uma fruição do fruidor de OntoArte.

Palavras-chave: Fruir; Imagem; Intencionalidade; Vivência intencional.

Abstract: Following the tense questions about whether intentional experience can be an artistic fruition, theoretical considerations on intentional experience and fruition in OntoArt are synthetically presented, delving into the historical and conceptual sense of the topic. The aesthetic bias is emphasized, as in pure art, beauty is the central point, considering the contribution of OntoArt philosophy. This journey was undertaken to address the objective of describing theoretical aspects of artistic experience proposed by OntoArt and analyzing, based on Husserlian phenomenology, the intentional experience of art given by the relationship between “non-figurative” art and intentional experiences. Thus, theoretical points regarding perception, hyletics, passive synthesis, epoché, acts, and experiences were clarified in order to understand the phenomenological approaches, thus constructing a broader perspective. It is understood what intentional experience is not, as well as comprehending that acts, intentional/artistic/aesthetic experiences, and aesthetic experience are synonymous, and that both can be a fruition for the OntoArt receiver.

Keywords: Fruir; Image; Intentionality; Intentional Experience.

INTRODUÇÃO

A vivência artística/intencional na OntoArte se constitui em uma fruição que o sujeito/fruidor realiza ao estar diante de um objeto/obra de arte, neste caso em específico diante de uma obra artística de OntoArte, cujo fruidor é o sujeito ativo, que intenciona, que cria, e constitui significados.

Tendo em vista a relação construída durante a vivência intencional do fruidor na OntoArte, o fruidor em primeiro momento frui o belo presente na obra de arte e, a partir disso, constitui a sua percepção, o seu modo intencional de se relacionar com o objeto. Nesse sentido, apresenta-se de forma breve as contribuições da Ontopsicologia e da Fenomenologia de

Edmund Husserl acerca da questão e busca-se descrever aspectos teóricos da vivência artística proposta pela OntoArte.

A vivência intencional está na base de uma experiência estética, em que o belo é a questão central da fruição da obra de arte. O sujeito intenciona perceber o belo da obra, e o quanto possui de vivências, de experiências de vida, poderá fruir durante a relação dada pelo fruidor e a obra de arte, que pode ser entendida como sujeito e objeto, no sentido que fruidor e sujeito são protagonistas, escolhem onde se posicionarão diante do objeto fixo, para vivenciar exclusivamente a própria percepção dada naquele momento.

Para poder compreender com mais profundidade essa questão levantada, os passos delineados foram os seguintes: primeiramente, apresenta-se um breve histórico sobre a OntoArte do artista italiano Antonio Meneghetti, seguido por uma descrição histórica de como a OntoArte se desenvolveu a partir da Ontopsicologia, sequente da temática sobre a fruição artística do fruidor na OntoArte e, por fim, no último tópico, apresenta-se uma análise sobre a vivência intencional do fruidor.

3.1 Breve histórico sobre a OntoArte do artista italiano Antonio Meneghetti

Meneghetti, além de cientista fundador e expressão máxima da Ciência Ontopsicologia, “foi artista, crítico de arte, filósofo, teólogo, sociólogo, diretor espiritual, professor, psicoterapeuta. Ao longo de sua carreira artística, empresarial e como cientista obteve diferentes prêmios e títulos” (Petry, 2013, p. 13).

A OntoArte é um movimento artístico que segue a sua própria Filosofia da arte, sendo desenvolvida pelo artista italiano Antonio Meneghetti a partir de 1965. Segundo o catálogo de obras OntoArte de Antonio Meneghetti, que é dividido em três volumes, Meneghetti iniciou sua produção artística em 1965 e terminou em 2012.

A OntoArte teve a sua primeira exposição, enquanto movimento artístico, somente em 1976 (Meneghetti, 2020, p. 18), em uma noite em *Villa di Roma dell'Artista*, em que se reuniram por volta de trinta jovens artistas, pintores, arquitetos, escultores, fotógrafos, poetas, escultores. Nessa ocasião,

Meneghetti toca ao piano uma música extemporânea, convidando a todos a permanecerem de olhos fechados e a abri-los no momento que se formalizasse uma

emoção ou uma ideia a realizar segundo a própria técnica artística (pintura, foto, escultura etc.). Um prestigiado crítico de arte, que estava presente naquela noite, lembra-se: “As notas do piano precipitaram impetuosas e enchiam a sala de mar, montanha, cascatas, estações, corpos, céus infinitos e tempestuosos. Cerca de meia hora depois, Meneghetti conclui... O silêncio era intenso enquanto todos estavam desenhando, pintando, fotografando. Ninguém olhava o outro ou se ausentava da própria atividade. Estávamos um pouco estupefatos pela experiência e do quanto havíamos gerido. Sem dúvida, estávamos convictos de ter feito algo superior, diferente, seguramente mais belo do que o habitual. Quando se fez a mostra para o público, tudo foi vendido. Um sucesso. Para nós, como pessoas antes de tudo. Nasce a OntoArte” (Meneghetti, 2020, pp. 18-19).

Somente entre 9 e 13 de maio de 1981 Antonio Meneghetti determinou a sua primeira exposição oficial de OntoArte, que aconteceu “nos ambientes sóbrios e reais de Rocca Paolina, em Perugia, foram expostos os quadros pintados com o preto em “ponto e linha” e são todos vendidos uma hora após a abertura da mostra” (Meneghetti, 2020, p. 19). Uma das imagens próximas à figuração que compuseram esta exposição pode ser visualizada nas imagens 1 e 2, sendo uma aproximação, pois, como dito, as imagens foram todas vendidas, não se tendo acesso às reais obras expostas em sua primeira exposição. Meneghetti descreveu seu processo de criação artística:

Os quadros em que faço figuras são emoções. Aqueles em que não faço figura, são metafísicas pura. Logo, pura OntoArte. Este quadro foi feito em cerca de 20 a 30 segundos. Normalmente os quadros são feitos em menos de um minuto: quando minha mente já formalizou a intuição, todo o corpo é pincel, tintas e tela. A mente aperfeiçoa o gesto e o corpo o realiza. Não tem mediação racional entre intuição e gesto. Naquele momento, quando faço, sou apenas forma mental. O corpo não existe. Tenho a tela branca – o branco para mim é o Ser, o todo, o universo, a plenitude. Acrescentar algo ao branco da tela é reduzir o Ser à dimensão humana. Como o Ser se encarna aqui e agora (Meneghetti, 1992, p. 53).

A partir dessa descrição de como o artista produziu a sua obra de arte na OntoArte, sabe-se que a sua forma de fazer arte advém do seu conhecimento e, principalmente, da intuição, sendo que seu corpo é o meio que formaliza, o que possibilita e forma a intuição.

Desse modo, na sequência apresenta-se as imagens 1 e 2 de algumas obras de OntoArte, para melhor compreensão temática, onde se pode observar o branco da tela como a presença do Ser. O artista tinha o seu modo de fazer arte e os aplicava a partir de sua intuição, mas com a intencionalidade, enquanto produzia as obras, de forma inspirada, para não se perder nas críticas e no racionalismo que pode surgir no processo fazendo-o errar o ponto assertivo.

As imagens a seguir não foram as obras de arte expostas nos primeiros eventos de apresentação da OntoArte, são apenas algumas das obras produzidas pelo artista Antonio Meneghetti, que estão atualmente expostas na Antonio Meneghetti Faculdade (AMF) e na Galeria de OntoArte de Antonio Meneghetti, localizada no Recanto Maestro/RS.

Estas obras na teoria de Meneghetti, não apresentam descrições sobre cada quadro, há outras obras de OntoArte que o artista descreveu o significado dado por ele, tendo em vista que cada obra de OntoArte tem um significado único para o fruidor, e que cabe ao fruidor colher a significância da obra, não foi pretendido descrever o significado das obras, deixando assim que o leitor também seja capaz de dar o seu significado para a obra.

Imagem 1

Registro fotográfico da pintura de OntoArte intitulada: Festa (sem data) de Antonio Meneghetti, na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).



Fundação Antonio Meneghetti (2024).

Imagem 2

Registro fotográfico da pintura de OntoArte intitulada: *Punto e Linea* (2000) de Antonio Meneghetti, localizada na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).



Fundação Antonio Meneghetti (2024).

A técnica de expressão utilizada por Meneghetti foi desenvolvida por ele e reflete a OntoArte própria. Então, caso outro artista queira reproduzir, fazer alguma releitura ou copiar os gestos que são expressos nas obras de Meneghetti, cabe dizer que não se pode considerar OntoArte, apenas por ser parecido o modo de expressão.

Segundo Meneghetti (2020), a OntoArte é uma Filosofia da arte que exige um ser humano autêntico. Todavia, existem outros artistas que produzem OntoArte com expressão e técnicas totalmente diferentes de Meneghetti, porque fazem de modo original à sua própria arte, e por isso as pinturas aqui apresentadas refletem a inaugural OntoArte de Meneghetti, a fim de ilustrar imageticamente o que está sendo explicado neste estudo.

As imagens 3, 4, 5, 6 e 7, na sequência, são outras pinturas produzidas por Meneghetti que ilustram seu modo exclusivo de fazer arte. Para fazer um aceno com exemplos de artistas que Meneghetti nomeou de OntoArte, pode-se citar alguns nomes, os quais: Leonardo da Vinci, Picasso, Ingres, Caravaggio, Andrea Del Sarto, Botticelli, Michelangelo e Canova.

Imagem 3

Registro fotográfico da pintura *Fiori* (2000) de OntoArte de Antonio Meneghetti, obra localizada na Antonio Meneghetti Faculdade (AMF).



Fundação Antonio Meneghetti (2024).

Imagem 4

Registro fotográfico da pintura *Mandorli in Fiori* (2010) de OntoArte de Antonio Meneghetti, obra localizada na Antonio Meneghetti Faculdade (AMF).



Fundação Antonio Meneghetti (2024).

Imagem 5

Registro fotográfico da pintura *Leone Rosso* (2010) de OntoArte de Antonio Meneghetti, obra localizada na Antonio Meneghetti Faculdade (AMF).



Fundação Antonio Meneghetti (2024).

Imagem 6

Registro fotográfico da pintura *Oblativité* (2005) de OntoArte de Antonio Meneghetti, obra localizada na Antonio Meneghetti Faculdade (AMF).



Fundação Antonio Meneghetti (2024).

Imagem 7

Registro fotográfico da pintura *Mare* (2007) de OntoArte de Antonio Meneghetti, obra localizada na Antonio Meneghetti Faculdade (AMF).



Fundação Antonio Meneghetti (2024).

No Brasil, Meneghetti realizou duas manifestações artísticas em 1992. A primeira aconteceu em Brasília, no Teatro Nacional Cláudio Santoro, e a segunda aconteceu no *Maksoud Plaza* em São Paulo concomitantemente com o I Congresso Brasileiro de Ontopsicologia. As pinturas, esculturas, cerâmicas e cristais foram produzidas em Brasília, com inspiração no país, e não na Itália, por esse motivo, nas obras expostas, observava-se “exuberância das cores fogosas e quentes como aquelas que caracterizam a poética deste país” (Meneghetti, 2020, p. 22), para essas exposições, contou com patrocínio do Governo do Distrito Federal e da Administração de Brasília. Por todas as obras expostas terem sido vendidas, não se teve acesso às imagens para poder ilustrar como eram essas obras.

Agora, como todo artista de relevância, Meneghetti recebeu, com o crítica na época de suas exposições, o seguinte comentário escrito: “na verdade, as imagens que ele insinua quase sempre com emoção e sensualidade entram como um furacão no pensamento e Meneghetti praticamente rasga a emoção e a intimidade de quem frui a sua obra” (Frossard, 1992). Além da descrição teórica do artista explicando sobre seu modo de fazer arte, como compreende a arte, a crítica de quem esteve nos eventos e que pôde fruir a OntoArte colabora para a compreensão do que é a vivência artística em OntoArte, sendo possível uma perspectiva global sobre a vivência.

Uma terceira mostra de OntoArte aconteceu em 1995, na Bahia, em Salvador, no Centro de Convenções da Bahia, *Othon Palace*, onde foram expostas obras com alto conteúdo artístico, da recente produção de Meneghetti. Em 1996, Meneghetti realizou um seminário no Museu de Artes de São Paulo (MASP), considerado o maior templo de arte da América do Sul. Nesse evento, “buscou dar uma experiência viva e um contato evidente do que é a intuição artística universal por meio de lições teóricas e práticas sobre OntoArte, mas também por meio de análise de algumas obras dos grandes da arte” (Meneghetti, 2020, p. 22).

Dessas notas, é fácil notar que se fazia arte e crítica enquanto se ensinava arte. Então, diante disso, Meneghetti percebeu ser necessário conhecimento aprofundado em diferentes aspectos da arte. Dessa maneira, foi publicada posteriormente a obra *OntoArte o Em Si da arte*. A primeira edição foi lançada em 2003, e a segunda foi lançada em 2020, uma obra fundamental que descreve de forma abrangente toda a teoria e prática acerca da OntoArte.

Como herança de suas produções artísticas, foram estabelecidas no Brasil duas galerias de OntoArte, uma localizada na cidade de São Paulo (que se encontra com as atividades encerradas), e outra no Recanto Maestro, no Rio Grande do Sul, que possui atendimento agendado para visitas guiadas, pois conta com produções do artista Antonio Meneghetti. Ainda, no mundo, existem Galerias de OntoArte em Marudo e Trevi na Itália, em Kiev na Ucrânia, em Pequim na China, em São Petersburgo na Rússia, totalizando sete galerias de arte.

3.2 Da Ontopsicologia à OntoArte

A partir desses momentos, vividos por Meneghetti, pode-se dizer que a “OntoArte nasceu da análise sobre a existência segundo a visão ontopsicológica” (Meneghetti, 2020, p. 39). A Ontopsicologia tem a sua exposição externa em Roma, em 1971. Essa ciência apresenta a crise existencial sobre o homem predominante na cultura e nas formas de Filosofia da época e cuja “crise assenta-se na questão da possibilidade ou não, de o homem conhecer a si mesmo e ao mundo” (Ueno, 1996, p. 12).

Uma questão que é também o “calcanhar de Aquiles” da Filosofia, bem caracterizado na obra de Husserl *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*, é a noção de crise caracterizada como uma crise civil, epistemológica e ética, que tem como ponto de partida “a crise das ciências” europeias que expressa a crise de sentido e da cultura contemporânea.

A perspectiva dos problemas que Husserl assinala são decorrentes da situação do conhecimento humano que o levou a investigar a origem e as consequências dessa crise, colocando em pauta a matematização das ciências que causam uma ruptura entre o objetivismo fisicalista e o subjetivismo transcendental.

Logo, Husserl (1954/2012a) sustentou que a renovação das ciências pode se dar a partir de uma retomada do projeto de racionalidade de uma cultura autêntica, tendo como direção um “protagonismo da razão” que possa refazer as conexões perdidas entre racionalidade e o mundo-da-vida. Sendo assim, a Fenomenologia surge como um dos grandes contributos filosófico-científicos para a crise evidenciada na ciência. Isso porque o método fenomenológico após a *epoché*, a redução transcendental, configura-se como fundamento para responder por que o ser humano busca o sentido da própria vida. Esse é o lugar da análise do homem, a reflexão sobre o sujeito que reflete. A redução fenomenológica permite ao homem dizer quem ele é. A contribuição de Husserl é que a análise do sujeito humano é constituída como ponto de partida de sua investigação, começando uma análise da subjetividade pura.

Diante dessa situação da crise do homem e das ciências europeias, após a denúncia de Husserl, Meneghetti, em sua prática profissional, passou a unir “o Conhecimento Ontológico à Clínica e a Psicologia aplicada ao Comportamento Humano, brota a síntese da Ciência Ontopsicológica” (Ueno, 1996, p. 12). Do problema do homem distante do seu verdadeiro real, distante do mundo-da-vida, é que se originou a Ontopsicologia.

Em síntese, pode-se dizer que a Ontopsicologia iniciou pela prática clínica. Para isso, contou com três descobertas científicas: Campo Semântico, Em Si ôntico e Monitor de Deflexão. Ainda, “indaga como as coisas são e não como aparecem, para individuar a práxis de eficiência para o homem histórico. Portanto, é ontologia segundo o critério (ou medida) funcional para o homem” (Meneghetti, 2020, p. 39). As coisas precisam ser úteis e funcionais ao ser humano, se não têm função e utilidade, são inúteis e, portanto, não servem ao homem, portanto o conceito de identidade se faz fundamental, logo, identidade “significa aquilo que o ser (o ente) é aqui, assim, agora, portanto o quem ou que coisa neste lugar . . . o ser é aquele e não outro. Por isso, a identidade é a individuação una, unida e total em si mesma, mas diversa e distinta de todo o resto” (Meneghetti, 2013b, p. 470).

A lógica da OntoArte foi descoberta por Meneghetti “somente após o conhecimento técnico da Ontopsicologia. Com a descoberta do Em Si ôntico, não apenas se pode compreender a ordem de um pequeno homem, mas também a ordem à qual este está ligado

desde sempre” (Meneghetti, 2020, p. 211). Ou seja, a partir da Ontopsicologia, a OntoArte foi desenvolvida. Por definição, a OntoArte significa a:

. . . recuperação metafísica da existência, e isto é delinear aquele concreto que uniformiza verdade, beleza e ação na criação contínua. Protagonista natural é o homem sem mitos¹⁰ que atua em progressiva resposta ótima a todas as tensões que o apelam como responsável histórico e racional, coordenador do seu espaço e do seu tempo. Portanto, a arte não como a dor ou regressão ou falência existencial, mas como compromisso laico, humanista altamente especificado ao ponto tal de fazer coincidir o signo com o vivente da intuição (Meneghetti, 2020, p. 61).

Cabe destacar que o homem sem “mitos” compreende um ser humano que deixa de lado a “interpretação ingênua e simplificada do mundo e de sua origem; uma crença, geralmente desprovida de valor moral ou social, desenvolvida por membros de um grupo, que funciona como suporte para suas ideias ou posições” (Michaelis, 2023). Ou seja, na OntoArte não há a possibilidade de arte se o sujeito possui convicções, fidelidades, crenças, estereótipos, comportamentos padrões. Para fazer OntoArte, a criatividade precisa não ter mitos, pois precisa partir do novo.

Quando se faz arte sem mitos, significa que não se coloca idealismo, cultura, convicções, enfim, quando não há mitos há a expressão, a gestualidade criativa na obra, pode-se dizer que, quando o homem se dispõe dos mitos, pode fazer uma forma de *epoché*, pois deixa de lado todos os juízos pré-concebidos que possui (mitos), podendo dar espaço ao novo, pois não há pensamentos e ideias ocupando a consciência. Dessa forma, dá-se a condição para acessar o conhecimento, ter evidência do real e acesso ao mundo-da-vida.

Além disso, o homem sem mitos não se prende a nenhum estereótipo, a nenhum modelo de comportamento, ele aprende a usar os estereótipos sem se confirmar nesse modelo, pois existe ainda, na Filosofia atual, uma ética de opinião, ou seja, baseada numa ideologia-psicológica, mas, além disso, “existe a ética profunda da intencionalidade de natureza quando

¹⁰ O termo “mito” é utilizado aqui no sentido de mentira, fantasia, ideologias, religião, estereótipos, preconceções de verdades absolutas sobre a realidade, e não no sentido das narrativas arcaicas sobre a origem.

esta é proposta ao homem, a este capaz artesão de existir para ser e, portanto, para sincretizar o metafísico do existir” (Meneghetti, 2020, p. 83).

Desse modo, “a Ontopsicologia retoma a realidade de modo elementar, faz um processo de ontologia drástica e científica para a essência do homem existencial. Porém, não parte da ontologia, ou seja, não é uma projeção deste tipo de Filosofia à Psicologia” (Meneghetti, 2020, p. 39). A Ontopsicologia parte do estudo clínico do homem aqui e agora, parte do início e avança na pesquisa conforme encontra a verificação de natureza, ou seja, encontra o objetivo, o escopo em que iniciou a pesquisa, tendo o homem como o elemento central.

Agora, a arte deve ser compreendida como uma forma da inteligência humana, que pode representar toda a criatividade humana, mas também uma projeção que revela a patologia, os complexos, a esquizofrenia existencial do artista. Se isto acontece ao indivíduo que não realiza psicoterapia e se projeta segundo a sua redução existencial, tem-se como resultado dessa arte a documentação de um homem em regressão psicológica, pois está distante do real de si mesmo.

Por outro lado, pode-se obter a arte da epifania, que está “conexa ao problema existencial que se abre e amadurece na ação ética” (Meneghetti, 2020, p. 78), como um pressuposto ético, quando o homem se prepara à ação ética, ou seja, busca resolver seus problemas existenciais. A ética aqui é a forma, o modo que o indivíduo usa a sua própria vida, e, a partir dessa, pode-se chegar a sínteses superiores, realizando o próprio devir. Toda vez que o homem se realiza em sua ação, construindo-se na história, se faz vencedor, metabolizando, para si mesmo, crescimento, e essa atitude pode ser definida como a “arte como projeção do processo de crescimento ou nascimento do Eu histórico na direção da visão ôntica” (Meneghetti, 2020, p. 81).

Se o homem, em sua vida, precisa realizar seu projeto de natureza, ou seja, por meio de suas ações se tornar vencedor, feliz, atuar em contínuo progresso de crescimento de si mesmo e por meio de si mesmo, deve se posicionar com o ser, a partir da sua própria existência, chegando à visão ôntica, descobrindo quem propôs esse jogo existencial. O sujeito se torna objeto da vida, se constrói e se torna sujeito, tendo como resultado desse comportamento o próprio processo de crescimento em direção à visão ôntica.

Para esclarecer, segundo Meneghetti (2012), visão ôntica na Ontopsicologia é saber a partir do próprio interno, por evidência. Ainda, é quando o ser humano evoluiu historicamente e seu Eu lógico-histórico é a consciência atual do Eu *a priori*. Todo o Em Si procede de acordo com a realidade, e não com a memória, ou com a imaginação, logo, a visão ôntica é o saber

total do “conhecimento em ato que a parte, enquanto tal, sabe do todo” (Meneghetti, 2012, p. 272).

A arte da epifania é a arte com coerência ética, ou seja, que o indivíduo vive e usa a própria vida para obter o máximo rendimento de si mesmo, para ser proporção e ter a capacidade de mediar-se e interagir, encontrando-se dentro do ser. Agora precisa resolver o próprio problema da realização de seu projeto de natureza, a realização da sua existência, e esse é um ponto chave da Ontopsicologia com a Fenomenologia, ou seja, do viver no mundo-da-vida. Mas qual vida? A própria.

Meneghetti (2020) afirmou que “todo o movimento da Ciência Ontopsicológica é tendencial à OntoArte”, pois, conforme o autor, tem-se a “maturação ontopsicológica, consentiu-lhe uma evolução do fazer simplesmente humano a uma introspecção das coordenadas do Ser” (Meneghetti, 2020, p. 40). Por isso, para se compreender a OntoArte, é necessário conhecer a Ontopsicologia, senão, não há compreensão existencial da profundidade desse movimento artístico.

A OntoArte é, por assim dizer, uma “técnica de deixar um rastro que mostra a presença do Ser, e exalta o que tem de melhor dentro de si. É um protagonismo solar” (Frossard, 1992), e ainda, sabe-se “tudo aquilo que é igual à pulsão do Em Si ôntico na sua tensão ao absoluto” (Frossard, 1992). “É OntoArte qualquer signo que presencie esta tensão ao último metafísico; substancialmente, tudo o que reporta ao belo em si” (Meneghetti, 2020, p. 41). Tem-se como premissa básica a abertura a metafísica, o prazer, o belo, a estética, a ordem, a proporção.

Assim, “a OntoArte, não tem uma finalidade terapêutica ou de aprendizado técnico: a sua intenção é a de expor o sentido interno do prazer estético, ou individuar a chegada da intencionalidade estética” (Meneghetti, 2020, p. 41). Dessa maneira, elucida-se aqui que a OntoArte não possui uma técnica específica, pois as técnicas são diversas e infinitas.

Outro ponto chave na OntoArte é que nela está presente todo valor da humanidade, derivado do sentido metafísico, porque o Em Si ôntico é metafísico, ou seja, cada homem em seu princípio é metafísico, sendo o devir de um “realizar-se livremente em práxis imagística ou histórica” (Meneghetti, 2020, p. 103). Aqui, a perspectiva de metafísica é apresentada pelo autor, entendendo, “metafísico” como “a essência que estrutura a inteligência além do fenômeno” (Meneghetti, 2020, p. 103), ou seja, é a essência de um fenômeno físico.

Portanto, pode-se “chegar a experimentar concretamente o que, em primeiro momento, poderia parecer transcendente. Isto significa buscar aquela verdadeira natureza que consente a

autonomia do movimento, do efeito em si, do dado, do acontecido” (Meneghetti, 2020, p. 103). Por isso, a OntoArte não é expressa por uma técnica, por um modo, mas consente que cada indivíduo em seu projeto, em sua coerência ética, seja capaz de conhecer a si mesmo e de desenvolver o seu modo próprio de viver, o seu modo próprio de fazer OntoArte.

Dessa maneira, o fazer está presente como uma retomada, uma recuperação, cuja arte comum muitas vezes não presentifica a metafísica, ou seja, não possui alma estética em si; diferentemente faz despistar a fruição do belo por natureza. Afinal, “metafísica é a experiência global da objetividade física, daquilo que a justifica, e impõe, a faz autônoma” (Meneghetti, 2020, p. 103). É um fazer que permite o indivíduo a conhecer-se, talvez de um modo que ainda não se conhece, pois o nascimento do Eu é contínuo.

Segundo Meneghetti (2020), para produzir OntoArte é preciso ter conhecimento, capacidade, saber fazer de modo técnico a expressão artística, ou seja, saber como se manuseia a tinta, como se utiliza os lápis grafites, saber talhar a madeira, modelar a argila, pois a partir desse conhecimento é que se pode dar forma à intuição. Esse é o primeiro momento da consciência. A partir da intuição e da técnica, pode se tornar uma “Fenomenologia”, ou seja, o aparecer no objeto, para tanto, é preciso estar sincronizado consigo mesmo, com o próprio mundo interior, a fim de colher a própria intuição.

Outro ponto de fundamental importância para a OntoArte é a criatividade pura. Nesse sentido, a criatividade consiste em:

. . . produzir algo do nada de si mesmo. Construir uma solução positiva não prevista pelas premissas vistas segundo a lógica corrente. Efetuar um resultado não previsto pela causalidade conhecida. Descobrir ilações progressivas de um possível desconhecido. Precisar novidades de efeitos que introduzem em novidades de causas (Meneghetti, 2012, p. 68).

Para desenvolver a criatividade, conforme Meneghetti (2020), é importante estar num desenvolvimento de si mesmo, partir da causa, da intencionalidade, para, em um passo a passo, estar em contínuo crescimento. Afinal, não se dá saltos, mas as coisas se constituem em um contínuo progresso de pequenas ações. É nesse contínuo que a criatividade surge, a partir das tensões, dos desafios, dos problemas existenciais de cada indivíduo, pois é preciso uma solução, de uma novidade, de uma realização histórica. Desse modo, se possibilita uma resposta para a

pulsão que solicita a ação, toda vez que se faz algo se realiza, e quando se deixa de fazer abre-se espaço para a própria frustração de não ter feito, de não ter sido capaz.

Em cada corrente artística existe um ponto de técnica, de expressão, de estética que a diferencia das demais, sendo cada uma única. Na arte, sempre os movimentos artísticos mudaram seus conceitos, suas questões culturais, e seus modos de fazer e se expressar imagetivamente, tendo cada uma um modo de ilustrar a natureza, o mundo que se vive.

Então, tem-se na OntoArte a possibilidade de se colher “o desenho intencional que a natureza usa para fazer as suas belezas, isto é, colher a intencionalidade de natureza e a intencionalidade criativa do possível estético” (Meneghetti, 2020, p. 224) e, ainda, “para usar uma linguagem figurativa, Deus quando faz as suas coisas, é sempre artista. Não faz nada sem arte, portanto, prioritária é a estética, depois, a funcionalidade” (Meneghetti, 2020, p. 225).

Partindo dessas assertivas, evidencia-se que, na natureza, tudo é estético, é belo. Quantas vezes no dia a dia ou durante uma viagem paramos e dizemos: “Nossa, isso é belo, é surreal!” e ficamos estupefatos com aquela montanha, com aquele azul da água do mar, com a organização das nuvens no céu, com a aurora boreal, etc. Essas são composições naturais que a natureza nos mostra e que, em primeiro lugar, são belas, são estéticas; raramente se pensa sobre a funcionalidade da montanha, do mar, ou da aurora boreal, pois não racionalizamos estes momentos, apenas se frui o belo que se dá durante a vivência intencional experimentada.

Portanto, é a partir do conhecimento de si mesmo, buscando realizar o próprio projeto de natureza, resolver as próprias tensões existenciais, que o indivíduo pode chegar à própria OntoArte. A realização é intrínseca da tensão, mas não para realizar-se do mesmo modo que Meneghetti, mas do seu único, exclusivo modo de existir. Desse modo, partindo da Ontopsicologia se chega à OntoArte.

3.3 O fruidor em OntoArte – a fruição do belo do ser

Esclarecido que somente após o conhecimento da Ontopsicologia se chega à lógica da OntoArte, cabe apresentar agora a perspectiva acerca do fruidor. O conceito de “fruidor”¹¹

¹¹ O conceito de fruidor é utilizado amplamente nesta área, mas a definição do conceito foi encontrada somente no dicionário da língua portuguesa e no site do étimo.it em italiano, a definição foi traduzida pela autora. Isso significa que os dicionários de Psicologia, Filosofia e de Ontopsicologia não apresentaram uma definição para o conceito (p. 115).

advém da epistemologia da arte, segundo o dicionário da língua portuguesa que diz ser a ação do fruidor, logo, significa: “ato de desfrutar (de) alguma coisa de forma prazerosa, obtendo alegria e satisfação (física, emocional, estética, intelectual etc.)” (Michaelis, 2023).

Este termo deriva do latim *fruire* - *frui* = *fruitus* ou *fructus* reduzido à quarta conjugação dos ativos, ter vantagem sobre algo. Usar e desfrutar de algo. *Fruire* se distingue do usar, porque este se refere ao útil e ao conveniente, o primeiro também ao prazer, ao desfrute (etimo.it, 2024), ou seja, fruição é um ato de prazer, de desfrutar algo que faz bem ao corpo, gera saúde.

Entende-se, então, que as palavras “observador” e “espectador” apresentam um papel parecido com o do fruidor, mas são distintos os modos que se age, se comporta frente a uma obra de arte. O termo observador “sugere uma atitude passiva de contemplação” (Melo, 2014, p. 13) e espectador é o “que ou aquele que presencia um fato ou acontecimento qualquer; circunstante, presenciado, presente, testemunha” (Michaelis, 2023). Nessas definições, têm-se o entendimento que o espectador coloca a sua presença, e pode falar sobre o que vê, ganhando mais ação. Enquanto o observador é a pessoa na postura de passividade, não age, mas também não interfere, desse modo, ambos diferem do fruidor pelo modo como se posicionam diante de uma obra de arte.

Para estar como fruidor em frente a uma obra de arte, tem-se a premissa de que este se relaciona, se coenvolve com a obra, não está em ação passiva, e nem em ação de simples testemunha; mais que isso, está presente com intencionalidade, estabelecendo uma relação triádica, entre o fruidor, a obra de arte e a percepção constituída. O fruidor é ainda o sujeito (corpo) que se relaciona com o objeto, mas não se fala aqui de sujeito/objeto de forma cartesiana e psicologista, mas, sim, na perspectiva do fruidor da obra de arte. O artista quando cria, dá origem a uma obra de arte para o fruidor, pois a obra é para o mundo-da-vida e não apenas para si mesmo.

Pode-se ainda estabelecer, conforme Husserl (1901/2012b), que sujeito implica o teor de subjetividade representacional e objeto implica o mundo a ser interpretado, sendo apresentado por um ponto de partida específico. Então, interpreta-se que, quando se cita sujeito e objeto, já se entende como fruidor e obra de arte, em que, em primeiro plano, está a materialidade e, em segundo plano, o aparecer da subjetividade, da intencionalidade, o que se

dá a partir do mundo da consciência, da intuição ao que se fenomeniza em atos como: os pensamentos, a imaginação, os sentimentos, as emoções, os instintos, os desejos, entre outros.

Foi citada a questão da vivência intencional, da consciência, ou seja, dos atos aos quais temos consciência mesmo que não tenhamos parado para refletir. Husserl afirma que existe um caminho anterior à consciência atenta, que chamou de síntese passiva, ou seja, somos capazes de reunir elementos sem nos darmos conta do que o estamos fazendo.

Pode-se citar, como exemplo, a percepção de um tipo de vermelho, mas ele teve que inicialmente exercitar algumas operações experienciais anteriores, como a distinção entre um objeto e outro, entre um tom de vermelho e o alaranjado, etc. Segundo Husserl (1901/2012b), essas são operações que estabelecem continuidade e descontinuidade, homogeneidade e heterogeneidade, que, para se apreender o objeto em sua unidade se estabelece relações com outros objetos e simplesmente se experiencia sem se “dar conta”, acontecendo antes da consciência ativa, pois são operações realizadas em nível passivo, e somos afetados por elas antes que façamos qualquer coisa.

Husserl, ainda sobre a síntese passiva, acena sobre a existência de níveis mais profundos que a consciência, em que aparece somente a percepção do já constituído, e registra os níveis mais altos desses processos. Bem, isso não significa que se vive de modo passivo, mas significa que, enquanto vivemos, existem processos que acontecem de modo passivo, que não nos damos conta. Quando paramos para descrever o processo realizado de modo passivo, sabemos que operamos no nível passivo, “considerando todo o arco do processo reflexivo husserliano, podemos dizer que entramos no nível da consciência através da percepção, mas existe também um nível passivo, que pode ser objeto de uma ‘escavação’” (Bello, 2017, p. 55).

Depois da síntese passiva, chega-se à percepção consciente. Husserl (1954/2012a) afirma que é por meio dessa percepção que se entra em contato com o mundo físico, que é percebido através das sensações, por meio do corpo se constitui a percepção da fruição.

O processo da percepção da fruição, segundo Cocchieri (2016), implica em diferentes fatores a serem considerados em pauta, os quais: cor como um elemento a ser lido, a imaginação, a emoção, a cognição, a presença da objetividade e da subjetividade, juntas sem delimitar a mais importante, ou seja, o fruidor pode realizar uma leitura tanto objetiva como subjetiva. Ainda, quem dá o valor de verdade é o fruidor, de acordo com a sua ética, afinal tem dois fatores de realidade: a abstrata e a concreta, que são válidas, pois contribuem para a construção e conexão da relação dada.

O fruidor constrói significado na vivência intencional, a partir da “realidade fenomênica do próprio objeto, de como ele aparece no mundo e para um sujeito que reflete sobre sua ontologia” (Cocchieri, 2016, p. 08), e se o sujeito “reflete sobre sua ontologia”. Sabe-se, então, que não é passivo e nem mero sujeito somente presente, mas é um fruidor que compreende, que observa seus sentimentos e emoções diante da obra de arte, que se percebe e ainda, que está em conexão com o seu ser, íntimo.

Agora, adentrando na perspectiva acerca do fruidor apresentada pela OntoArte, Meneghetti (2020) explica que, na visão e na percepção da arte pura, o artista e o fruidor são a mesma coisa, pois são modos da arte baseados no mesmo princípio, o ser, o íntimo. E o único ponto que distingue o fruidor do artista é que adquiriu experiência, isto é, sabe falar, sabe atribuir significância fenomênica; o que é diferente do significado do quadro e do significado dado pelo fruidor, logo, o grande desafio do fruidor é saber reconhecer, identificar, encontrar esta significância atribuída pelo artista, e entende-se que significância é o valor atribuído na obra pelo artista.

Para a OntoArte “artista se nasce, não se torna, todavia, é preciso formar-se” (Meneghetti, 2020, p. 215). Logo, é na construção diária de si mesmo que vai se formando artista, ou seja, é necessário aprender, aperfeiçoar-se, saber todas as técnicas artísticas e ainda as técnicas verbais e comportamentais compreendidas pela sociedade – o que se prefere – pois cada arte é compreendida pelo povo de acordo com os seus signos, seus estereótipos, sua cultura, seu modo pedagógico.

Toda cultura tem um modo de arte. Na Itália se produz arte que é diferente do modo dos norte-americanos, que se distingue do modo brasileiro de fazer arte, pois cada povo manifesta as suas expressões do seu modo, de acordo com quem financia e com qual conhecimento se tem, afinal na Itália, por longos anos, a Igreja e os *médicis* foram os patrocinadores da arte produzida por lá. Ainda, não se ensina a fazer arte pelo estético, pelo belo, pelo puro fazer arte, visando o prazer estético.

Quando Meneghetti (2020) se refere à “arte pura”, existe para ele uma definição com três elementos que definem o que é a verdadeira arte e para melhor compreensão desse assunto, explanar-se-á a seguir sobre os elementos essenciais de uma obra de arte, no sentido da OntoArte. O primeiro elemento é representar a saúde, o belo, seguindo uma norma biológica. Mas, ao se representar a dor, o pecado, a esquizofrenia, tem-se uma arte não sadia, afinal, a arte é um ideal do belo, e tendo o belo como critério, não é possível colocar como ideal uma

esquizofrenia, a dor daquela fase vivida, a guerra, a ferida. “Ideal” “significa um valor que dá mais ser” (Meneghetti, 2020, p. 217).

O segundo elemento é a “proporção estética”, mesmo sendo ampla, pode-se dizer que é constituída de diferentes modos, “pode ser figurativo, não figurativo, informal, zen, impressionismo” (Meneghetti, 2020, p. 217) e outros. Então, para fazer uma arte sadia e bela, não há nenhuma técnica ou modo fixo, um modelo ideal, de diferentes modos técnicos se chega a uma proporção, ao belo.

Por fim, o terceiro elemento é a “criatividade pura” (Meneghetti, 2020, p. 217), que “é a busca da OntoArte” (Meneghetti, 2020, p. 224), porque é a corrente artística que tem uma linguagem distinta das outras correntes, pois “trata-se de colher o desenho intencional que a natureza usa para fazer as suas belezas, isto é, colher a intencionalidade de natureza e a intencionalidade criativa do possível estético” (Meneghetti, 2020, p. 224). Aqui se faz arte a partir da intencionalidade de natureza do artista, aquela que está no sujeito, a tendência a ser criativo, a saber expor e se expressar pelos signos, seus significados, sentidos, experiências e no fim fazer o belo.

Desse modo, quando se frui a arte, se conhece diferentes artistas, diversas técnicas de expressão e, ainda tem a imposição do mercado que dita o que é arte e o que não é arte. Desse modo o fruidor precisa ter clareza, de que nem tudo o que o mercado dita como arte, é sadio, é belo; muitas vezes, o que se vê como arte ideal é somente a expressão do inconsciente patológico do artista, ou ainda, expressão da agressividade contra a sociedade, a política, aos modelos pré-impostos. Por isso “o fruidor inteligente da verdadeira arte não deve render-se a esta lógica de mercado, mas compreender o outro aspecto” (Meneghetti, 2020, p. 412), que é a significância dada pelo artista, o belo e o significado constituído a partir da fruição.

Diante dessa perspectiva, a “OntoArte implica sempre uma dupla revelação: de uma parte, a peça e da outra o sujeito fruidor. O fruidor deve estar em atitude de autorrevelação, disponível para ver aquela presença que faz respirar a espiritualidade que existe em cada vivente” (Meneghetti, 2020, p. 189), ou seja, a partir da fruição, se percebe o próprio íntimo. Por conseguinte, fruir é uma característica que a OntoArte impõe ao sujeito intitulado como “espectador”, “público”, “observador” ao estar em frente a uma obra de OntoArte, que ele seja um fruidor para tal função e ação.

Nesse sentido, é o fruidor o sujeito capaz de dar significado ao objeto, aquilo que é a obra de arte, de intitular inclusive a OntoArte com outro título diferente do nomeado pelo

artista, porque esta relação de fruidor e obra de arte é permeada pela intencionalidade estética do artista e pela intencionalidade do fruidor, que está em contemplação estética e em relação à obra de arte, ou como nos apresentou Husserl (2012), estão numa vivência intencional de fruição.

Portanto, a fruição em OntoArte é fruição intencional estética, afinal visa que o fruidor frua o belo, e o belo é o objeto de estudo da estética, desse modo, se amplia a perspectiva de compreensão. Ainda, “no momento da fruição não tem como fazer uma análise racional, não tem como interpretar, julgar, analisar hermeticamente, porque, o gozo, o prazer ou o desprazer é uma solicitação do corpo em sua totalidade, é uma exigência orgânica, é uma demanda dos sentidos” (Faria et al, 2019, p. 10).

Não são os pensamentos e as palavras, nem a lógica e a racionalidade que podem ser verbalizadas e expressadas de modo preciso, o ponto central da fruição, mas, sim, os sentidos. Bem como, na apreciação estética, o conhecimento teórico racional-lógico é suspenso; é necessário a *epoché* husserliana, para entrar em “cena a dita licença poética, esta, tem uma espécie de autorização para brincar com a realidade lógico-racional, tem permissão para expressar o absurdo” (Faria et al., 2019, p. 9).

O termo grego que funda a estética, *Aisthesis*, dá base e fundamentação para a fruição, pois requer que o fruidor esteja “aberto ao mundo para que a fruição aconteça; a fruição estética é estar aberto à obra de arte, ao acontecimento artístico, antes que se estabeleça uma relação com o mundo da linguagem, pois o estabelecimento desta relação já solicita interpretação lógico-conceitual” (Faria et al., 2019, p. 10). A vivência intencional, a fruição não são ações programadas, planejadas, mas, sim, as condições de um sujeito com abertura e atitude para sentir algo, para dar espaço aos sentidos e ao que percebe em seu campo, deixando sua racionalidade em suspensão.

Nos textos de Husserl, (1954/2012a, 1901/2012b e 1913/2014), a fruição pode ser relacionada a partir do que o filósofo aborda acerca da percepção, não há um texto exclusivo acerca da fruição, mas pode-se compreender a partir das contribuições da Fenomenologia, por mostrar o fundamental naquilo que aparece. Para tanto, como apresentado, a fruição é única, irrepetível e exclusiva para quem a vivencia, dá-se pelo íntimo.

Em Husserl (1901/2012b), ressalta-se que buscar transpor para o externo o que está na consciência não é nenhuma expressão no sentido do discurso, e não são unas com as vivências, ou seja, no fundo não comunicam nada, o que vale realmente é deixar o pensamento

exclusivamente para si mesmo. Ademais, buscar interpretar as exteriorizações involuntárias, como por exemplo, movimentos do corpo, a partir disso, pode-se aprender muito sobre os pensamentos e os gestos corporais, porém significam algo para o outro que observa, porque busca interpretar, mas “não têm quaisquer significações no sentido pleno dos signos linguísticos” (Husserl, 1901/2012b, p. 27).

A partir dessa concepção, para a fruição ou vivência ter sentido, não bastam somente os signos e as expressões, e a expressão não representa a intenção. Já a percepção no sentido fenomenológico parte de perceber as coisas exteriores ao corpo, no caso “vemos a dor”, “vemos o sorriso”, etc., desse modo, a percepção não pode ficar restrita somente para a intuição, mas a percepção é “captar uma coisa ou um processo como presentes eles próprios . . . sem qualquer apreensão conceitual expressa –, então a recepção da manifestação é uma simples percepção da manifestação” (Husserl, 1901/2012b, p. 29).

Diante do exposto por Husserl, percebe-se a importância de não comunicar as experiências internas, das vivências e pensamentos que habitam a consciência. É um desafio intrínseco à consciência expressar o interno para o externo por meio do discurso. Ainda, Husserl destaca que a tentativa de transpor para o exterior o que está na consciência não constitui uma verdadeira expressão no sentido do discurso e não possuem significações no sentido pleno dos signos linguísticos. A atitude de interpretar tais manifestações implica em atribuir-lhes sentido com base em inferências e percepções pessoais, mas essa interpretação nunca alcança a plenitude da experiência interna do sujeito.

As exteriorizações sejam detalhadas e não sejam completamente unânimes com as vivências internas e, no fundo, não comunicam nada do todo complexo que se passa internamente, logo, o cerne da experiência consciente, segundo Husserl, permanece como algo que vale a pena manter exclusivamente para si mesmo. Essa perspectiva ressalta a singularidade e a inacessibilidade total das vivências internas, destacando a natureza íntima e única da experiência consciente individual.

3.4 A estética na vivência artística do fruidor

A estética é uma disciplina filosófica, da arte e do belo e, desse modo, sabe-se que o conhecimento acerca da estética é extenso sobre os seus significados e conceitos. Por isso, não se aprofundará nas diferentes concepções acerca da estética na história da Filosofia,

desenvolvida ao longo dos anos, porque o escopo deste item está em destacar de modo geral o que está se compreendendo por estética na OntoArte, visando contextualizar sua concepção na relação entre Fenomenologia e Ontopsicologia. Ainda, espera-se esclarecer como a estética aparece no universo da intencionalidade e da vivência artística do fruidor na OntoArte.

Pode-se dizer que, para Meneghetti, Alexander Gottlieb Baumgarten é uma grande referência quando se trata da estética, pertencente à Filosofia idealista, que escreveu em suas *Meditações filosóficas* temas concernentes à poesia, sendo um livro que se torna “o fundamento do estudo e da pesquisa da estética em si” (Meneghetti, 2020, p. 208). Ao mesmo tempo que tece críticas, pois para o artista “a arte é uma coisa, a sociedade é outra” (Meneghetti, 2020, p. 208).

Meneghetti (2020) apresenta que a sociedade já tem as suas regras estabelecidas, sua política, sua economia e tudo muda constantemente, e neste tabuleiro aquela posição que vence, por fim, também impõe o modelo estético. Partindo dessa premissa, para a sociedade, fazer arte é um fazer de modo pedagógico, ou seja, somente por aprendizagem, não visando a estética do belo, porque a “sociedade é incapaz de arte pura, visto que deve pensar na própria sobrevivência, nos modos que, historicamente, consegue configurar” (Meneghetti, 2020, p. 208), porque, no fundo, a arte leva a liberdade dos instintos.

A arte tem esse viés pedagógico desde Platão, porque “o intento de Platão ao proibir a arte na sua cidade ideal – porque a arte levava, cedo ou tarde, a uma liberdade dos instintos – era de manter um ideal absoluto” (Meneghetti, 2020, p. 208). Platão então fundamenta diferentes ambientes acadêmicos e, por conseguinte, passa a ensinar a arte de modo pedagógico.

A solução para romper esse problema de concepção acerca da arte está exposta desde o início do século em que “inventou-se a linguagem informal na arte, portanto, com a técnica informal supera-se o problema platônico, o problema eclesiástico, o problema islâmico, o problema hebreu dado que não existe mais a figura para deturpar Deus” (Meneghetti, 2020, p. 209). A presença da não figuração modificou esse contexto metafísico, pois ela não evoca o sentido que as imagens educam o povo, mas dão agora a possibilidade de fruir a arte pela arte.

A partir de um breve esclarecimento, pode-se dizer que estética é um termo comumente utilizado na Filosofia, na Arte, na Fenomenologia, na Psicologia e na Ontopsicologia. A origem do termo estética vem do grego “*aisthêsis*”, que denota “sentir”, “sensações” ou “perceber”, e de “*Aisthêtikôs*”, o que é próprio dos sentidos. “*Aisthêsis*, refere-se à fruição, ou

seja, a emoção, o gozo, o deleite corpóreo dos sentidos, das sensações” (Faria et al., 2019, p. 4).

Os gregos na Antiguidade tinham a compreensão que, perante a capacidade de experienciar, o ser humano seria capaz de despertar o seu próprio “mundo sensível”, ou seja, a própria capacidade de percepção da natureza e da relação construída entre o ser humano e a natureza. Neste sentido, para os gregos, o despertar das percepções humanas sobre os fenômenos do mundo externo só acontece por meio da sensibilidade estética (Silva, 2012).

Essa sensibilidade é desenvolvida quando o sujeito já possui uma capacidade inata a ser despertada. Logo, se a percepção e a sensibilidade são fomentadas, pode-se dispor de maior autonomia na compreensão das coisas e dos fenômenos sociais, sendo de forma distinta daquelas que não possuem tal estímulo (Silva, 2012). Agora, se a estética for entendida como a ciência do belo, fomentada na relação entre razão e sensibilidade, tem-se então uma teoria sobre a arte, mesmo tendo a sensibilidade como uma condição para compreender a arte.

A arte será sempre identificada a partir da “sensibilidade do artista, da sua genialidade, que desde o renascimento, quando este (o artista) ganha *status* de criador de um objeto autêntico, único e com uma áurea metafísica; entende-se que o significado está além da obra de arte, logo, precisa-se ser contemplada e interpretada” (Faria et al., 2019, p. 4). Por isso, em uma perspectiva fenomenológica, o sujeito pode emitir seu juízo próprio acerca da estética, para tal ato, precisa estar numa relação intencional e:

. . . a aprovação ou desaprovação estética é um modo de relação intencional que se mostra, perante o simples representar ou o ajuizar teórico do objeto estético, como sendo um modo evidentemente e por essência peculiar. A aprovação estética e o predicado estético podem, seguramente, ser asseridos, e a asserção é um juízo e, enquanto tal, inclui representações. Mas, então, a intenção estética, do mesmo modo que o seu objeto, é objeto de representações e de juízos; ela própria permanece essencialmente distinta destes atos teóricos (Husserl, 1901/2012b, pp. 316-317).

Ainda, cabe esclarecer que a intenção estética na perspectiva de Husserl é distinta dos atos teóricos, que são gerados de um objeto que representa signos, e que ainda aferem o fruidor emitir um juízo sobre a vivência que vive. Para a análise dessa vivência estética, Husserl, em

uma carta a Hugo von Hofmannsthal, datada de 12/01/1907, apresenta que o método fenomenológico:

. . . exige uma posição essencialmente diversa da atitude “natural” frente a toda forma de objetividade, estando muito próxima do posicionamento e da atitude para as quais a sua arte, enquanto algo puramente estético, nos transfere no que diz respeito aos objetos apresentados e o todo do mundo circundante. A intuição de uma obra de arte puramente estética cumpre-se mediante uma rigorosa suspensão de todas as posições intelectuais frente à existência e daquelas ligadas às emoções e à vontade pressupostas numa tal posição. Ou melhor: a obra de arte nos transfere (e quase que nos obriga) a um estado de intuição puramente estética que exclui todas as demais posições. Quanto mais o mundo do que se toma por existente ressoa e vivamente nos envolve, quanto mais a obra de arte exige por ela mesma uma posição de existência (algo como uma aparência sensivelmente naturalista: a verdade natural da fotografia), tanto menos a obra de arte é esteticamente pura (Husserl, 2010, p. 38).

Neste trecho da carta, Husserl ressalta que o problema está em racionalizar a fruição, pois fruir já tende a tirar o sujeito da sua posição passiva e cotidiana, cujo belo da obra já o convida a se posicionar de outro modo. Para perceber algo, o corpo entra em ação, com intencionalidades, as memórias, a imaginação, ocorrem diferentes processos sejam psíquicos, sejam perceptivos ao mesmo tempo. Esta fruição fará efeito no indivíduo, como é sabido por aqueles que convivem com obras de arte estéticas que, muitas vezes, têm um conhecimento sobre si de modo distinto de pessoas que não convivem com arte estética.

A visão fenomenológica está intimamente relacionada com a “visão estética na arte “pura”; sem dúvida, aqui não está em questão uma visão a fim de propiciar um deleite estético, mas contínuas investigações e conhecimentos com o propósito de constituírem constatações científicas de uma nova esfera (a esfera filosófica)” (Husserl, 2010, p. 39).

Por isso, a perspectiva fenomenológica acerca da estética é diferente da epistemologia da arte, que concebe somente o deleite estético. Ainda, para o fenomenólogo o importante são as investigações, as constatações a fim de se chegar a um novo lugar do conhecimento, muito mais que a fruição, porque requer contínuo questionamento sobre a obra de arte estética

Para o fenomenólogo Husserl, o artista tem uma atitude perante a natureza, distinta do filósofo que busca dar fundamento ao “sentido” do fenômeno do mundo, porque o artista na natureza é um investigador, um criador, que busca “se apropriar intuitivamente a fim de recolher, na abundância das imagens, materiais para configurações estéticas criadoras” (Husserl, 2010, p. 39). A natureza é o seu arcabouço para a criação.

Com essas premissas da Fenomenologia acerca da estética, sabe-se que essa Filosofia e método influenciou a estética, principalmente no que consiste a atitude fenomenológica, ou seja, uma atitude que pressupõe que o objetivismo e o subjetivismo sejam correlatos. Desse modo, como afirma Lindenmeyer (2021), a consciência não é separada do mundo e o sujeito pode recuperar a sua posição de centralidade cartesiana na constituição do conhecimento, mas a partir de um novo ponto, o da intencionalidade, em que se vincula diretamente a consciência com a realidade transcendental.

Portanto, nesse contexto, a estética fenomenológica tem como tarefa trazer à tona os elementos essenciais para a percepção constitutiva dos objetos artísticos, partindo dos problemas vinculados à percepção e à sensibilidade. Assim, a intencionalidade é o primeiro fundamento do modo como se analisa a estética, pois parte da análise da percepção e da sensibilidade, o que correspondem ao próprio fundamento da vivência estética. “No âmbito da Fenomenologia, nenhuma experiência pode ser efetivada sem que nela já esteja pressuposta a noção de intencionalidade, isto é, da indissociabilidade existente entre consciência e o mundo circundante” (Lindenmeyer, 2021, p. 201).

A análise fenomenológica da estética deve, por assim dizer, resultar no estabelecimento de um conhecimento evidente e essencial. Portanto, a experiência fenomenológica constitui evidências de “elementos duradouros e são também experiências de conhecimento” (Lindenmeyer, 2021, p. 202).

Por isso, na atitude fenomenológica, é importante avançar a “percepção dos dados imediatos do fenômeno pelo estágio de significação intuitiva” (Lindenmeyer, 2021, p. 203), que tem como significado “os dados perceptivos que correspondem ao primeiro momento intencional, no qual ainda não podemos tratar de uma evidência intelectual absoluta, em razão de que a primeira manifestação do fenômeno para a consciência precisa passar pela redução eidética” (Lindenmeyer, 2021, p. 203). É nessa etapa que “a intuição se torna o elemento indispensável para a depuração racional do objeto intencional” (Lindenmeyer, 2021, p. 203).

Esse procedimento está presente na fruição em OntoArte, porque o fruidor pode dar significado para a vivência intencional de sua fruição somente a partir de uma evidência pura, ou seja, a partir de uma consciência ôntica, em que está em interioridade consigo mesmo é capaz de colher aquela significância, aquele ponto de verdade que o artista atribuiu a obra no momento da sua criação. Esse é o ponto exato de significado que o fruidor pode dar a sua vivência intencional.

Para fruir a OntoArte, acena-se “um quadro tem os seus significados, devo saber encontrá-los, desmitificá-los do signo e colher o impacto, a carga que existe dentro, o que o aciona” (Meneghetti, 2020, p. 189). O ponto central é reconhecer de dentro, do seu íntimo, para chegar à essência, ou seja, não basta ver as cores e os signos, precisa “intuir o presente agente” (Meneghetti, 2020, p. 189).

Sabe-se que cada fruidor vivencia a sua própria fruição e que esta é única naquela individuação. Todavia, na base dessa fruição, tem-se uma síntese passiva, o corpo e a materialidade, e tantos outros pontos estão em jogo nessa experiência, seja fruir o belo, seja colher a intencionalidade primeira da obra ou ainda, ver a partir de um dos tipos de intencionalidade apresentados pela Ontopsicologia. Pode-se ter uma intencionalidade complexual do sujeito, como parte de algum ponto de identificação ou projeção.

Pode ocorrer a síndrome de Stendhal, que acomete pessoas que frequentam em demasia museus de arte ou em atores e diretores após o *set* de gravações, em que se verifica “uma coligação entre as manifestações patológicas do sujeito e o contato visivo e emocional com algumas obras de arte” (Meneghetti, 2019, p. 224). Desse modo, toda vivência intencional do fruidor é distinta a cada individuação, pois depende da subjetividade e do nível de consciência que cada individuação possui. Logo, a fruição depende do nível de conhecimento que a pessoa tem, pois fruirá a partir do que já se é. Logo, se o fruidor está em patologia, não colherá o belo da obra. E, se a pessoa está em sanidade, poderá fruir o sentido positivo da obra de arte.

Como explica Meneghetti (2020), cada fruidor pode contemplar em sentido positivo – três percepções, as quais são: ideia, a emoção ou uma experiência subjetiva, assim o fruidor em certo sentido também é um artista quando escolhe uma obra de arte e pode colocar o título que quiser, mas Meneghetti apresenta que as pessoas pedem para ele escolher um título, mas na forma pura da obra, e ao saber que cada um frui ao seu modo a obra, o ideal “seria melhor sem título porque, assim, cada um coloca o seu” (Meneghetti, 2020, p. 189).

A estrutura transcendental do ato frutivo, seguindo a motivação fenomenológica, pode ser entendida a partir do ponto que cada indivíduo tem a sua vivência de acordo com as suas vivências imanentes que se condensam, e ainda, a consciência tem a lembrança dos conteúdos vividos anteriormente, e que o conteúdo é apreendido de um modo, e o objeto seja percebido de outro. Diante desse ponto, tensiona-se a questão: quando é possível transcender ao ato frutivo? Quando não se fica absorto pelas percepções, pelas emoções oriundas da vivência pessoal? E, quando se suspendem as experiências anteriores, para então chegar à significância real da fruição estética?

A vivência intencional implica uma experiência fenomênica na medida em que a sua efetivação ocorre pelas vias da intencionalidade que, de maneira originária, possibilita que o sujeito interaja de maneira efetiva com uma obra de arte, seja ela em qualquer forma de expressão artística, tal como analisadas na atitude fenomenológica.

Partindo dessa perspectiva, as condições para a efetividade da vivência intencional do fruir são as mesmas que são necessárias para a experiência fenomenológica, sendo essencial a mudança de orientação ou de atitude do fruidor em relação ao objeto artístico enquanto fenômeno.

A atitude natural é superada quando, a partir da atitude fenomenológica, se vivencia a obra de arte não como um objeto natural e teórico, mas como um objeto apresentado em sua “dimensão fenomênica, a qual está diretamente vinculada ao exercício transcendental que é realizado, num segundo momento, pela consciência intencional” (Lindenmeyer, 2021, p. 203).

O conhecimento estético, pela perspectiva fenomenológica, é um conhecimento vinculado à intuição eidética e à consciência imaginativa, que permite a compreensão de um conhecimento do que é invariável. Assim, a vivência fenomenológica da arte, como todas as demais modalidades de vivência, se relaciona com a ideia de necessidade, ou seja, com uma “busca pelo que é indissociável da composição do objeto intencional enquanto objeto estético, mas que é sempre correlato à própria consciência” (Lindenmeyer, 2021, p. 203). É importante e não se pode dispensar que se faz necessário uma adequação entre os atos de consciência e o objeto intencional para a efetivação da vivência artística, sendo tanto fenomenológica quanto estética. O objeto não é uma intenção, mas é resultado da intencionalidade do artista ao constituir a obra de arte.

De outro modo, a estética na concepção Ontopsicológica é compreendida seguindo a mesma ótica, afinal, segundo a definição do Dicionário de Ontopsicologia (2012), estética

deriva do grego, *aisth sis* e *aisth tikos*, e significa “perceber o dentro com qual inteligência e prazer dos sentidos” (Meneghetti, 2012, p. 100). Assim, aqui também a estética é entendida com uma representação da intencionalidade com proporção exata das partes.

Esse modo de representar se d  pela imagem formal, a qual se percebe intelectualmente e pelas emoções, conforme   ordenado por quem percebe e que “mesmo sendo uma experiência fenomenológica, causa-se dentro da relação otimal entre constante H e presença do ser ambiental. Percepção externa do proporcional em ato. A parte e o todo intencionam o idêntico do conjunto” (Meneghetti, 2012, p. 100).

Assim, lança-se a questão do proporcional em ato, que seria quando algo se concretiza *matericamente*, ou seja, aquele conjunto de informações se unem numa totalidade, como nos exemplos: uma imagem, uma obra de arte, um objeto artístico, entre outros. Aqui todos formam uma totalidade proporcional em ato, ou seja, compõe   proporção que se apresenta ao fruidor, se d  ao fruidor como proporção.

Para um breve esclarecimento do uso do termo imagem, o significado adv m da expressão latina *in me ago*, que significa “ajo em mim; como a forma age em mim ou em outro; o como da ação; modo no qual a mente age dentro; projecção figural de um fato ou de um conteúdo; o sinal projetado pela ação ou coisa; a a  o ou coisa como se projetam, como se refletem na minha consciência” (Meneghetti, 2012, p. 131). Assim, a imagem é entendida como uma projecção que age no sujeito, que ilustra um sinal, uma ação e compõe uma forma que age.

Nessa perspectiva, a estética   uma representação da intencionalidade, que possui proporção entre as partes da composição imagética, que é percebida pelo sujeito de forma sensível e emocional, a partir da proporção, da ordem, desse modo, quem percebe aquela imagem, a percebe a partir da proporção estética que foi ilustrada. Para Husserl (1913/2014), esses momentos são materiais ou hil ticos, presentes nas vivências que designam um conteúdo não intencional, que também chama de vivências sensuais (*sensuelle*) que fazem parte dos “conteúdos de sensação”. Por sensação, existem várias desde as sensações dos cinco sentidos (tátil, visual, auditiva, olfato e paladar), as sensações do que sentimos, como exemplo a felicidade, o prazer, a dor, a angústia etc., e também, as “pulsões” e os “instintos”.

Os dados hil ticos preenchem a vivência com sensações atuais de um determinado objeto (no caso a obra de arte) no interior de um determinado campo de sensação, seja o sentimento, um dos cinco sentidos ou as pulsões e instintos.

O conteúdo (*hylē*) da vivência desempenha o papel de “matéria-prima”, ou seja, a primeira base constituída, os primeiros conteúdos, sobre a qual as vivências propriamente intencionais são formadas. Tudo está em um fluxo constante de mudanças e implica a multiplicidade do que é sensivelmente intuído pela percepção. Para exemplificar a questão, existe uma vasta gama de tons de cor que compõem o objeto percebido.

Esclarece-se que nem toda vivência é intencional no sentido do ativo, e as que carecem de intencionalidade, passivas, são formadas pelos conteúdos hiléticos. De acordo com a descrição fenomenológica de Husserl, é através da apreensão animadora que uma sensação é percebida e tomada como um verdadeiro fenômeno, pois desperta no sujeito determinados sentimentos e é valorada pelo sujeito. Isso significa que vivência intencional do fruidor, acontece quando se intencionaliza aquela experiência, e se fenomeniza na ação, no ato, vive a partir da sua interioridade, da sua consciência aquele momento, não sabendo e nem cabendo ao fruidor na vivência intencional explicar em palavras e nem racionalizar o que sente, na vivência, pois já se evidenciou que a razão teórica não explica a fruição vivenciada.

A fruição requer intencionalidade do sujeito, sendo uma percepção que parte do vivido externo para o interno, ou seja, transcendental, pois está dada a condição de vivenciar algo que está “fora” a partir do seu “dentro”, por isso, nesta vivência intencional, o sujeito e o ambiente se configuram um conjunto, em uma unidade. Assim, o proporcional em ato, por exemplo, seria uma vivência intencional que engloba “os quatros pontos que envolvem uma vivência, os quais: a qualidade, a matéria, o conteúdo representativo e objetualidade” (Baretta, 2010, p. 62).

A qualidade é o momento em que se permite diferenciar o “perceber a cadeira” do “recordar a cadeira” ou da “representação da cadeira”, etc. A matéria é o momento que se pode diferenciar a experiência perceptiva de uma cadeira da experiência perceptiva de uma geladeira, ou diferentes experiências perceptivas da mesma cadeira ou da mesma geladeira; possibilitando o conteúdo do ato, no sentido que determina o modo pelo qual um determinado objeto é visado. Por fim, o conteúdo representativo é o modo como aquele conteúdo representa a objetualidade.

Segundo Husserl (1901/2012b), a qualidade e a matéria formam a essência intencional do ato, que é caracterizada por ser um certo modo de se dirigir a um objeto, e esse é o sentido. Cabe ressaltar que não é vivência intencional quando não se engloba a qualidade e a matéria do ato. Logo, ato significa que é um acontecimento puro, dado entre sujeito e objeto de arte.

Ainda, de acordo com Husserl (1901/2012b), existem duas classes de atos: os não-objetivantes (não cognitivos) e os objetivantes (cognitivos). A primeira classe de atos engloba os sentimentos (felicidades, dor entre outros) e os desejos; enquanto a segunda classe engloba: o representar, o julgar, lembrar, perceber, imaginar, etc. E, como salienta Husserl, os atos objetivantes estão na base dos não objetivantes, e estabelecem com esses últimos uma relação de fundação, e “porque os atos objetivantes são os únicos que têm matéria própria” (Baretta, 2010, p. 62).

Ainda, a qualidade dos atos pode ser distinguida entre “atos que põem” ou afirmam a existência e “atos que não põem”. Assim, os “atos que põem” envolvem o perceber (sensível e categorial), afirmar, crer, etc. E os “atos que não põem”, envolvem o sonhar acordado, o fantasiar, o imaginar, e representar, etc. Já a matéria “se diferenciaria entre proposicional, isto é, um conjunto de nomes que mantêm entre si uma relação de predicação, e nominal, que pode ser ainda subdividida em simples e composta” (Baretta, 2010, p. 62). A contribuição de Husserl para o sentido da vivência é fundamental à análise da “intencionalidade de uma distinção entre o que é vivenciado e o que aparece” (Baretta, 2010, p. 62).

Nesse sentido, como visto que a fruição requer a tríade, sujeito, objeto e relação, pode-se dizer que é formada por um ato intencional, sendo assim uma vivência intencional. É desse modo que o fruidor percebe o belo, a organização, a ordem, a forma proporcional. Disso resulta a estética, que surge como “prioritária a qualquer ética porque, diante do belo, de um verdadeiro belo, não se pode odiar: o verdadeiro belo, no momento que você o frui, você se torna ele” (Meneghetti, 2020, p. 397). Assim, viver a estética é ter claro o fruidor como sujeito que a todo momento tem uma vivência, em uma relação, que evoca emoções sentimentos, percepção, significados, imaginação, fantasia entre outros possíveis fenômenos. Tudo o que se manifesta durante a fruição é o ponto chave da vivência intencional do fruidor.

Na Fenomenologia de Husserl (1913/2014), viu-se que a consciência em primeiro lugar diferencia a coisa percebida do perceber a coisa. Ao diferenciar a coisa percebida, tem-se o que chama de *cogitatum*, ou seja, objeto do ato; enquanto o perceber a coisa, o *cogitatio*, constitui a vivência intencional, um ato. Diante disso, pode-se discriminar as duas formas no ato de perceber: se distingue a matéria (não intencional) e a forma (intencional), que determina como se irá apreender a matéria.

A coisa percebida se distinguirá de dois modos: aquilo que eu percebo e aquilo através do qual eu percebo (a coisa que eu percebo). O que percebo é a própria coisa, e não a sua

imagem ou signo, enquanto aquilo através do qual eu percebo (a coisa) são os diferentes aspectos infinitos de aparecer. Esses aspectos são “dados da sensação” (matéria do ato) animados por apreensões objetivantes (forma do ato) que tornam as sensações qualidades (características objetivas) do objeto, ou seja, fazem com que haja a aparição das qualidades da coisa: a cor, o formato, enfim. Essas qualidades podem ser apreendidas “como qualidades de uma mesma coisa, na medida em que são reunidas em uma unidade de apreensão. Distintas unidades de apreensão podem ademais ser identificadas como sendo uma mesma coisa através das sínteses de identificação” (Husserl, 1913/2014, p. 75).

De todo modo, a vivência intencional do fruidor, mesmo em sua distinção, não é neutra, sendo positiva para o sujeito, gerando crescimento, valor e maturidade; ou negativa, gerando uma consequência que não foi a de crescimento. Isso significa que toda vivência intencional do fruidor gerará uma percepção, e efeitos no fruidor. Na OntoArte, isso tem relação também com a percepção organísmica, sendo o corpo parte fundamental para a fruição.

Na análise ontopsicológica, identificou-se três modos de percepção organísmica. A percepção exteroceptiva abrange as formas de sensibilidade cutânea (tátil, térmica, dolorosa), os cinco sentidos (visão, audição, olfato e paladar), a percepção visceral ou neurovegetativa, que consiste em englobar todas as variações das funções vitais, viscerotônicas, neuromusculares, que estejam em relação aos sistemas nervosos cérebro-espinhais e neurovegetativos e o sistema parassimpático, ou seja, refere-se a qualquer estímulo externo ou interno no primeiro contato (Meneghetti, 2022, p. 191). É uma percepção setorial, ou seja, se percebe em um determinado órgão.

A percepção proprioceptiva é, segundo Meneghetti (2022), uma percepção unitária no corpo, onde qualquer estímulo sensorial promove informação no organismo, ou seja, acontece em todo o corpo. O filósofo se refere ao que se chama de “terceiro cérebro” ou formação reticular, um sistema neurônico tem a capacidade de fazer sinapse do mesmo modo em todo o corpo humano. É essa percepção que “consente a tomada de consciência como existente aqui e agora” (Meneghetti, 2022, p. 192).

Essas formas perceptivas resultam no conhecimento egoceptivo, chamado de percepção egóica. Essa percepção está em referência ao Eu consciente voluntário e operativo, e diz respeito a consciência que se tem sobre o perceber o próprio corpo, a saber: ouvir os sinais do corpo, quando recebe alguma informação ou quando está doente. Meneghetti afirma

que quando bem usada é “uma compensação decisiva e operativa em reflexo correspondente ao total orgânico ou organísmico” (Meneghetti, 2022, p. 195).

Apresentada a percepção organísmica, se explica também o critério organísmico como fator essencial para a fruição artística, afinal, o critério organísmico consiste em utilizar o próprio corpo como ferramenta de percepção e apreensão do mundo a sua volta. É ainda, um utilizar o corpo concebendo-o como um complexo de ações e reações, em que determinados órgãos reagem em cada situação, compreendendo o conjunto orgânico-corpóreo: cérebro visceral, sistema cardíaco e pulmonar, estômago e funções sexuais e eróticas. E ainda “é vetor da emocionalidade com ausência de interferências cerebrais, ideológicas. É a exclusão de qualquer imagem, síntese ou programa definido como memética. . . . É unitária tomada de consciência em ato orgânico e funcional” (Meneghetti, 2012, p. 70).

Compreendida a percepção e o critério organísmico, na vivência do fruidor, retoma-se que, para uma estética baseada no fruir, é importante entender uma outra questão, principalmente aquela que diz respeito a última necessidade humana; mas que não é uma questão para qualquer ser humano, e sim para aqueles mais sensíveis.

Na acepção de Meneghetti (2020), partindo da observação da natureza onde tudo que é natural tem uma forma bela, proporção, ordem e nada é feio – a não ser que o indivíduo tenha errado contra si e se faça feio, tem-se também um ser humano com uma “bela forma”, ou seja, com uma natureza cujo potencial visa à realização. Para Meneghetti, não existe o feio na natureza, e ele definiu feio como “o que provoca rejeição e apresenta contradição em si mesmo. Correlação imprópria entre percepção e objeto. O que não corresponde à ideia devida e comporta deformidade, rejeição e disfunção” (Meneghetti, 2012, p. 116).

Nesse sentido Meneghetti afirma que “colhê-la também em nível estético significa já ter resolvido todos os outros níveis de problemática existencial: a estética é o último fruto” (Meneghetti, 2020, p. 52), ou seja, na ordem das necessidades humanas, como comer, beber, ter segurança, um trabalho, a vivência estética está no último lugar, e isso significa que só se pensa nas questões estéticas quando se resolvem as necessidades primárias da vida.

Por isso, a OntoArte pressupõe um modo de formação para o ato estético, pautado na busca de se fazer arte por necessidade última, por trazer a novidade da vida, uma vida que agora está e pauta e em pleno movimento. No princípio das coisas, o “ser é estético, por isso, metafisicamente falando, é já completo em si e por si. Quando decide a Fenomenologia, esta é a simulação de uma passagem cujo termo inevitável é o princípio do qual partiu: o ato

completo” (Meneghetti, 2020, p. 110). Desse modo, sabe-se ainda que somos espirituais e transcendentais, não contemos todos os pensamentos, nossas fantasias e imaginações seguem sempre livres.

Quando se afirma que a OntoArte é uma formação ao ato estético, se quer dizer que não vem de uma educação formal e comum sobre a arte, em seu sentido canônico, mas é uma educação que parte das vivências do sujeito, buscando provocar diversas vontades, várias curiosidades, e ainda, vários amores pela própria imagem, pelo próprio ser. É preciso resgatar formativamente a “intuição estética”, porque não significa “colher a essencialidade da causa em nível de formalização filosófica ou matemática” (Meneghetti, 2020, p. 111), mas, sim, na intuição estética, busca-se “colher a vivacidade do Ser que presencia o seu belo como somente ele o quer, e eu o colho com serviço, com abertura. Contudo, nesta oblatividade, exalta-se sinergicamente a forma existencial: o ser se quer novo onde eu sou. A intuição estética é, portanto, criação” (Meneghetti, 2020, p. 111). E a criação se exprime nos diferentes modos de expressão artística desde a pintura, a moda, a dança, a fotografia, a escultura e segue aos múltiplos modos de criar e fazer arte.

Ainda, na formação do ato estético, tem-se uma “atitude estética”, que corresponde ao ato, à “capacidade para exercer o prazer” (Meneghetti, 2020, p. 255). Isso significa que “a atitude estética é o exercício do ato continuado que especifica e realiza em modo sempre mais funcional a presença do Eu no poder do ser. Portanto, é a atitude à unidade de ação” (Meneghetti, 2020, p. 258), afinal, todo o escopo da vida é o prazer.

O prazer será entendido aqui como “a ressonância ou efetividade de uma ordem cumprida; a verificação ou a proporção exata entre as partes, todas harmônicas para um resultado. É uma ordem perfeita que agrada, faz contemplação” (Meneghetti, 2020, p. 256), porque aquilo que apetece atrai pela tranquilidade, pelo sossego e serenidade que transparece.

Pode parecer que o exercício estético seja algo supérfluo, tendo em vista algo compreendido como a última necessidade humana, mas é “o empenho mais difícil e mais alto. Isto implica vontade e capacidade técnica de viver a contínua experiência-ponta” (Meneghetti, 2020, p. 256). É a norma natural da vida, mas para tal é necessário que as coisas andem, fluam de forma natural, como previsto pela norma da vida, tendo em vista que viver é uma necessidade básica do sujeito.

O exercício contínuo da atitude estética, segundo Meneghetti (2020), pode levar à felicidade, porque ao seguir os pressupostos já intrínsecos pela natureza, ou seja, pelo Em Si

ôntico, manifestará e se fará presente uma de suas características: a alegria. Para Meneghetti (2020), existem alguns comportamentos fundamentais para a atitude estética, como apresentados a seguir. O primeiro comportamento é a limpeza mental, que significa “capacidade de pensar com ordem, ter critérios exatos na mente” (Meneghetti, 2020, p. 256). Muitas vezes na vida se perde tempo pensando mal do outro, ou focado em coisas negativas, é como se desse à mente uma comida estragada.

Portanto, é importante vigiar os pensamentos e nutrir a mente com ideias, com o belo, com a ação da vida, pois, caso ao contrário, se não cuidar dos pensamentos, e nem dos hábitos cotidianos, o conjunto de pequenos erros leva a um grande evento manifesto, por isso, todos os dias é preciso vigiar as pequenas coisas e o próprio *habitat*.

A meditação e outras práticas próximas não são indicadas para esta atitude mental, pois, como expõe Meneghetti (2020), é importante chegar ao ponto-zero da atividade mental de forma consciente, por esse ser o ponto-força. Deve-se chegar a este ponto por meio do nascimento do Eu, que, segundo a Ontopsicologia, “advém continuamente em cada sujeito por meio de escolhas cômgruas ao próprio projeto ôntico” (Meneghetti, 2020, p. 257). Outro comportamento para a atitude estética é o cuidado com o corpo, porque, como visto, é com este que se colhe a percepção, que se frui, que se relaciona com o ambiente.

O terceiro comportamento para a atitude estética é observar os objetos que estão ao seu entorno, pois a desordem tem mais protagonismo, chama mais atenção, é essencial possuir miricismo cotidiano, “para chegar às grandes coisas, é preciso primeiro aperfeiçoar as pequenas. . . . O todo se consegue proporcionando em ordem as partes” (Meneghetti, 2020, p. 258). Todos os objetos ocupam espaço e precisam ser organizados, pois o ambiente que se habita diz muito sobre o indivíduo, e a atitude estética requer ordem.

E ainda, a “atitude estética é o exercício do ato continuado que especifica e realiza em modo sempre mais funcional a presença do Eu no poder do ser. Portanto, é a atitude à unidade de ação” (Meneghetti, 2020, p. 258), logo a estética é o belo na vida, e não acontece de uma hora para outra, se dá a partir da continuidade das pequenas ações, que propiciem mais ação no cotidiano contribuindo, desse modo, para um fim.

Pois bem, desenvolvida de forma sintética a estética na Fenomenologia e na Ontopsicologia, pode-se compreender melhor como a fruição está imbricada na relação e vivência estética constituída pelo sujeito/fruidor do objeto de arte. Ainda como a fruição estética é um jogo, uma troca com o objeto de arte; é um vivenciar as ocorrências, o

acontecimento e suas implicações. Tem-se a consciência humana imbricada na recepção sensorial, ao psicológico e a imaginação, em que não há separação entre razão, a percepção e a reação físico-motora. A interpretação teórico-racional, a hermenêutica do objeto de arte é quase impossível, porque os pontos de referências são fluidos no contemporâneo; as referências são necessárias para qualquer definição (Faria et al., 2019, p. 9).

Desse modo, ressalta-se que não adianta analisar teoricamente aquilo que surge da fruição, e nem requerer comentários racionais sobre esta vivência que se dá entre sujeito e objeto de arte, pois o que está em jogo é a percepção, a subjetividade, a intencionalidade, a sensibilidade colocada no jogo da vivência intencional da fruição estética.

Por fim, cabe fazer uma ressalva final, em que a vivência intencional, a vivência psíquica, a fruição de uma obra de arte “são a mesma coisa” e também são sinônimos da experiência estética, como pode-se observar nos seguintes trechos: “fruição ou experiência estética é a excitação dos sentidos, é degustar o mundo, é mobilizar todo o corpo para experienciar o objeto” (Faria et al., 2019, p. 9) e, ainda, “os atos intencionais estão diretamente vinculados às vivências conscientes. Por isso, defende-se que essa experiência é similar ao que Husserl chamou de ‘vivência intencional da consciência’” (Lindenmeyer, 2021, p. 203), que está na base das experiências estéticas.

Considerações gerais

Sabe-se que quem inaugurou a OntoArte partindo da Ontopsicologia foi o artista italiano Antonio Meneghetti, ressaltando que não é qualquer forma de arte, tendo em vista as longas discussões acadêmicas entre diferentes teóricos acerca do que é atualmente arte, e há diferentes pontos em comum da arte e da OntoArte, como pontos bastantes divergentes, para apresentar isso de modo profundo caberia um estudo futuro.

As contribuições teóricas da Fenomenologia husserliana foram de grande valor e essenciais para compreender com mais profundidade, mas não de modo que esgotasse as implicações acerca da vivência intencional, da consciência, da intencionalidade, da fruição, da estética e da imagem, que são pontos fundamentais para compreender como se dá a fruição estética das obras de arte da OntoArte. O belo é percebido pelo fruidor, e não cabe a nós, que utilizamos tanto a nossa racionalidade-lógica, buscar interpretar aquilo que o sujeito vivenciou

durante a fruição, e que remete ao próprio mundo íntimo-subjetivo de cada sujeito; ter consciência disso já é um ponto de chegada.

Ressaltar a diferença entre arte figurativa e a arte informal auxilia a se aproximar de qual tipo de arte visou-se referir, afinal, não é qualquer arte, não é arte contemporânea, e está de forma muito distante da arte de massa exposta nos museus mundo afora, é como se fosse possível resgatar aquela arte produzida no Renascimento, em que o belo, a proporção, a forma, aquilo que era exposto toca dentro faz movimento, e nos deixa sem palavras, os nossos pensamentos, o nosso verbo não são o suficiente para narrar aquilo que se vê na imagem exposta, bastando ser suficiente viver de forma presente a percepção construída a partir da vivência intencional da fruição estética.

É um desafio ao fazer pesquisa e contar com poucas obras de arte do artista Antonio Meneghetti, tendo em vista a vastidão das suas produções artísticas, pois, ao buscar exemplos para o estudo, a galeria de arte abre somente com horário marcado ou para eventos, logo, não se tem livre acesso e as obras artísticas da faculdade são 1% perto do que o artista produziu, tendo, desse modo, acesso a somente algumas obras (as que estão na galeria na Faculdade Antonio Meneghetti).

Há incontáveis obras de arte espalhadas pelo mundo, ficando para outro momento uma pesquisa a nível internacional, acerca das obras. Então, ao apresentar imagens para compreendermos o que é o movimento artístico da OntoArte, ressalta-se que primeiro era o modo que Meneghetti encontrou de se expressar artisticamente, cada artista que busca a sua OntoArte precisa ter o seu modo artístico de expressar o ser, não adianta reproduzir o modo de pintar de Meneghetti e chamar de OntoArte, não é esse o caminho e muito menos fazer releitura, um dos caminhos possíveis é começar pelo “conhece-te a ti mesmo”, partir da própria identidade.

É possível realizar a aproximação da concepção de sujeito e objeto com a concepção do fruidor e da obra de arte, pois ambas implicam um indivíduo e um objeto, e se aborda a questão de como se relacionam, quais sentidos surgem, quais percepções se dão, quais significados são construídos, o que passa a ser visto, o que se sente. Mas a concepção de sujeito e objeto não se resume à fruição artística, mas dá base teórica para uma compreensão mais profunda da questão.

Ressalta-se que a OntoArte permanece restrita às pessoas que compreendem o que é a verdadeira arte, que visa em primeiro lugar o belo e o estético, e não a função pedagógica ou a ilustração do caos que vive o artista ou a sociedade. Diante desse fato, evidencia-se que esse é

um ponto a ser investigado com maior atenção, a verdadeira arte, e, ainda, elucidando a diferença dessa arte para a arte com função pedagógica, da arte de massa, ilustrando com exemplos, pois é importante ter o esclarecimento de cada ponto.

Outro ponto que apareceu foi que Meneghetti começou a produzir OntoArte em 1965, conforme o catálogo dividido em três livros físicos, mas a exposição ao público só se deu em 1981 e, no livro OntoArte O Em Si da arte, consta que a OntoArte é exposta em 1976, mas é somente na exposição de 1981 que a OntoArte de Meneghetti foi apresentada ao público oficialmente, não apresentando quando realmente Meneghetti começou a produção de suas obras artísticas.

A realização da exposição não desqualifica o que foi produzido anteriormente. A exposição foi um momento de expor a obra artística do artista, pois um artista não se torna artista somente na primeira exposição pública de suas obras de arte, um artista é artista a partir do momento que realiza a sua tensão à criação, ou seja, quando faz arte, e se tem a realização do prazer de criar. Logo, o momento da exposição só é um fenômeno, um resultado dos processos que o artista vivência para fazer o belo.

Esse é um ponto de vista sobre a questão, agora a pergunta de quando exatamente Meneghetti começou a fazer a OntoArte, se em 1965, ou se em 1981, pode ser respondida pela perspectiva teórica já que a formalização da Ontopsicologia só deu em 1973, e a OntoArte nasce a partir da Ontopsicologia, pois se aplica o critério do Em Si ôntico sobre a representação do mundo artístico, a OntoArte de Meneghetti só teria validade, a partir da exposição oficial realizada em 1981, e o que foi feito antes pode ser considerado como arte, e não OntoArte.

Mas, veja bem, isso implica em outro ponto, o qual se Meneghetti produzia arte a partir do seu íntimo, e já visualizava a funcionalidade à realização e sanidade do homem, bem como, o belo e a estética edênica; é possível aferir que as obras anteriores já eram OntoArte, mas que levou um tempo histórico para a formalização, compreensão e apresentação de modo profissional que Meneghetti, produzia de forma distinta de tantos outros artistas.

Caberia então, num estudo posterior, analisar as obras de arte produzidas entre 1965 e 1981, se apresentam os aspectos que Meneghetti apresenta como critério básico para uma obra de arte ser OntoArte ou não, mas seria necessário ser realizada por um técnico, por alguém muito estudioso em OntoArte, para poder fazer tal afirmação, contudo, reitera-se que é apenas uma discussão teórica e não se visa desqualificar nenhum trabalho artístico, mas seria sobre refletir sobre as questões históricas.

O estudo evidenciou a OntoArte desenvolvida por Meneghetti, ficando a sugestão para futuros estudos de outros artistas que também fizeram ou que fazem OntoArte, afinal, na galeria de OntoArte localizada no Recanto Maestro/RS, está escrito na fachada “OntoArte de Antonio Meneghetti”, podendo constatar que não foi o único artista a fazer OntoArte. Sendo uma Filosofia da arte, não é restrita a uma técnica artística, podendo então ser possível expressar o belo em diferentes modos.

Outro ponto que caberia ser estudado de modo mais profundo é o conceito de criatividade, pois gerações se passam e apenas o ser humano reproduz tantas coisas, repete sem questionar, ou encontra uma resposta já pronta sobre o que faz. Sendo que a criatividade implica em fazer algo novo partindo do novo, algo que exige em primeiro lugar uma compreensão profunda, afinal, o comportamento humano em muitos momentos é somente imitação.

Os estudos da estética, mesmo já sendo de longo prazo na ciência, os estudos que envolvem o conceito precisam de continuidade, tendo em vista a amplitude e complexidade do termo. A arte pura é um conceito-chave e ainda, a construção do belo e o fazer estético ainda levarão anos para estarem na sociedade de modo mais efetivo no cotidiano. Sendo um conceito estudado tanto pela Fenomenologia e pela Ontopsicologia, poderia ser realizado um estudo que apresentasse as aproximações e distinções teóricas acerca da estética.

Se fez necessário buscar na epistemologia da arte o termo fruidor para a compreensão do tema estudado, termo que foi retomado pela Ontopsicologia, e que deu a base teórica para que fosse possível relacionar que a vivência intencional apresentada por Husserl, é uma fruição artística apresentada por Meneghetti. Ainda, toda fruição artística depende de uma vivência intencional acontecendo.

Para a fruição acontecer de modo exato, não adianta recorrer ao discurso que pode ser efetuado pelo fruidor, de nada vale as palavras, pois a vivência intencional do fruidor não requer racionalidade, mas visa constituir vivências artísticas, estéticas de fruição do belo, pontos que podem habitar a consciência. Ainda, cabe elucidar que a vivência intencional é uma experiência fenomenológica, tendo em vista que se inicia na intencionalidade, promovendo ao fruidor a consciência de algo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida para a realização deste estudo foi uma questão específica, quer seja, a análise da vivência intencional no viver estético, conforme proposto pela OntoArte. O objetivo principal foi esclarecer os fundamentos psicológicos subjacentes a essa vivência, visando proporcionar uma compreensão mais abrangente e precisa desse tema. Assim, a busca por responder a essa questão implicou em um percurso mais detalhado, que envolveu a construção de um breve panorama histórico da Fenomenologia, destacando a questão da intencionalidade. Ainda, este percurso nos levou da Fenomenologia de E. Husserl e à Ontopsicologia de A. Meneghetti, preparando o terreno para adentrarmos na temática central.

Assim, seguimos por meio do método qualitativo que possibilitou a investigação de forma aprofundada o tema em questão imergindo nas obras originais de Husserl e Meneghetti e em artigos científicos que elucidasse o tema, pois a pesquisa teórico-bibliográfica permite o uso de textos tanto de base quanto elucidativos, a fim de chegar de fato no objeto pesquisado, para tanto, se fez necessário apresentar aspectos históricos sobre a Psicologia, a Fenomenologia e a Ontopsicologia. E ainda, elucidar a questão da intencionalidade, da vivência intencional/artística, e da fruição artística/estética em OntoArte.

Ao adentrarmos na Fenomenologia de Husserl, iniciamos com a compreensão de diversos conceitos fenomenológicos, tais como o mundo-da-vida, a *epoché*, a consciência intencional, a hilética, a síntese passiva, a estética, entre outros. Essa abordagem nos proporcionou uma base sólida para a análise e compreensão mais profunda da Fenomenologia husserliana.

Para adentrar na Ontopsicologia de Meneghetti, buscamos compreender o conceito de intencionalidade e os diferentes tipos de intencionalidade apresentados, explorando também as três descobertas científicas fundamentais nesse contexto, a saber: o Em Si ôntico, o campo semântico e o monitor de deflexão; cuja investigação nos permitiu mergulhar mais profundamente na abordagem ontopsicológica e em suas implicações para a compreensão do ser humano e de sua relação com o mundo.

Diante disso, tornou-se possível compreender o que é a OntoArte e como se configura a fruição estética, aspectos que foram entrelaçados para alcançar uma compreensão mais profunda dos elementos que precisavam ser esclarecidos para responder à problemática em questão.

A fim de apresentar de forma clara o percurso realizado na tentativa de responder à problemática proposta e alcançar o objetivo geral estabelecido, que consistiu em explicitar a relação entre Psicologia, Fenomenologia husserliana e Ontopsicologia, com foco na compreensão da vivência psíquica artística descrita na OntoArte, foram conduzidos três estudos distintos.

No primeiro estudo, intitulado *A relação da Fenomenologia com a Ontopsicologia, a questão da intencionalidade*, buscou-se explicitar a relação da Fenomenologia com a Ontopsicologia, focando a questão da intencionalidade, para tanto, foi possível chegar a uma compreensão mais global do uso do conceito. A compreensão da intencionalidade teve origem na escolástica, constituindo um ponto fundamental compartilhado por diferentes filósofos, como Avicena, Averróis, F. Brentano, E. Husserl e A. Meneghetti. Cada um desses autores apresentou de forma distinta a teoria sobre o conceito de intencionalidade, refletindo o contexto histórico e científico no qual estavam inseridos. Agora, Husserl e Meneghetti, seguindo a tradição da Fenomenologia e da Ontopsicologia, desenvolveram suas próprias concepções sobre a intencionalidade, influenciados por precursores que já haviam explorado essa questão.

O rompimento do psicologismo por Husserl foi essencial para uma mudança de paradigma filosófico-científico, abrindo o novo horizonte de compreensão da intencionalidade proposto pela Fenomenologia. De certo modo, essa trajetória continuou com o desenvolvimento da Ontopsicologia, que abordou a questão de uma maneira única ao apresentar os diferentes tipos de intencionalidade. Essa abordagem inovadora contribuiu para ampliar ainda mais a compreensão desse fenômeno psicológico, em especial o artístico, adicionando novas perspectivas ao debate.

No estudo II, intitulado *A Fenomenologia husserliana: a vivência intencional e a relação com a arte informal*, buscou-se analisar, a partir da Fenomenologia de Husserl, como se constitui a vivência intencional da arte dada pela relação entre arte informal. Assim, foi possível compreender a importância da vivência intencional na Fenomenologia. É importante destacar que a vivência não é o objeto em si, mas sim aquilo que surge da correlação entre a consciência e o mundo. Em outras palavras, o resultado da correlação é a vivência que inclui percepção, memória, imaginação, cognição e os eventos que o sujeito experimentou. Por outro lado, o termo "intencional" tem uma concepção similar à intencionalidade e se refere à referência de uma atividade prática (desejo, aspiração, vontade) ao seu próprio objeto.

Dessa forma, a vivência intencional diz respeito às experiências vividas pelo indivíduo, que, a partir de sua subjetividade, é capaz de estabelecer relações intencionais com objetos do mundo real. Assim, destacamos que o objeto analisado a partir da vivência intencional foi a obra de arte informal, mas poderia ser uma guerra, uma árvore, pedras, e tantos outros possíveis objetos. Foi possível compreender que a arte está em dois pontos: entre o real, e o possível (mas não realizado) exercendo a função que conduz do possível ao real.

A vivência intencional do fruidor em relação a obra de arte se constitui quando o sujeito olha a imagem fica absorto na figuratividade daquela imagem, e a partir da consciência dessa figuratividade, se constitui outras relações, e efeitos, pois a obra de arte ressalta a imagem, a qual opera esteticamente gerando diferentes efeitos, como a cor por possuir expressão acaba tendo força de impacto, e nisso para chegar a subjetividade daquele sujeito se coloca em jogo a fantasia e a imaginação.

E, por fim, no estudo III, intitulado *A fruição estética: perspectivas na Fenomenologia e na Ontopsicologia*, foi constituído a partir do objetivo que visou descrever aspectos teóricos da vivência artística proposta pela OntoArte. O estudo teve início com a compreensão dos aspectos históricos do desenvolvimento da OntoArte como Filosofia da arte e como movimento artístico idealizado pelo artista italiano Antonio Meneghetti. Para exemplificar o processo de criação da OntoArte pelo artista, foram apresentadas algumas imagens de suas pinturas, cujos direitos autorais estão sob a guarda da Fundação Antonio Meneghetti.

A Ontopsicologia surge a partir do problema do homem distante de sua verdadeira realidade, afastado do mundo-da-vida. E é a partir dessa ciência que nasce a OntoArte, que tem como premissa básica a abertura à metafísica, ao prazer, ao belo, à estética, à ordem e à proporção. Em outras palavras, seu objetivo é explorar o significado interno do prazer estético e identificar a intencionalidade estética. Assim, adentrou-se na epistemologia da arte para apresentar o conceito de fruidor, que se distingue do observador e do espectador. A fruição envolve usar e desfrutar de algo, ou seja, apreciar o belo, a estética. O fruidor foi concebido e compreendido como o sujeito na relação entre sujeito e objeto, sendo central para a fruição na OntoArte.

A Fenomenologia contribuiu para essa questão por meio dos conceitos de síntese passiva, níveis de consciência, percepção, a estética, a hilética, e os atos. Ainda foi necessário evidenciar aspectos trazidos pela Ontopsicologia sobre a arte pura, a arte epifânica, a imagem, a estética, a percepção organísmica e o feio. Isso foi feito para explicitar aspectos inerentes à

vivência intencional do fruidor, destacando pontos fundamentais que auxiliam na compreensão da questão.

Para alcançar uma síntese da fruição artística e demonstrar que a fruição estética é experienciada a partir do âmago do sujeito, reservada exclusivamente a ele, excluindo racionalizações e interpretações externas, é possível afirmar que a vivência intencional do fruidor na OntoArte é única e irrepetível, pois advém da subjetividade daquela individuação, ou seja, a vivência intencional artística acontece a partir de dentro, para então ocasionar a ação, a fruição é o fim, o escopo daquela intencionalidade primeira.

A individuação fez uma escolha, uma aceitação partindo de dentro. Tem-se assim, a intencionalidade como ponto de partida fundamental para constituir a vivência intencional artística, pois dá a forma que constituirá a ação. Logo, o fruidor poderá fruir o belo, a proporção, a significância entre outras qualidades que a obra de OntoArte possui como própria e inerentes a ela, pois intencionou pela sua subjetividade.

A vivência intencional artística é um momento que se estabelece quando o fruidor está diante de uma obra de arte da OntoArte, então este processo se constitui em algum momento anterior quando a intencionalidade da subjetividade do indivíduo se dá, para então o fruidor dirigir-se a uma obra de arte, e neste momento constituir a relação fruidor e obra de arte, e colher partindo da sua interioridade a significância daquela obra de arte.

Cada fruidor poderá colher a mesma significância que determinada obra de arte possui, bem como, pode colher significâncias diferentes, pois esta relação se dá de acordo com o nível de vivências anteriores com a obra de arte que o indivíduo possui, não precisa ter tido diferentes vivências artísticas com a mesma obra de arte, mas já ter o hábito de vivenciar o objeto artístico a partir do seu íntimo, assim fruidor e obra durante a vivência se tornam únicos, a obra influencia o que o fruidor vai sentir, como o fruidor colhe de algum modo a obra.

Destaca-se que não seria apropriado utilizar outra metodologia para tentar mediar ou ilustrar o que o fruidor vivenciou, pois como verificado não cabe fazer racionalizações sobre a vivência intencional, então relatos da vivência, desenhos, textos escritos pelo fruidor nada indicarão o que foi vivenciado e constituído durante a vivência intencional artística. Serão somente modos de racionalização sobre o que se acha, mas não chegando a verdade.

O conjunto de questões elucidados abre um novo horizonte de pesquisas quanto às conexões entre Fenomenologia, Psicologia, e a Ontopsicologia. Abre-se o horizonte sobre a compreensão acerca da intencionalidade, questão debatida em diferentes períodos históricos e

que atualmente, ainda é fonte frutífera de grandes discussões científicas, pois deriva de diversas compreensões teóricas, e diante desta tensão derivada de pontos que divergem. Mais importante que chegar a um denominador comum entre as teorias, é entender cada perspectiva teórica, em seu contexto histórico, a fim de compreender com profundidade as questões levantadas.

Além disso, é viável alcançar as contribuições da Ciência Ontopsicológica, considerando que o conhecimento segue o tempo histórico para ser estudado e discutido. Ele é apresentado sob uma perspectiva que se baseia no que já foi descrito por outros autores, não com o intuito de substituir, mas de revelar outra perspectiva, partindo de um critério específico.

Por último, sugerimos que surjam outras pesquisas interdisciplinares que abordem temas convergentes, conflitantes e similares, com problemas a serem resolvidos. Isso permitirá uma compreensão mais ampla do todo, em vez de focar apenas em uma parte do vasto conjunto de conhecimentos já construído até o momento. A partir disso, o método científico se transforma, abrindo espaço para uma abordagem mais abrangente e integrativa.

REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de Filosofia*. Martins Fontes.
- Avicena. (1959). *Kitāb al-nafs*. Ed. Rahman, Oxford University Press.
- Brasil. (2022). *Catálogo de Teses & Dissertações*. Recuperado em 10 de outubro de 2022, de <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!>
- Bee, D. (1992). *Intencionalidade e Intersubjetividade. Da Psicologia Intencional de Husserl à Ontopsicologia*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria. UFSM. Santa Maria. Rio Grande do Sul. Brasil.
- Bello, Â. A. (2009). *Introduzione alla fenomenologia*. Roma. Aracne editrice.
- Bello, Â. A. (2017). *Introdução à fenomenologia*. Belo horizonte: Spes editora.
- Barreta, J. P. F. (2010). *O conceito de vivência em Freud e Husserl*. Scielo. Recuperado em 06 de fevereiro: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/kCKHHGLm9ZvrGcCBgsHh6tg/https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000100004>
- Brentano, F. (1973). *Psychology from an Empirical Standpoint*. Trans. Antos C. Rancurello, D. B. Terrell, and Linda L. McAlister. London: Routledge & Kern Paull.
- Boris, G. D. J. B. (2011). *A (pouco conhecida) contribuição de Brentano para as psicoterapias humanistas*. Revista da abordagem gestáltica. vol.17 n.2 p. 193-197. <https://doi.org/10.18065/RAG.2011v17n2.9>
- Carotenuto, M. (2009). *Histórico sobre as teorias do conhecimento*. Recanto Maestro. Ontopsicologia Editrice.
- Cocchieri, T. (2016). *Epistemologia da arte: o fruidor e o objeto de arte*. v. 8, n. 15, p. 004-019. <https://doi.org/10.5965/2175234608152016004>
- Etimio.it. (2024). *Dicionário etimológico latim*. Recuperado em 07 de fevereiro em: <https://www.etimo.it/?cmd=id&id=7379&md=23178c5cc00fe18196dfaded234cd205>
- Faria, G, P. Souza, J, A, de. Brandão, L, de L. (2019). *Aisthesis e a Fruição Estética*. RELACult Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade V. 05, ed. especial, p. 01-14.
- Frossard, N. (1992). *Arte solar. Sua linguagem é única, expressa o prazer de viver e a essencialidade do ser*. In: Meneghetti, A. Ontopsicologia e OntoArte no Brasil. ABO. Texto para o jornal do Brasil.
- Genz, A. C. de M. (2016). *A concepção de alma em Avicena: não apesar de Aristóteles e, sim, através de Aristóteles*. Veritas. Porto Alegre, 59(3), 430-449. <https://doi.org/10.15448/1984->

6746.2014.3.22781

<https://doi.org/10.15448/1984-6746.2014.3.22781>

Goto, T. A. (2015). *Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus.

Lima, A. K. de. (2009). *Averróis e a questão do intelecto material no Grande Comentário ao De Anima de Aristóteles, livro III, comentário 5*. São Paulo. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Universidade de São Paulo.

Lindenmeyer, L. L. (2021). *Condições filosóficas para uma estética husserliana*. Griot: Revista de Filosofia, v.21, n.3, p.197-217.
<https://doi.org/10.31977/grifi.v21i3.2340>

Husserl, E. (2010). *Carta a Hugo von Hofmannsthal*. Viso Cadernos de estética aplicada, Revista eletrônica de estética. n. 8. (Schuback, M. C. Trad.).

Husserl, E. (2012a). *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental. Uma Introdução à Filosofia fenomenológica*. Tradução Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro. Forense Universitária.

Husserl, E. (2012b). *Investigações lógicas Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento*. 1 ed. Tradução Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro. Forense Universitária.

Husserl, E. (2014). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. 5 ed. Tradução Márcio Suzuki. São Paulo. Ideias & Letras.

Jaime, J. (1998). *Vamos simplificar o problema do Ser?* Veritas. v.43 n.2 pp. 387-398.
<https://doi.org/10.15448/1984-6746.1998.2.35379>

Coelho, Jr, N. E. C. (2002). *Consciência, intencionalidade e intercorporeidade*. Revista Paideia. Scielo p. 97-101.
<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2002000100010>

Lima, T. C. S. de; Miotto, R. C. T. (2007). *Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica*. Revista Katalysis. v. 10 n. p. 37-45.
<https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>

Lima, A. K. de. (2009). *Averróis e a questão do intelecto material no Grande Comentário ao De Anima de Aristóteles, livro III, comentário 5*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. USP. São Paulo. Brasil.

Markoni M de A, Lakatos, E. M. (2008). *Técnicas de pesquisa*. 7 ed. São Paulo. Editora Atlas.

Martín, M. del C. P. (2007). *Teorías de la intencionalidad*. Madrid, Editorial Síntesis.

McCormick, P. (1981). *Sur le développement Du concept de l'intentionnalité chez Brentano et Husserl*. Philosophiques, vol. 8, n° 2, p. 227-237. <https://doi.org/10.7202/203167ar>

Melo, Z. (2014). *A arte somos nós questões sobre o papel do fruidor na hipermodernidade*. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharel em Artes Visuais. Cachoeira. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Meneghetti, A. (1992). *Ontopsicologia e OntoArte no Brasil*. ABO, Porto Alegre.

Meneghetti, A. (1996). *Os estabilizadores da matriz reflexa*. Scandriglia (ITA): Summer, 16/08/1996. Vídeo (47:49 mim). Recuperado em 09 de setembro de 2022, de Fundação Antonio Meneghetti.

Meneghetti, A. (2010). *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

Meneghetti, A. (2012). *Dicionário de Ontopsicologia*. 2 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

Meneghetti, A. (2013a). *Genoma ôntico*. 3 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

Meneghetti, A. (2013b). *Psicologia empresarial*. 3 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

Meneghetti, A. (2014). *Pedagogia Ontopsicológica*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

Meneghetti, A. (2015a). *Campo semântico*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

Meneghetti, A. (2015b). *O Em Si do homem*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

Meneghetti, A. (2015c). *Filosofia Ontopsicológica*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

Meneghetti, A. (2015d). *Fisicidade e Ontologia*. 1. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

Meneghetti, A. (2016). *A imagem alfabeto da energia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

Meneghetti, A. (2017). *Monitor de deflexão na psique humana*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

Meneghetti, A. (2018a). *Antonio Meneghetti sobre... Criatividade e sensibilidade estética*. 1. ed. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti.

Meneghetti, A. (2018b). *O critério ético do humano*. 2 ed. Recanto Maestro: Restinga Sêca: Ontopsicológica Editora Universitária.

Meneghetti, A. (2019). *A psicossomática na ótica ontopsicológica*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

Meneghetti, A. (2020). *OntoArte O Em Si da Arte*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

Meneghetti, A. (2022). *Manual de Ontopsicologia*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

Michaelis. (2023). *Dicionário Michaelis moderno da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos. Versão Online.

Nunes, M, F, de O. (2022). *As vivências intencionais segundo Edmund Husserl*. Revista Filogênese - Revista Eletrônica de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UNESP. Vol. 17, n. 1, p. 25-34.

Petry, A. (2013). *Prospecto Histórico-Científico do Acadêmico Prof. Antonio Meneghetti*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

Pires, J. J. (2012). *Considerações sobre o conceito de intencionalidade*. Revista Kínesis, Vol. IV, n° 07, pp. 286-302.

Pires, J. J. (2019). *Franz Brentano e a distinção entre fenômenos físicos e fenômenos psíquicos*. Guairacá Revista de Filosofia. V. 35, n.1 p. 34-55.
<https://doi.org/10.5935/2179-9180.20190003>

Romero, I. G. (1986). *Husserl y la crisis de la razon*. Madrid: Editorial Cincel.

Smith, Barry. & Burkhardt, Hans. (1991). *Handbook of Metaphysics and Ontology*. (Analytica) Munique: Philosophia Verlag.

Spiegelberg, H. (1963). *The Phenomenological Movement*. The Hague: Martinus Nijhoff.

Serra, M. A. (2022). *Virada icônica e fenomenologia da consciência de imagem: considerações em retorno às análises de Edmund Husserl e sua faceta semiótica*. Kriterion, n 151. p. 215-236.
<https://doi.org/10.1590/0100-512x2021n15110ams>

Silva, M. M. M. (2012). *Fantasia e Consciência de Imagem, Lições Apresentadas por Edmund Husserl no Semestre de Inverno de 1904-1905: Tradução, Introdução e Notas*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. USP. São Paulo. São Paulo. Brasil.

Smith, B; Burkhardt, H. (1991). *Introduction* In.: Handbook of metaphysics and Ontology. Analytica Philosophia Verlag. p. XXI-XXII.

Sousa, M, C. (2014). *O estatuto ontológico das intenções sensíveis*. Griot. Revista de Filosofia, Amargosa, Bahia - Brasil, v.9, n.1 pp. 66-74.
<https://doi.org/10.31977/grifi.v9i1.599>

Torrez, A. S. (2016). *El concepto de intencionalidad en la fenomenología como psicología descriptiva - Brentano, Twardowski y Husserl*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Teseopress.

Ueno, M. (1996). *Arte solar. Sua linguagem é única, expressa o prazer de viver e a essencialidade do ser*. In: Meneghetti, A. Ontopsicologia e OntoArte no Brasil. ABO, 1996.

Uzelac, M. (s.d). *Arte e Fenomenologia in Husserl*. (M. B. Guerri, Trad.) Recuperado em 24 de janeiro de 2024, de https://www.uzelac.eu/Strane_studije/18_UzelacMArteeFenomenologiaInHusserl.pdf

Vidor, A. (2013). *Fenomenologia e Ontopsicologia - De Husserl a Meneghetti*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

Vidor, A. (2014). *Opinião ou ciência Tecnologia x vida*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

Xirau, J. (2015). *Introdução a Husserl*. 1 ed. Rio de Janeiro. Contraponto. Trad. Vera Ribeiro.

Zahavi, D. (2015). *A fenomenologia de Husserl*. 1 ed. Rio de Janeiro. Via verita editora.

Zilles, U. (2007). *Fenomenologia e Teoria do conhecimento em Husserl*. Revista da Abordagem Gestáltica. v.13 n.2 p. 216-221.
<https://doi.org/10.18065/RAG.2007v13n2.4>